





Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin











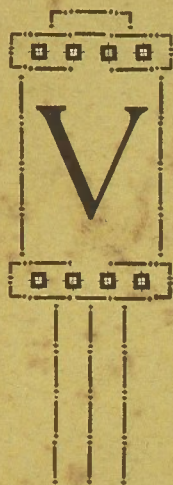




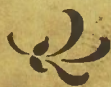




JOÃO DO RIO  
(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

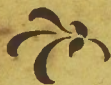
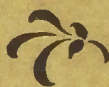


Vida



Vertiginosa

*Quel changement ô ciel !  
et d'âme et de langage !*



Livraria GARNIER IRMÃOS  
109, rua do Ouvidor, RIO DE JANEIRO  
-:- 6, rue des Saints-Pères, PARIS -:-







VIDA VERTIGINOSA



DE JOÃO DO RIO

Religiões no Rio, 8ª edição.

Alma encantadora das ruas, 3ª edição.

Momento literario.

Jornal de verão.

Cinematographo (chronicas cariocas).

Frivola City (chronicas mundanas).

Os dias passam (chronicas).

Fados e Canções de Portugal.

Portugal d'agora (impressões de viagem).

Psychologia Urbana (conferencia).

Dentro da noite (contos).

Profissão de Jacques Pedreira (romance).

Traducção das obras em prosa de Oscar Wilde: *Salomé*,  
*Retracto de Dorian Gray*, *Theatro*, *Intenções*.

---



JOÃO DO RIO

(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

---

# Vida Vertiginosa

---

Quel changement ô ciel! et d'âme  
et de langage!



H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109  
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS PÈRES, 6  
PARIS

1911







*A GILBERTO AMADO*







*Este livro, como quantos venho publicando, tem a preocupação do momento. Talvez mais que os outros. O seu desejo ou a sua vaidade é trazer uma contribuição de analyse á época contemporanea, suscitando um pouco de interesse historico sob o mais curioso periodo da nossa vida social que é o da transformação actual de usos, costumes e idéas. Do estudo dos homens, das multidões, dos vicios e das aspirações resulta a fisionomia caracteristica de um povo. E bastam ás vezes alguns traços para que se reconheça o instante psychico da fisionomia. E' possível acoimar de frivola a forma de taes observações. Nem sempre o que é ponderado e grave tem senso. E o pedestre bom senso, de que a sciencia é prolongamento, sempre aconselhou dizer sem fadiga o que nos parece interessante...*







# A Era do Automovel







## A ERA DO AUTOMOVEL

E, subitamente, é a era do Automovel. O monstro transformador irrompeu, bufando, por entre os descombros da cidade velha, e como nas magicas e na natureza, asperrimaeducadora, tudo transformou com apparencias novas e novas aspirações. Quando os meus olhos se abriram para as agiuras e tambem para os prazeres da vida, a cidade, toda estreita e toda de mau pizo, eriçava o pedregulho contra o animal de lenda, que acabava de ser inventado em França. Só pelas ruas esguias dois pequenos e lamentaveis corredores tinham tido a ousadia d'apparecer. Um, o primeiro, de Patrocínio, quando chegou, foi motivo de escandalosa attenção. Gente de guarda chuva de baixo do braço, parava estarecida com se tivesse visto um bicho de Marte ou um aparelho de morte immediata. Oito dias depois, o jornalista e alguns amigos, acreditando voar com trez kilometros por hora, rebentavam a machina de encontro ás arvores da rua da Passagem. O outro, tão lento e parado que mais parecia uma tartaruga bulhenta, deitava tanta fumaça que, ao vel-o passar, varias damas sufocavam. A imprensa,



arauto do progresso, e a elegancia, modeio do snobismo, eram os percussores da era automobilica. Mas ninguem advinhava essa era. Quem poderia pensar na futura influencia do Automovel deante da machina quebrada de Patrocinio? Quem imaginaria velocidades enormes na carriola difficultosa que o conde Guerra Duval cedia aos clubs infantis como um brinco identico aos baloiços e aos ponneys mansos? Ninguem! absolutamente ninguem.

— Ah! um automovel, aquella machina que cheira mal?

— Pois viajei nelle.

— Infeliz!

Para que a éra se firmasse fôra precisa a transfiguração da cidade. E a transfiguração se fez como nas féérias fulgurantes, ao tan-tan de Satanaz. Ruas arrazaram-se, avenidas surgiram, os impostos aduaneiros cahiram, e triumphal e desabrido o automovel entrou, arrastando desvairadamente uma catadupa de automoveis. Agora, nós vivemos positivamente nos momentos do automovel, em que o « chauffeur » é rei, é soberano, é tyranno.

Vivemos inteiramente presos ao Automovel. O Automovel rithmiza a vida vertiginosa, a ancia das velocidades, o desvario de chegar ao fim, os nossos sentimentos de moral, de esthetica, de prazer, de economia, de amor.

Mirbeau escreveu : — « O gosto que tenho pelo « auto » irmão menos gentil e mais sabio do barco,



pelo patim, pelo balanço, pelos balões, pela febre também algumas vezes, por tudo que me leva e me arrasta, de pressa, para além, mais longe, mais alto, além da minha pessoa, todos esses appetites são correlatos, têm a origem commum no instincto, refreado pela civilização, que nos leva a participar dos ritmos, de toda a vida, da vida livre, ardente, e vaga, vaga ai! como os nossos desejos e os nossos destinos... »

Não, eu não penso assim. O meu amor, digo mal, a minha veneração pelo automovel vem exactamente do typo novo que Elle cria preciso e instantaneo, da acção começada e logo acabada que Elle desenvolve entre mil acções da civilisação, obra Sua na vertigem geral. O automovel è um instrumento de precisão phenomenal, o grande reformador das fórmulas lentas.

Sim, em tudo! A reforma começa, antes de andar, na linguagem e na orthographia. E' a simplificação estupenda. Um simples mortal de ha vinte annos passados seria incapaz de comprehender, apesar de ter todas as letras e as palavras por inteiro, este período: « O Automovel Club Brasil sem negocios com a Sociedade de Automoveis de Reims, na garage Excelsior. » Hoje, nós ouvimos dialogos bizarros :

— Foste ao A. C. B?

— Iéss.

— Marca da fabrica?

— F. I. A. T. 60-H. P. Tenho que escrever ao A. C. O. T. U. K.



O que em palestra diz-se ligando as letras em palavras de aspecto volapuckeano, mas que traduzido para o vulgar significa que o cavalheiro tem uma machina da Fabrica Italiana de Automoveis de Turim, da força de 60 cavallos e que vae escrever para o Aereo Club do Reino Unido.

E' ou não é prodigioso? E' a lingua do futuro, a lingua das iniciaes só entrevista segundo Bidon pelo genial José de Maistre, que fazia *cadaver* (mesmo credor) derivar de *corpus datus vermibus*.

Um artigo de duzentas linhas escreve-se em vinte quasi stenographado. Assim como encurta tempo e distancias no espaço, o Automovel encurta tempo e papel na escripta. Encurta mesmo as palavras inuteis e a tagarellice. O monosyllabo na carreira é a opinião do homem novo. A literatura é ocio, o discurso é o impossivel.

Mas o automovel não simplifica apenas a linguagem e a orthographia. Simplifica os negocios, simplifica o amor, liga todas as coisas vertiginosamente, desde as amizades necessarias que são a base das sociedades organisadas, até o idyllio mais puro.

Um homem, antigamente, para fazer fortuna, precisava envelhecer. E a fortuna era lamentavel de pequena. Hoje, rapazolas que ainda não tem trinta annos, são millionarios. Por que? Por causa do automovel, por causa da gazolina, que fazem os meninos nascer banqueiros, deputados, ministros, directores de jornal, reformadores de religião e da esthetica, aliás com muito mais acerto que os velhos.



Si não fossem os 120 kilometros por hora dos Dietriche de *course* não se andaria moralmente tão depressa. O automovel é o grande suggestionador. Todos os ministros têm automoveis, os presidentes de todas as coisas têm automoveis, os industriaes e os financeiros correm de automovel no desespero de acabar de pressa, e andar de automovel, é sem discussão, o ideal de todo a gente.

Vá qualquer sujeito que se preza á casa de outro, de tilbury ou de carro. Com um pouco de intimidade o outro dirá fatalmente :

— Pobre creatura! Como deves estar moido! Levaste para ahi uma infinidade de tempo! Despede o caranguejo e vem no meu *auto*.

Auto! Compreendam o quanto vai de mysterioso, de primacial, de autonomo nesta palavra! Dahi, de certo, o poder fascinador para concluir negocios da invenção vertiginosa. Chega-se com estrepito, *stopa-se* brusco, salta-se.

— O sr. veiu de automovel?

— Para quem tem tanto que fazer!

— E' uma bella machina.

— E' minha, e está ás suas ordens.

— E o *chauffeur*?

— Tambem meu. Mas o *chauffeur* é sempre o que menos guia. Teria muito prazer em conduzil-o...

Na outro dia o negocio está feito, principalmente si o contractante não contracta por conta propria.

Para se ganhar dinheiro, acima do commum sedentario, é preciso ter um automovel, conserval-o,



alugal-o. A chimera montavel dos idealistas não é outra senão o Automovel. Nelle, toda a quentura dos seus cylindros, a trepidação da sua machina transfundem-se na pessoa. Não é possível ter vontade de parar, não é possível deixar de desejar. A noção do mundo é inteiramente outra. Vê-se tudo fantasticamente em grande. Graças ao automovel a paysagem, morreu — a paysagem, as arvores, as cascatas, os trechos bonitos da natureza. Passamos como um raio, de oculos enfumaçados por causa da poeira. Não vemos as arvores. São as arvores que olham para nós com inveja. Assim o Automovel acabou com aquella modesta felicidade nossa de bater palmas aos trechos de floresta e mostrar ao estrangeiro *la naturaleza*. Não temos mais *la naturaleza*, o Corcovado, o Paão de Assucar, as grandes arvores, porque não as vemos. A natureza recolhe-se humilhada. Em compensação temos palacios, altos palacios nascidos do fumo de gazolina dos primeiros automoveis e a febre do grande devora-nos. Febre insopitavel e bemfazeja! não se lhe pode resistir. Quando os novos governos começam, com medo de perder a cabeça, logo no começo ministros e altas autoridades dizem sempre :

— Precisamos fazer economias.

Como? Cortando orçamentos? Reduzindo o pessoal? Fechando as secretarias? Diminuindo vencimentos?

Não. O primeiro momento é de susto. As autoridades dizem apenas.



— Vamos vender os automoveis.

Mas logo altas autoridades e funcionarios sentem-se afastados, sentem-se recuados, tem a sensação penosa de um Rio incomprehenhivel, de um Rio anterior ao Automovel, em que eram precisos mezes para realisar alguma coisa e horas para ir de um ponto a outro da cidade. E então o ministro, mesmo o mais retrogrado e velho revoga as economias e murmura :

— Vão buscar o Automovel !

Oh ! o Automovel é o Creador da época vertiginosa em que tudo se faz de pressa. Porque tudo se faz de pressa, com o reljio na mão e, ganhando vertiginosamente tempo ao tempo. Que idéa fazemos de seculo passado ? Uma idéa correlata a velocidade do cavallo do carro. A corrida de um cavallo hoje, quando não se aposta nelle e o dito cavallo não corre numa raia, é simplesmente lamentavel. Que idéa fazemos de hontem ? Idéa de bonde electrico, esse bonde electrico, que deixamos longe em dois segundos O Automovel fez-nos ter uma apudorada pena do passado. Agora é correr para a frente. Morre-se de pressa para ser esquecido d'alli a momentos ; come-se rapidamente sem pensar no que se come ; arranja-se a vida de pressa, escreve-se, ama-se, goza-se como um raio ; pensa-se sem pensar, no amanhã que se pode alcançar agora. Por isso o Automovel é o grande tentador. Não ha quem lhe resista. Desde o Dinheiro ao Amor. O Dinheiro precisa de automoveis para mostrar quem é. O Amor serve-se



do automovel para fingir Dinheiro e apressar as conquistas. Por S. Patricio, patrono dos automoveis ! Já reparastes que se julga os homens pelo Automovel? Ouvi os comentarios.

— Não. Elle está bem. Vi-o d'automovel.

— Lá vae aquelle canalha d'automovel. Quanta ladroeira !

— Bravo ! De automovel...

— Os negocios d'elle são tantos que já comprou outro automovel para dar-lhes andamento.

E no Amor?

As mulheres de hoje em dia, desde as *cocottes* ás sogras problematicas, resistem a tudo : a flores, a vestidos, a camarotes de theatro, a jantares caros. Só não resistem ao automovel. O homem que consegue passear a dama das seus sonhos nos quatro cylindros da sua machina, está prestes a ver a realidade nos braços.

— Vamos passear de automovel?

— De automovel?...

Toda a sua physionomia illumina-se. Si a paixão é por damas alegres, antes da segunda velocidade, nós já vamos na recta da chegada. Si a paixão é difficil, ha sempre a phrase :

— Que bom automovel ! E' seu?

— E' nosso...

Então, com uma *carrosserie* de primeira ordem, *châssis* longo, motorista fardado, na terceira velocidade, — pega-se.

— Ai que me magôas.



— Tu é que cahiste...

Como o amor é o fim do mundo, num instante comprehende-se que de automovel lá se chegue com a rapidez instantanea. Comprehende-se mesmo ser impossivel a indifferença nas machinas diabolicas. Quando se quer dar por concluida uma conquista, diz-se;

— Foi passear de automovel com elle!

E para a mulher do seculo **xx** todo o prazer da vida resume-se nesta delicia :

— Vou passear d'automovel!

Ah! o automovel! Elle não criou apenas uma profissão nova : a de *chauffeur*; não nos satisfiz apenas o desejo do vago. Elle precisou e accentuou uma época inteiramente Sua, a época do automovel, a nossa delirante e inebriante época de furia de viver, subir e gosar, porque, no fundo, nós somos todos *chauffeurs* moraes, agarrados ao motor do engenho e tocando para a cubiça das posições e dos desejos satisfeitos, com velocidade maxima, sem importar com os guarda-civis, os desastres, os transeuntes, sem mesmo pensar que os bronzes podem vir a derreter na carreira doida do triumpho voraz!

Automovel, Senhor da Era, Creador de uma nova vida, Ginete Encantado da transformação urbana, Cavallo de Ulysses posto em movimento por Satanaz, Genio inconsciente da nossa metamorphose!







O Povo e o Momento







## O POVO E O MOMENTO

A um estrangeiro intelligente que, havia mezes aqui aportara, perguntei, como toda gente, por uma fatalidade de raça talvez, as suas impressões.

— A respeito?

— Do momento.

— Do momento e do povo?

— Naturalmente.

Elle conhecia um pouco da nossa historia, falava bem portuguez, lia os nossos jornaes. Respondeu-me.

— O povo e o momento. Naturalmente. O povo das cidades varia segundo os momentos historicos. Esses momentos historicos duram ás vezes muitos annos. O povo de Ieddo, ha cinocenta annos não era positivamente o mesmo de hoje, depois da guerra, de Togo, depois que assiste ás representações de Ibsen. O meio é entretanto o mesmo, e a raça é a mesma. E' que os philosophos esqueceram o factor tempo. A vida para as nações tem tambem um relógio que marca o gyro do progresso. E, em



cada um dos momentos desse dia immenso, as gerações mostram uma feição propria. Ha povos que estão no momento da treva inicial, ha os que estão na treva de que se não volta. Ha tambem outros que dão a sensação de crepusculo, de um lento crepusculo de verão prolongado; outros crepusculo de inverno, rapidos, cahindo como uma barra de ferro cinza. Se eu tivesse aqui aportado em qualquer anno do Segundo Imperio, teria visto o mesmo, exactamente o mesmo povo de hoje? Não! Absolutamente não! Os povos novos evoluem com uma rapidez espantosa. Este galopou. E' como se tivessem posto uma pedra no aparelho do relógio para obrigar-o a adiantar-se alguns segundos. E o curioso é que no momento, é o povo menos constituido da terra.

Foi no dia seguinte ao da minha chegada que ouvi pela primeira vez a classica pergunta num club militar.

— Que pensa do nosso Rio?

— Não penso nada.

— Illustres viajantes, ao contrario...

— Sei d'isso.

— Têm até promettido livros.

— Devo dizer a verdade, então? Penso, penso da cidade coisas graves, gravissimas, que não convem dizer.

Algumas fisionomias jovens perderam a affabilidade.

— Tão graves que se não possa dizer nenhuma?



— Se fosse um indifferente diria : *c'est charmant!* Mas não sou. E' o maior crime humano, a indifferença. Viver é vibrar; viver é interessar-se com entusiasmo pelo assombroso espectáculo da vida. O verso de Terencio.

Homo sum, et nihil humani a me alienum puto.

é a maxima guia do ser intelligente...

Houve um silencio. Continuei então.

— Por isso digo, por exemplo, que no Rio o povo é o menos constituido da terra. E, graças aos deuzes, consegui explicar a impressão do scenario da multidão movediça.

O povo do Rio está em formação de um typo definitivo. Por emquanto, dizem as estatisticas. ha maioria de brasileiros e da colonia portugueza na população. Será assim dentro de vinte annos? Elle parece que espera com prazer outros elementos componentes. Os elementos de agora são o brasileiro na maioria filho ou neto de estrangeiro, o portuguez vindo dos campos, das aldeias, e não das cidades, o hespanhol, o inglez, o allemão, o francez, o syrio e cada vez em maior numero, o italiano. Como o brasileiro é contrabalançado assim e tem ainda por cima o sangue do colono, segue-se que moralmente elle se sente inferior, elevando um protesto a dizer apenas :

— Estou na minha terra !

Sem aliás uma arraigada convicção a respeito.



Dahi, em vez de se dar o caso da America do Norte em que se faz a absorpção do immigrante, o phenomeno inverso da absorpção do nativo pelo immigrante. E o nativo é de uma plasmaticidade espantosa. A primeira influencia é a do portuguez. O brasileiro adapta-se a elle. Ha vinculos de sangue, ha apegos de carne. Mas o portuguez é tambem adaptabilissimo. Resiste um pouco, mas cede. De modo que vem o allemão e impõe a cerveja e o choucroute, vem o inglez e impõe a lingua, vem o italiano e impõe desde a lingua á alimentação, vem o filho da Galliza e lança os seus habitos tambem. Andei por diversos bairros, assisti a espectaculos, observei, fiz sempre o possivel para não errar. Mas eu raramente erro numa observação e a que eu fazia, logo depois de chegar, era que em nenhum paiz do mundo o immigrante se conserva tão preso ao seu paiz forçando mesmo o nativo a amal-o e respeit-o, e que tambem em nenhum paiz da terra o immigrante tem tanto direito, e está tanto na sua casa.

— E Paris?

— Paris é uma cidade de prazer, onde se vai gastar dinheiro. Ha touristes, ha ricos, não ha immigrantes. Mesmo assim, sendo a cidade de todo mundo, não ha artista estrangeiro que faça dinheiro e tenha o theatro cheio, e desde que se vai agir todas as portas se fecham. No Rio, ha companhias allemãs, inglezas, italianas.

— E Nova-York?

— Em Nova-York o estrangeiro cáe numa tor-



rente para reaparecer americano. Desse dominio não consciente, premeditado, mas vindo naturalmente da fraqueza numerica e moral do nativo, em que a intelligencia se casa a um scepticismo indolente e vagamente orgulhoso, desse dominio de colonias, presas aos paizes originarios e por consequencia apenas com um interesse sério : o lucro monetario da ajuda reciproca entre patricios, segue-se que o Rio é uma cidade sem opiniões, sem convicções politicas, sociaes ou artisticas, trocista sem haver razão, enthusiastica quando ainda menos razão ha, e opposicionista systematicamente, como as crianças destruidoras.

Tem opiniões politicas? Nenhuma. Ou antes, é garridamente contra os governos, contra todos os homens de governo do Brasil, quando elles estão occupando os cargos. Isso não é opinião. E' uma teimosia. Se fosse um typo definido seria uma idyosincrasia, cujo resultado era claro : a revolta. Sendo uma salada de fructas é uma pretensão ingenua — a que os governos pódem não dar importancia. Passei o periodo mais agudo da chamada campanha das candidaturas no Rio. Era a primeira vez que se dava a campanha — « porque o povo nunca antes se interessára pela eleição do seu presidente ! » Os jornaes vinham inflammados e incendiarios. Ao lèl-os parecia que o vulcão rebentaria. Ao passar pelas ruas, o menos avisado asseguraria a luta para dali a momentos. Gritos, aclamações, vaias, assobios, cavallarias, tiros, um horror.



O povo era contra o candidato de um grupo poderoso que ha muito se apossou da administração, chefiado por um caudilho de manha vulpina. E era pela candidatura de uma das maiores intelligencias contemporaneas, um talento mundial, cujo nome basta para lembrar aos paizes uma série de actos admiraveis. O Brasil mesmo, de homens assim respeitados mundialmente, talvez só tenha um outro. Que pensar da opinião politica desse povo? Uma das maiores acclamações que eu tenho visto foi a feita ao candidato civil.

Mas felizmente metti-me nessa multidão de barulho diario. E só tirei uma certeza : a aversão ao militarismo pelas proprias causas de internacionalismo do povo e do impatriotismo generalizado. Quanto aos resultados da campanha, o governo no dia supprimiu as eleições, fechando os collegios e o povo veiu para a rua ver um jornal contra as suas opiniões içar um boneco com um numero fantastico de votos.

Nem uma pedra, nem um gesto violento, desses que a menor manifestação politica sacodem Paris, Londres ou mesmo a inenarravel corrupção de Nova-York ! No dia seguinte em vez da Commune de que se fallava — um frio glacial, um frio que eu ia escrever commercial.

Não era possivel outra cousa? A antipathia á candidatura continuava, mas ao medo da ameaça do militar succedia o receio do facto. Não podia haver patriotismo, noções de patria, quando os



interesses economicos dominavam. E não haverá um « sentimento geral de patriotismo » enquanto a fusão immigratoria não se der, creando um typo perfeito que esteja na sua casa cuidando dos interesses dessa casa para o seu proprio interesse.

São possiveis e até communs os rompantes, que em certo tempo formaram, segundo me dizem, até uma corrente denominada jacobina. Mas o « sentimento geral », esse falha. Deante das manifestações artisticas, as classes cultas querem o estrangeiro. Mas deante de outras faces da vida, desde o genero de primeira necessidade ao divertimento e ao prazer carnal, o impeto é para o estrangeiro.

Nos paizes feitos quer-se o estrangeiro para gastar. No Rio o povo deseja-o para ganhar, e dá-lhe logo todas as regalias, tudo quanto elle deseja.

Não fossem elles patriotas — isto é, homens simples ligados aos seus paizes — occupariam fatalmente cargos publicos. Fui a varios theatros. Estavam cheios os estrangeiros. Interroguei varios negociantes — e o commercio começa a se tornar um dos mais adiantados do mundo quando já era um dos mais fortes. — Um negociante confessou-me :

— Vendo producto nacional, mas com a marca estrangeira. E' preciso, para vender...

E o phenomeno claro não é percebido : a suggestão do immigrante que naturalmente, sem querer, zela pelos interesses economicos do seu paiz, conservando os seus gostos e impondo-os ao nativo.



O estomago e a lingua são sempre bases segurissimas de observação. Pois bem. Em cem estrangeiros domiciliados no Rio talvez nem dez tolerem uma certa cousa chamada carne secca, prato nacional. Em cem brasileiros não haverá um que não goste de pratos hespanhóes, italianos, portuguezes, allemães. Ha estrangeiros que passam uma existencia sem fallar o portuguez. O brasileiro é verdadeiramente espantoso para fallar linguas estrangeiras. Encontrei negros nos « schisphands » do cães fallando inglez, e o inglez é, segundo me parece, a menor colonia do Rio. A menor colonia não. A menor é a franceza. Mas o francez toda gente falla. E' a lingua diplomatica, a lingua de quem recebe...

Assim, eu tive do povo do Rio uma impressão de uma confusão de elementos em caminho de cristalização. Do carioca antigo quasi nada resta. O typo de hoje é o perdulario sem fortuna, conservador, melancolico, achando tudo mal na sua terra, posto que vá ao inferno para que digam bem della, sensual com um manto de hypocrisia colonial, que cada vez se adelgaça mais, substituindo as opiniões que devia ter por um deboche que vai da vaia garota ao sorriso sceptico, condescendente em extremo « despreoccupado e commercial ». E junto essas palavras que se contradizem para explicar o exaggero das negociatas em que o arranjo amoral substitue muitas vezes o trabalho.

Para o estrangeiro como eu, e francez de origem,



é delicioso tal povo, porque é sempre bom estar numa terra onde se está mais á vontade do que na propria. Ha uma verdade confidencial nas entrelinhas dos artigos de vasio louvor. E' essa.

Eu abstive-me, porém, do louvor vasio. Assistia a uma aggregação de elementos para uma força tão radiosa, que dominará o mundo. Nunca senti, nunca palpei tanto vigor. E essa aggregação de futuro povo faz-se na base de uma grande e indestructivel esperança. E' o momento, o momento inolvidavel, o momento da definitiva transformação.

Mas têm todos o maravillamento da propria obra?

— Certo.

Isso é dos povos crianças e dos povos decadentes. Os extremos tocam-se, e são crepusculos o da aurora e o do occaso. No meu caso é a ingenuidade do gigante menino que suspendeu uma montanha, e depois, admirado de o ter feito, exige o pasmo universal. Outr'ora dizem, que o estrangeiro só fallava da natureza. Da natureza livre, selvagem e gloriosamente feroz. Era de certo porque mais não havia. Os argentinos levavam á impertinencia essa amabilidade :

— Oh! la naturaleza!...

Os cariocas, enraivados, quasi não mostravam ao estrangeiro a natureza, o Corcovado, o Pão de Assucar, a Tijuca, as ilhas, a bahia de Guanabara. Desde que, porém, o gigante acordou com as subi-



tas transformações materiaes, o frenesi de ser admirado, passou a desejar o louvor pelo assombro da luz electrica, das avenidas, dos cáes, de cousas que o europeu deve conhecer bem.

Dous mezes depois de estar no Rio ainda não conhecia uma celebre pedra, que muito apparece em cartões postaes e denominam Pedra de Itapuca. Nessa pedra de Itapuca de certo habitou algum magico, indio, para que a photographem, porque é de uma banalidade morbida. Pedi, entretanto, a um jornalista para lá irmos.

— Vamos antes ver o Cáes.

— Mas a Pedra?

— Vamos antes ver a Avenida Beira-Mar.

Parecia ter medo que eu insistisse. Ao demais, elles têm a convicção realmente deliciosa de meni-neira, a convicção de que são os primeiros do mundo, os maiores do mundo em tudo quanto começam a fazer ou mandam fazer. E' uma feição bem americana do seu modo de ser, e já um começo de crystalisação do futuro e definitivo typo.

— Já viu a nossa Avenida Beira-Mar?

— Já.

— E' a maior do mundo, pois não?

E outro logo :

— Dizem que mais bonita que a de Nice...

Creio que essa opinião tem o povo a respeito tambem da Avenida Central e das outras avenidas.

Mas a esse apego ao sólo e á obra material tão accentuado no carioca corresponde o eterno des-



preso pelo trabalho nacional e a maior irreverência pelos homens de merito do seu paiz desde os politicos aos artistas. Os jornaes que se vendem mais são os jornaes que descompõem toda a gente. Não se pede a quem descompõe qualquer qualidade que o imponha. Basta descompôr. Parece, aliás, que esse processo generalizado já não faz mal. Os politicos são todos ladrões, descarados, sem vergonhas desde o primeiro magistrado ao delegado de policia. Quando deixam os cargos viram honestos aos olhos do povo e não raro dizem dos que os insultavam na vespera a mesmissima cousa, porque o povo é opposicionista. Opposicionista curioso pois, como todo o agglomerado rapido de raças diversas num terreno onde é facil enriquecer, em materia de negocios ha uma condescendencia de costumes mais ou menos californesca. O cavalheiro chamado de gatuno de fortunas, está certo de que a sua cotação sóbe. E os seus titulos subiriam na praça, tal a convicção unanime do facto.

Mas é preciso dizer, é regalo para o povo clamar :  
— A que estado chegamos ! E' o cumulo da miseria moral. Sucia de ladrões que nos governam ! Ah ! o suor do povo !

E esses excessos de linguagem são calmos, nas confeitarias, nos botequins. Entre os remediados corresponde a uma secreta pergunta :

— E se tambem arranjasse alguma cousa ?

Entre operarios, nas classes infimas, não corresponde nunca á idéa de rancor socialista. O que daria



uma discursista socialista em França não é motivo para zanga real entre os operarios de diversas raças do Rio. Será que o socialismo não tenha raises num paiz em que os canteiros-ganham 15 \$. por dia? Será que o não comprehendam? Sera por não acharem de facto, verdade no que dizem? Talvez por isso. Ninguem póde de longe pensar que esses administradores patriotas e cheios de vaidade de fazer grandes obras, se compromettam em rouba-lheiras ao atirar o paiz na senda do progresso com uma velocidade de 120 kilometros por hora. Não havendo convicções politicas, sendo o povo de ganhadores trocistas, capazes de denominar os negocios agricolamente de *cavação* e de qualificar o facto de receber dinheiro com a ajuda do verbo *comer*, a hostilidade é apenas de palavras. Pode-se *cavar*, pode-se *comer*. Ninguem se afunda. Ou, se cáe, é para resurgir dentro em pouco com redobrado vigor.

— E' apenas o sport da difamação, dizia-me um senhor grave. Entretemo-nos com isso como com o *cricket*, o *lawn-tennis*, o *foot-ball*. A honra alheia é a bola. E, no fundo, amamos a bola.

Essa insolencia estupenda com que se tracta o homem de governo, insolencia muito diversa da *blague* irreverente de Montmartre, é tambem uma liberdade a mais na immensa igualdade democratica. Ah! nunca vi, nunca absolutamente vi uma tal ausencia de respeito de classe. Ha gente que fala na Suissa. E' porque nunca estiveram no Rio!



E' a cidade da intimidade generalisada, dos intimos desconhecidos. Conhece-se o recém-chegado pela sua maneira respeitosa. Notando isso, disse-me alguém.

— Aqui a divisa é : *tão bom como tão bom*. Deante da autoridade : *Não pode!* Em frente ao mundo : *sabe com quem está falando?* De modo que todos são importantes, sem de longe pensar que ha differenças.

E, de facto, não ha. Os caixeiros de botequim, os creados de restaurant, tractam com insolencia, quando não são familiares com os freguezes. A maneira mais comum de mostrar deferencia, de *engrossar* como aqui se diz, é dar um abraço. Os carregadores falam de boina á cabeça e os continuos e os porteiros respondem sentados. Não ha da parte dos maltrapilhos o menor receio de varar a turba e ladear um sujeito de posição. A sensibilidade offendida é mesmo muito maior por parte da gentalha.

Um sujeito sem imputabilidade fica offendido porque o trataram mal mais rapidamente que o homem importante :

— O senhor não me cumprimentou hontem.

— Não vi.

— E', não viu, os pobres são despresados... Mas tenho visto castellos mais altos cahirem...

Castellos mais altos... Sabem o que é isso? E' a ameaça vaga do Destino adverso, é o terror da praga, é como o fio que liga invisivel o movimento



tempestuoso da turba. Ah ! a credence, o fetichismo, esse fatalismo assustado do povo ! Ha muitas religiões, ha mesmo um resurgimento da fé catholica entre varias religiões intellectuaes, mas o terror das crenças inferiores domina, a credence amarra cada creatura. Póde-se dizer que uma religião é geral : o medo ao Destino. A cidade tem mais de trezentas cartomantes e outro tanto de videntes, archontes, espiritas que se encarregam de ler o futuro, de fazer receitas e rezas e mandigas e feitiços. As casas estão sempre cheias. A praga assusta, o máo olhado atterrorisa, a sorte, o azar dominam.

E podia ser de outro módo? A immigração portugueza vem na quasi totalidade das provincias do norte, onde é desenvolvido mais do que em nenhum outro ponto de Portugal o que se chama o terror das velhas bruxas. A immigração italiano tem todo esse paganismo crente de figas e jettarutas. Os pretos importados da Africa infiltraram nas gerações a miseria das suas praticas. Junte-se a isso o estado de alma inquieta de cada typo, a ambição de fazer fortuna, de ganhar muito depressa. Um homem nessa tensão de espirito é o terreno proprio para todas as crenças do Azar...

— Fui a uma cartomante que assegurou a realisação de nosso negocio.

— Mas você acredita em cartomantes?

— Pelo menos dá-me esperanças, dá-me forças.

— E se ella dissesse o contrario?

— Eu tentava, a ver se é mesmo verdade...



Um pouco chocado com a intimidade geral, o « você » e o « tu » de desconhecidos de hontem, o ar dos creados cheios de importancia, a verdadeira insolencia com que as classes baixas passeiam, a competencia que qualquer individuo se arroga para discutir os mais variados assumptos, o ar « je sais tout » que é fatal encontrar no barbeiro, no taberneiro, no sujeito pernóstico empregado de repartição, capoeira eleitoral ou copeiro, no tilbureiro, no carregador, no hoteleiro, no menino do commercio, no garoto descalço, nas damas, nos homens, essa convicção « larousse », — fica-se um momento irritado. Caramba! E' ousadia, é topete de mais! Mas logo depois é forçoso sorrir. Basta prestar attenção ás discussões — (porque em vez de conversar mais commumente se discute. As discussões terminam sempre por phrases cortantes :

— Voce não entende nada disso.

— E é você que entende? Ora não seja besta.

— Besta é você...

Realmente nem um nem outro são bestas. Realmente nem um nem outro conhecem o assumpto que discutem : o vendeiro que fala de litteratura, o estudante que dá opiniões musicaes, o bombeiro que é positivista depois de assistir a umas conferencias do Sr. Teixeira Mendes, o actor com decretos politicos. Mas esse ar de igualdade esse mascarar de ignorancia com o aspecto do « je sais tout », esse tom trepidante, os impetos do progresso por accessos febris — tudo isso é a ousa-



dia, a divina ousadia da mocidade que na Europa perdemos. Falta methodo, uma anarchia colossal dá a impressão de pandemonio. Mas é a formação e a formação com uma força de intelligencia instinctiva. verdadeiramente inedita. E' possivel dizer :

— Que pessoal pernóstico !

Mas é justo assegurar :

— E' uma das cidades intelligentes, das mais intelligentes.

Porque a intelligencia de uma cidade é um dom que se avalia pelo seu interesse em querer saber. Só uma cidade apparece intellectual no mundo : é Roma.

Certo, não é possivel esconder a muito forte sympathia que os caracteres principaes do povo carioca me causaram. Não sei se seria pretencioso lembrando o prefacio de La Bruyère :

« Je rends au public ce qu'il m'a prêté, j'ai emprunté de lui la matière de cet ouvrage, il est juste que, l'ayant achevé avec toute l'attention pour la vérité dont je suis capable et qu'il mérite de moi, je lui en fasse la restitution. Il peut regarder avec loisir ce portrait que j'ai fait de lui d'après nature, et, s'il se connait quelques-uns des défauts que je touche, s'en corriger ».

Arrisco, entretanto a pretensão. Mesmo porque todos de cá, com raras excepções, são temivelmente pretenciosos no bom sentido em geral. Apenas, se me perguntarem : « E o lado esthetico?



E' bonito o povo? A impressão? » eu direi com tristeza :

— Não. A impressão geral do povo é feia. Vi multidões e multidões de noite e de dia em manifestações politicas. E' um povo misturado que se resente da falta de exercicios physicos e do excesso de pince-nez. Em geral os homens vestem sem gosto, são curvados, pallidos. O brasileiro é mesmo magro, secco. Nas grandes massas, as caras suarentas em que os brancos são accentuados por caras pretas e amarellas, em que se vê uma quantidade de pés nus, de homens em tamancos ou em chinellas — não é agradavel.

Mas ainda ahi o momento é transformador, porque os exercicios physicos preoccupam, os pince-nez diminuem, e até já se falla em obrigar os homens a andarem calçados contra a liberdade do « não póde! » geral.

E eu que pretendia partir, dous dias depois de chegar, trato o gerente de você, o creado de « tu », já abraço varios intimos quasi desconhecidos, acompanho um francez meu cicerone a uma secretaria onde tem um negocio muito complicado de usinas metallurgicas para a utilização do ferro...

E' a patria joven. Comprehendo o calor. Não é de sol. E' da multidão aquecida pelo torvelinho da vida intensa que vai produzir un grande paiz. Ainda neste momento leio que um navio acabado de construir é o maior do mundo :



Pretenção? Não! Elles talvez não saibam que não é. Juventude! Juventude apenas, a gloria da mocidade!

E o estrangeiro, a sorrir, concluiu:

— O grande momento em que se fórma um povo!

---



# O Amigo dos Estrangeiros







## O AMIGO DOS ESTRANGEIROS

— Permite que o apresente?...

— Oh! por quem é!

— O sr. Cicrano, um dos nossos homens mais apreciáveis. Estes cavalheiros e estas damas já devem ser seus conhecidos.

— Sim, talvez...

— Não ha duvida alguma. São mesmo. O capitão japonês Iro Kojú, a conferente filandesa Hips Heps, o joven pachá turco Muezim, el señor Gorostiaga nuestro amigo del Plata, Mlle Clavein, la charmante virtuose des danses arabes, miss Gunther, the admirable miss Gunther...

E' na rua. O sr. Cicrano faz muito atrapalhado um gesto esquivo, de quem não sabe o que ha de dizer. O grupinho internacional sacode a cabeça indeciso, com esses sorrisos de dançarina que nada exprimem. O amigo dos estrangeiros, o olho redondo, o gesto redondo, a bocca redonda, é o unico á vontade. Esfrega as mãos, espera um segundo, e liga a conversação :

— Pois sim senhor! A sra. Hips Heps gostou muito do Corcovado.



— Ah! muito bem.

— It is not, miss?

— All right, very beautiful...

— E o sr. Gorostiaga a Beira Mar...

— Es verdad. Mi quedé extactico, señor!

— Ah! muito obrigado.

O amigo dos estrangeiros estala uma gargalhada feliz.

— Ah! senhor Cicrano, estou convencido que a nossa capital é uma das primeiras do mundo!

— Sin duda! exclama Gorostiaga.

— Mais naturellement... sorri a virtuose das danças arabes.

O amigo dos estrangeiros ainda está uns segundos. Depois dá o signal da partida. O sr. Cicrano, alliviado, aperta aquellas mãos que nunca mais apertará e já não sabem por quem são apertadas. Passos adeante, o amigo dos estrangeiros descobre Beltrano, outro amigo :

— Esperem que lhes vou apresentar Beltrano. Querem?

— ... prazer! diz em massa e entre dentes o bloco dos touristes.

— Ainda temos tempo. Falta meia hora só para tomar o vapor e eu consegui duas lanchas com o inspector da policia maritima, a quem pretendo apresental-os.

E inclemente, o amigo dos estrangeiros segura Beltrano pela aba do casaco.

Quem é esse curioso homem amavel? Porque



uma tal temosia recreativa? E' inutil indagar. O amigo dos estrangeiros representa um ponto de interferencia entre a velha cidade patriarchal e hospitaleira e a nova cidade vertiginosa. Elle póde julgar-se como qualquer de nós um simples cavalheiro gentil, um pouco gentil de mais. Nós não poderemos ter essa modestia de classificação. O amigo dos estrangeiros é uma figura social, creada num certo momento pelo Destino em pessoa. Elle só, sósinho, resume o acolhimento das cidades novas desejosas de serem gabadas pelos representantes das antigas civilizações; elle só exprime e condensa uma semana official; elle só explica aquelle commentario do ironista francez após uma visita a America :

— Ils sont charmants, mais qu'ils sont assomants !

O amigo dos estrangeiros parece não viver como os mais, parece não ter afazeres, preocupações, necessidades, além do afazer, da preocupação, da necessidade de encontrar estrangeiros e de encher-os de gentilezas. Tambem é prodigioso, é incomparavel. O seu faro policial, o seu instincto sherlockeano não poderão ter jámais rival. Numa cidade em que o brasileiro é apenas grande colonia, num porto de mar visitado por centenas de navios de todas as procedencias, elle sabe descobrir o estrangeiro recém-chegado, sabe apanhar o estrangeiro com cartão de visita, sabe encontrar nos hoteis, nas ruas, em outros logares a



victima peregrina. Os estrangeiros hão de dizer:

— Mas que homem amavel ! E como elle conhece gente !

O amigo dos estrangeiros encontrou-os, trocou bilhetes de visita, pediu informações e apresentalos sem mais perguntas a quantos topa.

Os nacionaes, que com elle têm pouca intimidade e só o conhecem através daquellas imperativas apresentações, tiram-lhe o chapéo com immenso respeito.

— Diabo ! um sujeito que conhece o mundo inteiro...

Elle entretanto é uma flor, obrando por bondade, agindo por instincto. Um poder superior exige do seu bom coração aquelle esforço gratuito e mesmo dispendioso — porque para ser hospitaleiro ás direitas o amigo dos estrangeiros paga jantares, paga almoços, paga ceias, paga automoveis. Ha quem sorria da sua missão — os frivolos. Os observadores admiram-n'o. Uma conversa de meia hora com tão importante figura internacional dá bem a medida do progresso do Brasil, da corrente de curiosidade que pelo nosso paiz se faz no mundo. Nunca o encontramos sem um cacho de estrangeiros de nome. São bachareis de Coimbra, são officiaes de marinha, são filhos de millionarios americanos, são doutores das universidades allemãs, são banqueiros russos, estudantes francezes, conferentes de varias nacionalidades, industriaes de todas as terras, velhas damas literatas, actrizes



com ou sem renome. Não diz bom dia sem despejar dos bolsos alguns estrangeiros, não nos aperta a mão sem nos deixar na companhia de alguma personalidade desejosa de conhecer o nosso paiz. Essa condição especial deu-lhe uma segurança, uma autoridade verdadeiramente brilhantes. Elle apparece pelos theatros guiando um bando cosmopolita, entra sem dar satisfacção ao porteiro e dirige-se ao empresario.

— Trago aqui alguns estrangeiros illustres que desejam visitar as nossas casas de espectaculo. Já de certo ouviu falar nelles. E' o celebre nadador P'lourens, campeão do mundo, é o senador da Liberia Gomide, é o chefe zulú Togomú. Meus senhores, o distincto empresario, um dos nossos mais distinctos empresarios.

O empresario aturdido cumprimenta. O amigo dos estrangeiros põe-lhe a mão no hombro.

— Vae ter a gentiliza de mandar-nos abrir um camarote para mostrar-lhes de como tambem temos theatro, não é ? Os senhores vão ver uma opereta que aqui tem feito muito successo.

— Brasileira?

— Não, universal : a *Viuva Alegre*.

— Olé ! muito interessante...

— Conhecem?

O empresario não tem remedio sinão mandar abrir o camarote. Os estrangeiros não têm remedio sinão ouvir mais uma vez a valsa fatal que sôa aos ouvidos da humanidade, cantada e guinchada ha



muitissimos mezes. O amigo dos estrangeiros, porem, irradia, tendo conseguido mais uma prova de hospitalidade, sem poupar sacrificios, e subindo as escadas :

— Os nossos empresarios são como este, encantadores.

— Não ha duvida, dizem as victimas, monologando internamente : raios o partam !

Mas a hospitalidade é isso, a hospitalidade é uma tradição aborrecidissima, e o amigo dos estrangeiros é o mais caceteado e sempre a sorrir. Ha cinco annos diariamente passeia de automovel do Cães do Porto ao recinto da Exposição ouvindo em todas as linguas as mesmas phrases de admiração pela belleza da paisagem. Ha cinco annos diariamente mostra á Avenida Central e as novas avenidas. Ha cinco annos, diariamente leva a theatros e a clubs personalidades de outras terras. São tantos que ás vezes confunde.

— O principe magyar Za Konnine disse que a Avenida é a mais bella do mundo.

— Sériamente?

— Não sei ao certo si foi o principe Za Konnine, si a condessa russa Trepoff, si o bailarino exotico Balduino, si o encarregado de negocios do grão ducado de Baden.

— Grave problema hein?

— Si lhe parece ! Mas foi um delles, foi uma pessoa estrangeira notavel.

E sorri vagamente inquieto. Quantas complica-



ções não poderão advir d'aquella falta de segurança !...

O amigo dos estrangeiros está convencido de que presta um alto serviço gratuito á patria, que é o chefe e unico funcionario da repartição de propaganda ainda por fundar. Por isso explica sempre mais ou menos o motivo porque conduz os desembarcados. Si são chilenos aperta os laços fraternaes; si americanos do norte, canaliza para nós grandes capitaes; si japonezes, mostra ao gigante do oriente que gigantes somos nós; si inglezes, allemães, francezes completa a obra de missão de expansão economica realizada na Europa. Nada mais commovente do que vel-o gosar as palavras de banal gentileza dos que cicerona. Os seus olhitos redondos acompanham os menores gestos, sorprehendem os mais breves movimentos, indagam com uma perpetua desconfiança logo excessivamente agradecida. A' exclamação : — como é lindo ! — seja em que lingua fôr, sorri, cheio de vaidade :

— Então, que lhes dizia eu?

Parece que os estrangeiros estão a gabar uma cousa sua. Em noventa e nove casos sobre cem os estrangeiros farejam o facil negocio de ganhar dinheiro apenas com promessas de trabalhos demonstrativos da sua admiração crescente. Credulo e bom, o amigo dos estrangeiros interessa-se por elles, leva-os aos jornaes, aos ministerios, á sociedade.



E diz com convicção :

— Sabe que vamos ter um livro muito sincero a nosso respeito?

— De quem?

— Daquelle jornalista belga.

— Mas você é criança!

— Criança? Si elle me deu a sua palavra de honra!

O estrangeiro não escreve uma linha. O homem extraordinario conserva-se sorridente e puro, na sua missão superior. Si outros repetem a mesma historia, o amigo dos estrangeiros continúa a sorrir satisfeito e quando muito faz allusões vagas aos notaveis que por cá andaram sem escrever uma linha.

— O sr. deve conhecer o Doumer?

— Muito bem, mr. Doumer.

— Pois andou por cá, disse que ia fazer um livro em dois volumes.

— Não fez?

— E arranjou até — (eu não sei, é segundo dizem!) — uns bons cobres.

Para elle no fundo os estrangeiros são todos parentes e não tem vontade nenhuma de offendel-os. Até aos argentinos faz amabilidades. Quando perde uma caravana fica côm de terra, perde a fala de raiva.

— Eu bem digo!... Levar os estrangeiros pelo Estacio a Tijuca.

— Então?

— Para ver ruas empoeiradas! Essa gente não entende mesmo.



Depois, sorrindo com affectado desprezo :

— Eu por mim, não me importo. Sua alma, sua palma.

Encontrei hontem o bom amigo dos estrangeiros. Vinha suando, redondo, acompanhado de cinco homens todos estrangeiros. Estava exausto.

— Mas então sempre na lida?

— Que se ha de fazer? Estou que não posso mais.

— Descanse.

— Impossivel. Acabo de receber cartas de recommendação que me tomam o tempo até o fim do anno.

— Como assim?

— E' que os estrangeiros de passagem só encontrando aqui um homem amavel, que sou eu, guardam o meu nome e recommendam-me depois os amigos.

— De modo que você fica uma especie de consul universal?

— Mais ou menos. Como descansar? E' impossivel.

— Sim, é difficil. A menos que não queira morrer.

O amigo dos estrangeiros sorriu, desconsolado. Os estrangeiros, os ultimos cinco, estavam impacientes.

— Você permite que os apresente?

— Não.

— Por que?



— Porque não quero.

— Não me faça isso. E' gente de primeira. Vou leval-os ao ministerio!

E sorrindo, o amigo curioso, ergueu a voz.

— Aqui este distincto periodista que já ouviu muito falar dos senhores.

— Oh! monsieur...

— Monsieur...

— Merci, journaliste... Aqui o reverendo Schmidt de onde mesmo? Aqui o sr..... o sr.... o sr. como é mesmo o seu nome?... O sr. Berjanac, é verdade. Tão conhecido! Já fomos ás obras do Porto. Tiveram uma excellente impressão.

— Mais certainement...

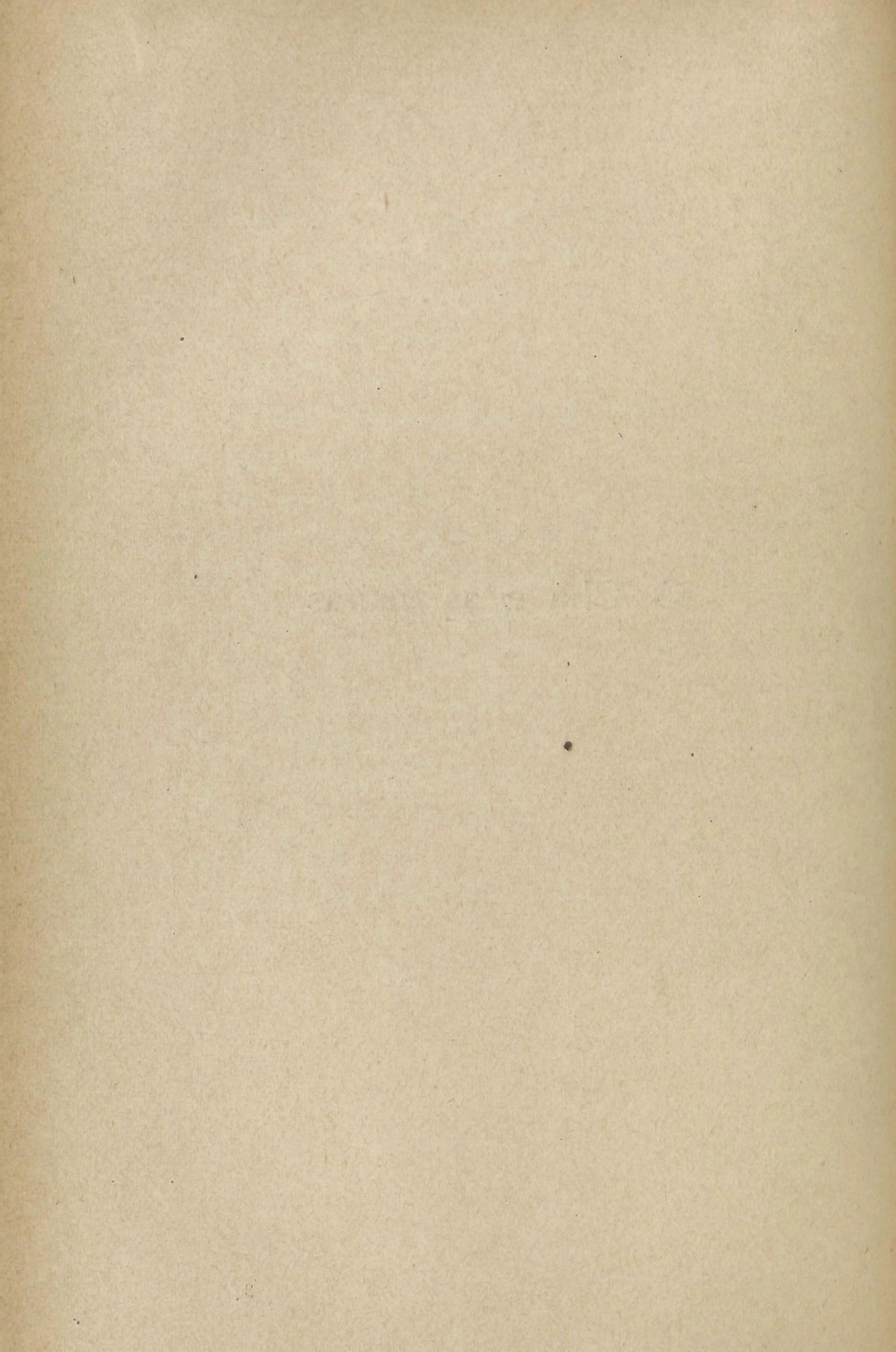
Olhei o amigo dos estrangeiros. Elle dizia aquillo com a mesma cara com que ha cinco annos o mesmo repete! Era uma vocação! Era um predestinado! Era espantoso! E mais uma vez eu o considerei na galeria dos representativos das tendencias moraes de um paiz, um typo excepcional, um typo que os deuses faziam unico e symbolico.

---



## O Chá e as visitas







## O CHÁ E AS VISITAS

A vida nervosa e febril traz a transformação subita dos habitos urbanos. Desde que ha mais dinheiro e mais probabilidades de ganhá-lo, — ha mais conforto e maior desejo de adaptar a elegancia estrangeira. A ininterrupta estação de sól e chuva de todo anno é dividida de accordo com o protocollo mundano; o jantar passou irrevogavelmente para a noite. Todos tem muito que fazer e os deveres sociaes são uma obrigação.

— Em que occupará a minha amiga o seu dia de hoje?

— A massagista, ás 9 horas, seguida de um banho tépido com essencia de jasmin. Aula pratica de ingléz ás 10. *All right!* Almoço á ingleza. Muito chá. *Toilette*. Costureiro. Visita a Fulana. Dia de Cicrana. Chá de Beltrana. Conferencia literaria. Chá na Cavé. Casa. *Toilette* para o jantar. Theatro. Recepção seguida de baile na casa do general...

Não se póde dizer que uma carioca não tem occupações no inverno. E' uma vida de terceira veloci-



lade extra-urbana. Mas também todos os velhos e todas as velhas que se permittem ainda existir, não contém a admiração e o pasmo pela transformação de magica dos nossos costumes. E a transformação subita, essa transformação que nós mesmos ainda não avaliamos bem, feita assim de repente no alçapão do Tempo, foi operada essencialmente pelo Chá e pelas Visitas.

Sim, no Chá e nas Visitas é que está toda a revolução dos costumes sociaes da cidade neste interessantissimo começo do seculo.

Ha dez annos o Rio não tomava chásenão á noite, com torradas, em casa das familias burguezas. Era quasi sempre um chá detestavel. Mas assim como conquistou Londres e tomou conta de Paris, o chá estava apenas á espera das avenidas para se apossar do carioca. Ha dez annos, minutos depois de entrar numa casa era certo apparecer um moleque, tendo na salva de prata uma canequinha de café :

— E' servido de um pouco de café?

O café era uma especie de colchete da sociabilidade no lar e de incentivo na rua. Assim, como sem vontade o homem era obrigado a beber café em cada casa, o café servia nos botequins para quando estava suado, para quando estava fatigado, para quando não tinha o que fazer — para tudo emfim.

Foi então que appareceu o Chá, impondo-se habito social. As mulheres — como em Londres,



como em Paris — tomaram o partido do Chá. O amor é como o chá, escreveu Ibsen. O chá é o oriente exótico, escreveu Loti. As mulheres amam o amor e o exotismo. Amaram o chá, e obrigaram os homens a amal-o. Hoje toma-se chá a toda a hora com creme, com essencias fortes, com e sem assucar, frio, quente, de toda a maneira, mas sempre chá. O chá excita a energia vital, facilita a palestra, dá espirito a quem não o tem-e são tantos!... — dizem mesmo que é indulgente, engana a fome e diminue o appetite. Quando as damas são gordas, o chá emagrece, quando as damas são magras dá-lhes com o seu abuso, sensações de frialdade cutanea, um vago mal estar nervoso, que é de um encanto ultra moderno. Por isso toda a gente toma chá.

— Onde vae?

— Tomar um pouco de chá. Estou esfomeado!

— Mas que pressa é esta?

— Quatro horas, meu filho, a hora do *five-o'clock* da condessa Adrianna!...

O chá é distincto, é elegante, favorece a conversa frivola e o amor que cada vez mais não passa de *flirt*. E' inconcebivel um idyllio entre duas chicanas de café. Não houve romancista indigena, nem mesmo o fallecido Alencar, nem mesmo o bom Macedo, com coragem de começar uma scena de amor deante de uma cafeteira. Entretanto o chá parece ter sido apanhado na China e servido a quatro ou cinco infusões de mandarins opulentos, especialmente para perfumar depois de modo vago o



amor moderno. Por isso vale a pena ir a um chá, a um *tea room*.

Ha ranchos de moças de vestes claras, rindo e gozando o chá; ha mesas com estrangeiros e com velhas governantas estrangeiras, ha lugares occupados só por homens que vão namorar de longe, ha rodas de cocottes cotadas ao lado da gente do escól. Tudo ri. Todos se conhecem. Todos falam mal uns dos outros. A's vezes fala-se de uma mesa para outra; ás vezes ha mesas com uma pessoa só, esperando mais alguém, e o que era impossivel á porta de um botequim, ou á porta grosseira de uma confeitaria, é perfeitamente admissivel á porta de um Chá.

— Dar-me-á V. Ex. a honra de offerecer-lhe o chá?

— Mas, com prazer. Morro de fome...

E dois dias depois, elle, que esperou vinte minutos, na esquina :

— Mas o Destino protege-me! Chegamos sempre á mesma hora para o nosso chá...

O nosso chá! O chá faz a reputação de uma dona de casa. Nos tempos de antanho, uma boa dona de casa era a senhora que sabia coser, lavar, engommar e vestir as creanças. Hoje é a dama que serve melhor o chá, e que tem com mais chic — *son jour*, para reter um pouco mais as visitas.

Si accordassemos uma titular do imperio do repouso da tumba para passeial-a pelo Rio transformado — era quasi certo que essa senhora, com



tanto chá e tantos salões que recebem, morreria outra vez.

Ha talvez mais salões que recebam do que gente para beber chá. Diariamente as secções mundanas dos jornaes abrem noticias communicando os dias de recepção de diversas senhoras, de Botafogo ao Cajú. Toda a dama que se presa e não ha dama ou cavalheiro sem uma alevantada noção da propria pessoa — tem o seu dia de recepção e a sua hora. Algumas concedem a tarde inteira, e outras dão dois dias na semana. Ha pequenos grupos de amigos que se apropriam da semana e se distribuem mutuamente os dias e as horas. De modo que o elegante mundano com um circulo vasto de relações, isto é, tendo relações com alguns pequenos grupos, fica perplexo deante da obrigação de ir a tres ou quatro salões á mesma hora, ficando um nas Laranjeiras, outro na Gavea, outro em S. Christovão e outro em Paula Mattos, — bairro talvez modesto quando por lá não passava o electrico de Santa Thereza... Outr'ora só se davam o luxo de ter dias, o seu « dia » as damas altamente cotadas da côrte.

O mesmo acontecia na França, antes de Luiz XVI. A visita era imprevista, e sem pose.

Ouvia-se bater á porta :

— Vae ver quem é?

— E' D. Zulmira, sim senhora, com toda a familia.

Havia um alvoroço. Apenas dez da manhã e já a Zulmira ! E entrava D. Zulmira, esposa do nego-



ciante ou do funcionario Leitão, com as tres filhas, os quatro filhos, o so brinho, a cria, o cachorrinho.

— Você? Bons ventos a tragam! Que sumiço! Pensei que estivesse zangada.

— Qual, filha, trabalhos, os filhos. Mas hoje venho passar o dia, Leitão virá jantar...

E ficava tudo á vontade. As senhoras vestiam as *matinéés* das pessoas de casa, as meninas faziam concursos de doces, os meninos tomavam banho juntos no tanque e indigestões collectivas. A's cinco chegava o Leitão com a roupa do trabalho e ia logo lavar-se á toilette da dona da casa, o quarto patriarchal da familia brasileira, tão modesto e tão sem pretensões... Só ás onze da noite o rancho partia ou pensava em partir, porque ás vezes a dona da casa indagava.

— E si vocês dormissem...

— Qual! Vamos desarranjar...

— Por nós, não! E' até prazer.

E dormiam mesmo e passavam, um, dois, tres dias, e as despedidas eram mais enternecidas do que para uma viagem.

Hoje só um doido pensa em passar dias na casa alheia. Passar dias com tanto trabalho e tantas visitas a fazer! Só a expressão, — *passar dias* é impertinente. Não se passa dias nem se vae comer á casa alheia sem prévio convite. Adeus a bonhomia primitiva, a babosa selvageria. Vae-se cumprir um dever de cortezia e manter uma relação de certo clan social que nos dá ambiente em publico



com as senhoras e provaveis negocios com os maridos. As damas elegantes tem o « seu dia ». Ha tempos ainda havia um criado bisonho para vir dizer.

— Está ahi o Dr. Fulano.

Agora, o Dr. Fulano tem as portas abertas pelo criado sem palavras e entra no salão sem espalhafato. Os cumprimentos são breves. Raramente aperta-se a mão das damas. Ha sempre chá, *petits fours*, e esse allucinante tormento mundano chamado *bridge*. Muitos prestam attenção ao *bridge*. Falla-se um pouco mal do proximo com o ar de quem está fallando da temperatura e renovam-se tres ou quatro repetições de idéas que agitam aquelles cerebrozinhos.

Depois um cumprimento, um *shake-hands* perdido, ondulações de reposteiros. Quanto menos demora mais elegancia. Vinte minutos são um encanto. Uma hora, o chic. Duas horas só para os intimos, os que jogam *bridge*. Esses levam mesmo mais tempo. E sae-se satisfeito com o sufficiente de flirt, de mundanice, de dever, de novidade para ir despejar tudo na outra recepção... Haverá quem tenha saudades da remotissima época do Café e das Visitas que passavam dias? Oh! não! não é possível! Civilisação quer dizer ser como a gente que se diz civilisada. Essa historia de levar o tempo, sem correcção, sem linha, numa desagradavel bonancheirice, podia ser incomparavel e era. Em nenhuma grande cidade com a consciencia de o ser, se faziam visitas como no Rio nem se tomava café



com tamanha insensatez. Mas não era chic, não tinha o brilho delicado da arte de cultivar os conhecimentos, erigir a conservação do conhecimento num trabalho serio e conservar a propria individualidade e a sua intimidade a salvo da invasão de todos os amigos.

Com o Chá e as Visitas modernas, ninguem se irrita, ninguem dorme a conversar, os cacetes são abolidos, a educação progride, ha mais apparencia e menos despeza, e um homem só póde queixar-se de fazer muitas visitas, isso com o recurso de morrer e exclamar como *Ménage* na hora do trespasse.

Dieu soit loué!

Je ne ferais plus de visites...

Temos ahi o inverno, a « season » deliciosa. Em que occupará a carioca o seu dia! Em fazer-se bella para tomar chá e ir aos « dias » das suas amigas. Não se póde dizer que não tenha occupações e que assim não conduza com summa habilidade a reforma dos habitos e dos costumes, reformá operada essencialmente pelo chá e pelas visitas...

Dahi talvez esteja eu a teimar numa observação menos verdadeira. Em todo o caso o chá inspira esses pensamentos amaveis, e desde que tem o homem de ser dirigido pela mulher, em virtude de um fatalismo a que não escapam nem os livres pensadores — mais vale sel-o por uma senhora bem vestida, que toma chá e demora pouco...



Os sentimentos  
dos Estudantes d'Agora







## OS SENTIMENTOS DOS ESTUDANTES D'AGORA

— Parece-me que o sr. não deseja ouvir a minha lição?

— Que estou cá a fazer então?

— O sr. fala alto e interrompe-me.

— Estou commentando certas phrases suas com que não concordo.

— O sr. é um ignorante, e eu é que devo responder aos seus commentarios.

— Está a provocar-me? Olhe que não tenho medo de caretas.

— Nem eu. Retire-se.

— Retiro-me sim.

Era um joven reforçado. Ergueu-se, caminhou batendo com os pés. Dois outros estudantes fizeram o mesmo, arrogantemente. A' porta o joven reforçado berrou :

— Não tenho medo, não. Sáia cá para fóra, si é capaz!

A esse desafio, o professor largou a brochura que folheava e voou, positivamente voou para cima



do alumno. A aula inteira ergueu-se; continuos, o pessoal da secretaria, outros estudantes como por encanto appareceram, impedindo a scena brutal de pugilato. O alumno, levado por outros collegas tinha um sorriso insolente de victoria. O professor, debatendo-se nos braços dos bedeis gritava :

— Larguem-me ! Quero dar uma lição de educação a esse patife insolente !

Estavamos a ouvir uma aula interessantissima. Aquelle incidente fechava-a com um escandalo. Era aliás o terceiro em menos de um mez. O estabelecimento vibrava inteiro. Os estudantes, nem havia duvidas, tomavam á entrada o partido do collega ou preparavam-se indifferentes para assistir como me disse um — « a impagavel tourada ». Na secretaria, a direcção deliberava, hesitante na expulsão dos tres culpados.

— E se saem todos?...

— Preciso ser desaggravado !

— E' um escandalo !

Afinal o acto decisivo ficou adiado por vinte quatro horas e o professor sahiu agitado com alguns amigos. Eu, nem ao menos pudéra sorrir. A scena empolgava-me, e na rua, conversando com um philosopho, o philosopho commentou o facto.

— Que queres? A culpa é dos professores que, após as aulas, estabelecem uma camaradagem excessiva com os rapazes, vão com elles ás cervejarias, contam-lhes anedoctas picarescas. Foi-se o tempo do respeito ao lente. O lente é hoje um homem que



tem sob a cabeça suspensa a bengala do estudante.

— E o sr., que faz o senhor?

— Oh! eu acho isso muito maú, mas vou também ás cervejarias com elles. Porque não quero grangear inimizades...

Estas palavras e a scena que 'acabava de assistir fizeram-me pensar. Pensar é facil agora. O mundo tem o que se póde chamar uma superabundancia de idéas. Pensa-se muito. Pensa-se demais. Tomei o meu automovel, abstracto. O professor de philosophia preferira ir a pé. E só no carro, com rapidez, fui relembando a transformação da alma do estudante — não do estudante apenas nacional mas a do estudante universal.

O estudante era, ha trinta annos, uma creatura que respeitava o saber como o inaccessible e por consequencia o professor como o veneravel instrumento da escalada do impossivel. O professor era uma obsessão, a idéa fixa desde os tenros annos. Havia primeiro o feroz e tremendo professor de primeiras letras, armado de uma regoa, de uma palmatoria, de varios castigos vexatorios e de uma supina ignorancia. Não era um professor, era um torcionario do espirito e do corpo. As crianças ficavam pallidas e tinham crises convulsivas de choro, quando se avizinhava a hora sinistra de ir para o collegio. O collegio se lhes afigurava o carcere, onde um homem cruel era pago para tortural-os. Os paes levavam os meninos pelas orelhas. As mães afflictas soluçavam. As despedidas eram tremendamente



crueis, com gritos, desmaios, um ambiente de morte.

— Adeus, meu filho querido!

— Mamã!... mamã!...

O pae severo — era no tempo em que os paes eram severos e não tinham quasi nunca a amizade dos filhos — bradava :

— Nada de choros. Não quero maricas em casa! Precisa ser homem. Peralta!

O petiz passava a outros braços a chorar, e o seu ultimo abraço era o de uma preta velha, que fatalmente o creára e a quem elle considerava como a sua mãe preta. Depois lá seguia para o monstro ou jesuita ou civil e ainda ouvia o pae dizer :

— Inteira liberdade, sr. professor. Quero meu filho homem. Bata-lhe sempre que fôr preciso.

O pequeno ficava. Batiam-lhe. Apprendia com difficuldade, accumulando odios e almejando os preparatorios. O cerebro, violentado por um estudo estúpido, trepava a custo nas noções de humanidades dadas por uns professores empoeirados e nada brilhantes. Já homens entravam com furor na pandega e nas academias. Os passados professores eram desprezados; os ultimos venerados como os pontifices do saber, e rapazes de bigode tremiam ao interrogatorio de um lente cathedratico, ouviam as suas palavras como a da propria sapiencia.

Esses rapazes, entretanto, são os paes e os lentes de hoje. Aos filhos transmittiram a herança de surdo odio accumulado na raça uma porção de



lustros contra o professor; esses rapazes fizeram a propria revolução do ensino e, sem querer — oh! sim! —infiltraram na geração futura a irreverencia, a raiva, a hostilidade contra o professor. Hoje, graças a elles que ainda soffreram e penaram, levando varadas, castigos de jejuns, palmatoadas, ralhos de escravos, os pequenos têm o mimo fraternal, uma esplendida falta de respeito pelos professores, e tratam o mestre de superior para inferior, vendo sempre no ex-monstro a injustiça.

Os pequenos, hoje, aos seis annos, já passeiam na rua sós, e têm namoradas. Quando, nessa pura idade, não são uns sabidos de marca, com dois annos de collegio, em geral, pedem a escola.

— Quando é que vou para o collegio, papá?

— Está com vontade de apprender?

— E' que me aborreço muito em casa.

Vae. O pae paternalmente leva-o, recommenda-o. O collegio pensionista virou caserna em que mais ou menos se preparam os voluntarios da campanha da vida. Os jesuitas tremem de medo deante desses petizes, porque, á menor censura, os paes logo resolvem tiral-os dos collegios e dar queixa aos jornaes. Os professores leigos têm gymnasios e são escravos dos srs. alumnos. Nos collegios não internos, é um divertimento. Os rapazes levam flores ás professoras e ás adjuntas, fumam cigarros, jogam o *foot-ball*, têm namoradas. A vida intensa, esta vida de vertigem, de ambição, de furia e de velocidade incute-lhes o sentimento de que o professor é um



inferior — porque limita a ambição a ensinar-lhes umas cousas que todo o mundo deve saber. Os meninos são principes com a idéa que os principes fazem dos preceptores. Os exames de preparatorio tornam-se o campo extensissimo onde os exemplos dessa formidavel transformação da alma do estudante, pullulam. O acto do exame é tão comicamente ridiculo como o de outrora. Os empenhos, a protecção, e a ignorancia das materias mais ou menos identicas. Apenas o estudante passado era o pobre diabo cheio de medo, atterrado, sem confiança em si mesmo, e o estudante d'agora é o rapazola que discute theatro, frequenta o café cantante, fuma com o papá, confia cégamente no futuro e tem uma alta comprehensão do seu valor pessoal. Quando chega ás academias, os lentes têm appellidos, os commentarios ás suas falhas de saber e de moral são constantes, as aulas têm pouca frequencia e o alumno considera o mestre seu igual, ou seu inferior. Os queridos mestres, quasi sempre, os amigalhaços, são os que com elles saem em charola a conversar. O exame sem approvação é considerado como um acto de desconsideração pessoal que precisa de ataque, que requer a vaia e, na maioria das vezes, o desforço physico. As perturbações dos collegios internos são constantes. No Gymnasio, no anno em que meia duzia de examinadores pretendeu agir com um pouco de severidade, foi a policia para lá, o largo do Deposito ficou em polvorosa e eram correrias de piquetes de cavalla-



ria sob vaias monumentaes a assobio e a batata.

— E o saber?

— E' preciso saber para ser approvedo?

Nas escolas superiores a mesma concepção egualitaria nivela o curso. O estudante vae ao extremo, e lentes, homens absolutamente notaveis têm sido desacatados porque não approvaram os alumnos por odio pessoal...

E' só aqui o phenomeno? Não? Não. E' em toda parte. Vejam o que se passa na França, em Paris, em paizes de tradição. As vaias na Sorbonne, os ataques aos lentes estão na memoria de todos. E é assim na Austria, na Allemanha, em Portugal e em Hespanha, onde as universidades conservam um poder irradiante de conservatorismo, é assim na Italia. Na Italia os exemplos são tão frequentes como em França. Em 1903 um alumno da escola naval esbofeteou o lente em plena aula. Desde então é moda na peninsula paiz das artes. Ainda outro dia no lyceu Trapani dava-se um caso mais grave do que o visto por mim uma hora antes. O professor de francez, homem bom e fraco, tal era o barulho, exclámara :

— Calam-se ou não mal educados?

No fim da aula um dos interpellados approxiou-se do professor.

— Não sou mal educado. O sr. vae retirar a palavra antes de sahir.

O professor, pallido, explicou com subtileza :

— Não disse mal educado por julgar que os srs.



receberam má educação : disse porque no momento os srs, pareciam mostrar tel-a esquecido.

Mas não acabou. O rapaz estendera-o com uma bofetada violenta...

Casos identicos ha uma porção a consignar. E a Europa basta para mostrar a crise typica de transformação, que deve ser é muito mais rapida no novo mundo. O estudante é outro. A vida moderna tem uma divisa :

Tout et pas plus  
Tout est permis.

O respeito, a distancia chronologica das edades são sentimentos desconhecidos. Foram os nossos ascendentes que prepararam a revolução, somos nós que estabelecendo a egualdade creamos a anarchia. O impeto juvenil é incommensuravelmente maior agora do que em qualquer outra época. Ha symptomas generosos : o de amor ao trabalho, o de conquista vertiginosa, o appetite de vencer, a segurança com que rapazes são mestres e vencedores na idade com que outrora tremiam deante do professor, o desenvolvimento pasmoso da personalidade, do orgulho, a maravilhosa maneira porque se apprehende, estando o conhecimento no proprio ar que se respira. Ha tambem violencias e erros. A mocidade despreza o passado e quer ser a unica obedecida. O mestre passou a ser uma impertinencia. O papel do mestre no futuro será o de conferente, o de conversador. O exame é cada vez mais uma



formalidade. Eu os assisti em varios paizes — os mestres. Brevemente, após as monographias lidas com arte, elles apenas conversarão com os assistentes — porque o alumno no mundo sabio será uma extravagancia ridicula e vergonhosa. Um professor de primeiras letras mostrava-me ha dias as provas de varios alumnos seus que já não apprendiam a ler pelo processo antigo das letras, das syllabas e das palavras, mas que começavam pelas syllabas, com um processo de photographia cerebral admiravel. Já hoje não ha alumno de qualquer curso superior que não critique ou não discorde do professor. Tempo virá em que o ensino não passe de série de conferencias succedidas de dialogos amaveis, em que os conferentes tambem apprendam um pouco com os assistentes e ao começar peçam desculpas do seu pouco saber... Não ha mais crianças — é sabido. Ha homens jovens que sabem tudo e são praticos. « A experiencia immediata da vida resolve os problemas que mais desconcertam a intelligencia pura » disse William James, professor da Universidade de Harward. Não haverá mais gente edosa, gente velha sinão para ser espectadora da vida intensa. Os velhos são fosseis. Os homens que querem se prestigiar com essa ex-importancia são vaiados. E' a juventude, a vida nova, a vida vertiginosa.

O meu automovel, entretanto parára. O motorista, a quem no dedalo das ruas confiára a minha vida, abriu o tampo da machina para vèr os cylin-



dros. E eu a fazer reflexões sobre a differença das gerações, a proposito de um conflicto insignificante! Nada disso era verdade. Os estudantes são crianças, e como tal, entre os estudantes deve haver crianças teimosas. Apenas. Nada do que pretendera o meu appetite psychologico poderia ser provado. Ah! phantasia...

Saltei. Indaguei do motorista.

— Então o que ha?

— Um pequeno desarranjo, nada de importancia.

— Deixe ver.

— Fique tranquillo. O sr. não entende disso.

A resposta fez-me olhal-o. Era um rapaz franzino, imberbe, com um vinco na testa.

— Que idade tem o rapaz?

— Quinze annos. Porque?

— Por nada.

— Prompto. Suba.

— Mas quinze annos mesmo?

— Ainda vou fazel-os.

O carro sacudiu-se numa convulsão, deslisou, partiu rapido. Então, como a minha reflexão estava resolvida a continuar, tornei a pensar que tinha razão. O attestado-symbolo de quanto eu disséra ia commigo : — aquelle menino de quinze annos a quem eu entregára a vida e que seguia orgulhoso sem me dar importancia, inteiramente entregue a ebriedade de vencer as distancias. Os estudantes tinham a mesma idade. Como comprehender o Res-



peito no momento da Velocidade? E eu dei mentalmente razão aos estudantes, tremendo, com medo — porque si não désse, si duvidasse delles, si duvidasse, si não concordasse mesmo com os seus excessos universaes não seria, oh! deuses immortaes! já não seria moço, já teria horror de ser considerado velho, já não gosaria na vida breve o prazer de ser intensamente d'agora...

---







O Reclamo moderno







## O RECLAMO MODERNO

Eu sahia precisamente de ver combinar varias emprezas no escriptorio de um millionario, pobre ha oito annos. O reclamo! E' preciso dar na vista, chamar a attenção. Foi-se o tempo da frase: — « a boa qualidade impõe-se. » Não ha boas qualidades: ha reclamo, a concurrencia, a intensida de reclamo do rumor. Todos nós estamos á porta de uma barraca de feira, ganindo a excellencia dos nossos productos. Lyricamente maguado, ouvira durante meia hora a palavra enthusiasmada do poeta Pedreira, que se fizera agente de annuncios e cheio de dinheiro despresava agora os alexandrinos e os outros poetas. Pedreira, o primeiro dos agentes de annuncio, por direito de conquista e nascimento, falara cheio de *verve*.

— O Reclamo, meu caro, é o aproveitamento de um mal contemporaneo-o mal de apparecer. E' o mal devorador, é a epidemia, é o flagello açoi-tando todos os nervos, todos os cerebros, como um castigo dos céus. Que queres tu que se faça na



ancia da vida moderna, na nevrose da concorrência, no desespero de vencer? Apparecer! Apparecer! Não se pensa mais na philosophia amarga do desaparecimento : as legendas em bronze dos portões dos cemiterios perderam o sentido, a significação para o homem contemporaneo do automovel, que julga a vida um *record* e só pensa em não ficar *en panne*, nem esquecido dos que olham.

Vê o mundo. O trabalho duplicou, decuplicou, centuplicou. O esforço para a evidencia, para a personalização na grande feira humana, chupa os ossos, rasga os musculos, arranca os nervos, exgotta desvaira, enche os manicomios; mas a onda continua, impetuosa, irresistivel, para além das forças concebiveis, atirando aos pincaros os victoriosos — os victoriosos de um instante que conseguiram apparecer. O reclamo é o rochedo a que se agarram os salvados do desastre — o reclamo gritado, estridente, reclamo que é ás vezes mentira, que é ás vezes inconveniencia, que chega a ser calumnia, mas que faz apparecer na mente alheia, com a brutalidade de um prego entre os olhos, o nosso nome, o nosso feito, a nossa acção individual...

Dize cá. Porque faz toda a gente conferencias? Para ganhar dinheiro? Não só por isso, mas principalmente para gosar do reclamo antes e depois. Foi um processo de galarim permanente dos acclamados para ser depois a falcatrúa dos falhos, e para terminar em valvula de apparição para uma



série de nomes desconhecidos. Porque escrevem as senhoras? porque vão defender o divorcio e outras theorias ex-subversivas? Para armar o escandalo e dar mais na vista. E' claro. Porque os escriptores não se limitam mais ao livro unico, e se esfalfam em originaes para as gazetas, no desespero da producção? Difficuldades pecuniarias? Talvez. Mas de certo, fatal, irresistivel, organica, a permanente vontade de se ver impresso, falado, discutido, citado. Já estiveste cinco minutos com um homem, sem que o visses falar do seu proprio valor? Si é sportman, fala dos seus conhecimentos, do seu automovel, do seu cavallo; si é dado a conquistas, é insupportavelmente vaidoso; si tem uma profissão na classe, só ha elle e os seus amigos muito depois. Os mais polidos, os mais amaveis, mesmo fazendo a outrem o elogio que reclama retribuição, não deixam de se elogiar aproveitando a fórmula comparativa. Deante da machina humana : uma estrada atravancada de machinas. No bojo de cada machina, a movel-a, mola de aço substituta da alma : o *Eu* desesperador. E são todos! Apparecer! Apparecer! Cada sujeito cria uma attitude, cada ser fixa a personalidade de um gesto, cada typo arvora uma certa mania, e não ha quem não queira ser o primeiro da sua classe, o bem conhecido, o sem rival... Observa a sociedade, o torvelinho, o chaos, o sorvedouro, o *fjord* humano que é uma grande cidade. Vês aquelle cavalheiro? E' um valdevinos admiravelmente bem vestido.



Não o era antes. A necessidade de posar, de conservar em evidencia a sua fachada fel-o descer a roubar ao jogo, a peitar jockeys em tribofes rèles, a chumbar dados, a se degradar em alcovitismos, em proxenetismos infames. Mas, apparece!

Conheces Mme Praxedes, a mulher mais elegante do Rio? Tem trinta e cinco annos e um filho de dezoito.

Suicidar-se-ia, si a prohibissem de ir a uma *soirée fashion*, si faltasse a uma festa, a um *raout* qualquer de gente bem lançada. E' preciso apparecer, não ser esquecida, conservar no publico a idéa da sua belleza.

Estás atordado. E' pena. Não faço mais que dizer banalidades sobre observações palpitantes! Esta é que é a verdade.

Olha por exemplo, naquelle carro a estrella fulgurante dos nossos theatros. Tem quarenta contos de dividas, todas as suas joias são falsas, são o classico *double* das verdadeiras já até desaparecidas do prego. Pela manhã, antes de concertar a cara com clara de ovo dormida ao relento, tosse meia hora na crise asthmatica da velhice retardada. Mas conserva o seu inalteravel sorriso de Venus da ribalta e daria a ultima gotta de sangue e soffre todas as humilhações para permanecer no palco, conservando na mente da cidade o seu nome, o seu gesto, o seu typo que veiu á tona.

Ainda não te dás com aquella familia que caminha a pé para o theatro ou para um baile? O



pae já se exgottou; a mãe e as tres deliciosas filhas permitem as mais perigosas intimidades a sujeitos com dinheiro — para obter cadeiras, vestidos, camarotes, no desespero de querer participar do grande luxo e de apparecer.

Estes são apagados exemplos urbanos. Na Detenção ha gatunos que se suicidam de mentira para que os jornaes falem; no hospicio, a preocupação da totalidade dos doidos é a sua personalidade perante o publico. Os mais audaciosos assassinos e desordeiros, quando são presos têm *reporters* da sua confiança aos quaes mandam chamar para que a noticia seja verdadeira, bem clara, bem cheia de pormenores e bem com o seu nome. Bem considerada, a vida não é sinão um penoso trabalho de dar na vista. Não ha mais ninguem modesto. O sabio no laboratorio arrisca a existencia com o fim de ver o seu retrato em todos os jornaes, o inventor inventa antes de tudo um meio de se destacar, e si passasses um dia na redacção de um jornal é que verias o numero de pessoas caridosas, inventoras, artistas, organizadoras de coisas, apenas para empurrar o nome. Que digo? Apparecer é uma questão nacional. Desde que a imprensa franceza deixou de amolar aos seus leitores com um rataplan desordenado em torno de Santos Dumont, o Brasil está todo commovido e já se fala em justa reivindicacção.

Mas não pares agora, homem de Deus! não me interrompas! Lá vem o redactor mundano de um



jornal que dá o nome das pessoas. E' um idiota. Mas que fazer? Tratemol-o bem, como elle nos trata! Diabo! Lá parou a conversar. São os Azevedo loucos pelo reclamo. Os coitados inventaram agora mais um gremio : o *Dreams-Club*... Acabam no hospicio! Emfim...

Reflecte no numero créscente de desfalques, não só aqui no Rio, mas em todo o mundo, desfalques perpetrados por gente quasi sempre considerada digna do nosso cumprimento. E' a vertigem, a vertigem allucinadora, o medo, o pavor de não poder apparecer mais, apparecer sempre mais.

Oh! não se discutem os meios, os processos. A questão é outra. Sou um criminoso, um assassino, um ladrão tremendo? Venha o nome, olhem o meu perfil, assustem-se commigo. Sou eu! sou eu! Levei a minha vida a fazer o bem, protegendo os misera-veis na sombra, constiuindo hospitaes? Inaugurem o meu retrato, falem de mim! Sou eu! O preciso é predominar, ultrapassar o commum e o anonymo. Arranjo dinheiro por meios illicitos? Que te importa? Apparento mais luxo que os mais, mandei buscar uma victoria-automovel como a da rainha de Hespanha e os jornaes falam!

Uf! Admiras-te destas phrases que te vou segredando? Olha a rua, homem paciente e amavel. Que vês! O senhor do mundo inteiro o reclamo no seu horrifico multiformismo. Passou um sujeito de bonet, deu-te um papel : — faz-te a apologia de tres ou quatro **I**cantoras do Casino. Parámos ha



instantes deante de um carro illuminado crua-mente : era um carro annuncio. Em cada praça, onde instinctivamente demoramos os passos, nas janellas, do alto dos telhados, em mudos jogos de luz, os cinematographos e as lanternas magicas gritam através do *ecran*, o reclamo do melhor alfaiate, do melhor livro, do melhor theatro, do melhor revólver. Basta parar alguns minutos para ver o galope dos nomes. No alto das casas, o interesse e a nevrose, não só nas lanternas magicas como em letras de fogo, azues, vermelhas, verdes, enterram no publico a pua do reclamo; na praça, as feiras de musica em que a luz electrica incendeia os cartazes e galvanisa os appetites exhaustos de multidão ! Apparecer. E' a molestia de cidade, a molestia do mundo.

E quantos faz ella ganhar, para quantos serve de sustento ! São os artistas, são os electrecistas, são os ociosos, são os cavalheiros com boas idéas de fazer o producto dar na vista. Essa nevrose, meu caro amigo, fez perder definitivamente a vergonha a todos, arranjou dinheiro onde era impossivel arranjal-o, e creou uma repartição maior que todas as repartições publicas com empregos desde director até continuo: a Repartição do Reclamo.

— E's nessa repartição?...

— Chefe de secção. Na das musas, nem amanueuse era...

Dexei-o bem impresionado. Mas tendo caminhado um pouco dei com um excellente rapaz.



— Franz? bom dia, caro...

— Bom dia. Que calor, ein?

— 35 graus á sombra. Um inferno!

— Si tomássemos uma cerveja?

— Com prazer.

Franz sentou-se, e alto :

— « Garçon », uma Teutonia « frappée ». Si não fosse a Teutonia, com este calor, que seria de nós?

— Oh! bebedor!

— Não morreríamos, porque teríamos a excepcional Bock-Ale,...

Franz é um bom rapaz que eu encontrei num excellente grupo de optimos rapazes bebedores de cerveja. Alguns já morreram. Um delles eu vira menino, e morreu com quatro corpos meus, ingerindo umas tres duzias de garrafas de cerveja por dia e gastando oitocentos mil réis dos seus vencimentos no licor de Gambrinus, — como dizia por ouvir dizer.

Não sei qual o emprego de Franz. Vejo-o sempre bem vestido, rodeado de companheiros, a beber cerveja, hoje é com immenso espanto que o noto de luto fechado, quasi triste apezar daquelles gritos, a chamar o « garçon »...

— Mas tambem você de preto!

— Então não sabe?

— De que?

— Venho de acompanhar o enterro de Guilherme Hopffer, aquelle que teve um chopp...



— Morreu?

— Está enterrado.

— A molestia?

Franz ficou sério. Uma nuvem passou-lhe pelos olhos.

— Do que eu vou morrer...

— A bebida?

— Sim, a bebida com que se ganha a vida...

Fiquei interrogativamente, mudo. Franz empurrou o copo. Um silencio tombou. Afinal, o pobre rapaz teve um arranço.

— Não sabe de que vivia Guilherme? Do mesmo que eu vivo. De beber cerveja. Foi elle, quando quebrou a casa, que imaginou, na luta das fabricas de cerveja, a instituição dos agentes reclamos vivos. Nada do homem sandwich, mas o homem barril de cerveja. A fabrica a que se propoz, aceitou. Outra offereceu-lhe logo o triplo. Elle tinha um conto de réis por mez e ordem illimitada para beber em qualquer ponto quantas garrafas de cerveja quizesse. Formaram-se grupos desses reclamistas, com ordenados nunca inferiores a quatrocentos mil réis. Entrei nesses grupos, encarregados de expôr indirectamente as marcas, de habituar os bebedores, de forçar a cerveja, mesmo gratis. Guilherme entretanto foi sempre o primeiro. Era espantoso. Não sei quantas duzias de garrafas ingeria por dia. Tão habil se tornou que, nas rodas de bebedores por elle formadas, os outros pagavam. Quando tinha o estomago cheio, erguia-se, ia ao



« water-closet », punha o dedo na garganta, vomitava tudo e voltava placido, a beber. Passava neste exercicio de uma hora da tarde ás duas ou tres da manhã. Deitava-se, dormia até ás oito, ia para o banheiro, vomitava, e ás nove estava lepido no escriptorio da companhia, a receber ordens. Sempre o julguei de ferro. Quasi não comia. Não comia mesmo. E morreu em poucos dias, cahiu desenganado pelo medico. Morria de beber cerveja. O doutor dizia que nunca vira um organismo em tal estado. Tudo : nervos, entranhas, coração — estragado. Pena tenho de não entender disso. Teria guardado o nome da molestia — da molestia de que talvez venha a morrer amanhã.

O pobre rapaz fallava e eu recordava a figura de Guilherme Hopffer, magro, cabello ralo, grandes mãos, andar gymnastico, uma doçura alcoolica na pupilla azul. Era macabramente amavel, era extraordinario. Parecia com o frenesi da cerveja.

— Tambem vocemecê toma cerveja. Pem pom!

Surgia logo depois do almoço, alastrava-se numa « terrase » de confeitaria, passava uma hora; seguia adeante. Certo dia encontrei-o umas dez vezes sahindo de beber cerveja. A ultima, eram tres da manhã, no largo do Machado. E agora o que parecera uma extravagancia apparecia-me em todo o seu horror de concorrência, de luta pela vida, de desespero heroico.

Aquelles gestos, aquelle ar, aquellas pilherias que pareciam o feitio de um ser exotico, eram a



consciente comedia de um negociante fallido resolvido a cavar no mesmo ramo de negocio a subsistencia.

Em casa havia mulher e filhos a dar comida. Que fazer? Arranjar dinheiro, não pouco, mas o bastante... Como? Ah! Como? Numa grande cidade, fechada aos infelizes; deante da indifferença que não se enternece...

Então germinou-lhe no cerebro naturalmente aquelle atroz pensamento satanico de extincção para viver. A companhia não lhe daria, de certo, um conto de réis para ficar no seu escriptorio, mas deu-o sem trepidar para rebentar um homem como uma bomba de chopps, para se dilatar, para engulir a rival. E esse homem, absorvendo chopps e lançando-os nos cantos, arrastando a ingeril-os dezenas de sujeitos, tentando outros á profissão tremenda, ergue-se num elemento de devastação, convencido de que elle proprio seria uma das principaes victimas.

Que Poe, que Barbey imaginaria um conto de tal fórma pavoroso? Qual de nós descobriria em Guilherme o nihilista tremendo, o anarchista mais cruel, mais louco, mais perigoso? Logo aos primeiros dias dessa vida de destruição e sem o vicio sustentaculo, devia ter sentido claro, já não digo o crime de criar regimentos de suicidas para viver, mas o pavor do proprio desastio. Não recuou, não tremeu. Antes foi atacado de um verdadeiro frenesi religioso. Bebia, bebia, bebia, bebia —



sem ficar bebedo, tendo que saber o que estava fazendo e o que devia continuar a fazer : — beber.

Franz contava machinalmente aquella existencia, e eu sentia na espinha um calefrio de medo, de um medo vago e indizível, um medo maior que o dos espiritos timoratos á meia-noite num cemiterio, o medo glacial da gente que passava, do « garçon » que servia, do pobre e lamentavel Franz, das altas casas, das conducções rapidas. Era a civilização na sua frieza, era o « struggle for life » e a engrenagem mecanica da sociedade esmagando os mais fracos. Porque se dera aquella morte? Para reclamo e supremacia de uma companhia. Tinha ella culpa? Absolutamente nenhuma. Aceitava o que julgava util aos interesses dos seus accionistas. Para que mais seguro fosse o pão de centenas de operarios, morriam alguns utensilios do gigantesco apparelho, e utensilios com instinctos perigosos. A companhia devia ter mandado uma corôa. Nenhum dos directores teria de saber a causa da morte, e quem a dissesse arriscar-se-hia, de certo, a perder o emprego, porque estaria a fazer obra de revolta commettendo injustiças contra as larguezas monetarias com que uma poderosa empresa recebera as originaes propostas de ociosos bebedores de chopps. A verdade era essa para o mundo do interesse e tambem para os justos. O macabro reclamo vivo estalára como um odre. Que ultimos dias teria tido ! Que grande odio ao mundo na segurança da morte ! E que entrevista com a Ceifa-



dora, si é que a Morte nos vem regularmente buscar para apressar a extincção da Vida... Mas estava morto, estava enterrado, e outros reclusos vivos, áquella hora, pela cidade vasta mostrariam a excellencia de varias bebidas. Era a civilização. Cheio de piedade, interroguei Franz.

— E você, que vae fazer?

— Eu?

— Sim. De certo, com tal exemplo, você não vae ficar na profissão de beber muita cerveja como recluso.

Elle estava admiradissimo.

— E porque não?

— Porque morre. E' o menos.

— Todos nós temos de morrer. Tanto faz hoje...

— Então continúa?

— Eu digo. A companhia tem gasto um dinheiro louco em reclusos. Nem póde imaginar. Depois, são tão gentis!... Chamaram-me para substituir o Guilherme.

— E acceitou?

— Nem tinha duvidas. Um ordenação! Olhe que isto é sempre melhor do que ser empregado publico. Toma outra garrafa?

— Obrigado.

— Mas tomo eu.

— Porque vae você fazer isso, Franz, você, que já não póde ter sede?

De novo o seu semblante contrahiou-se.

— Com este calor, ha gente passando... Sempre



lhes abre o appetite... « Garçon »! outra garrafa! Bem gelada! Está excellente.

Fazia realmente um calor de fornalha. O pobre reclamo moderno ingeria o copo côm de topazio. Um diamantino brilhava-lhe no dedo mimino. E em outras mesas havia cavalheiros bebendo cerveja. Reclamo? Que sei eu? Havia de outras marcas. Eram as outras fabricas? Talvez... Mas o meu coração confrangia-se ao lembrar que talvez no futuro verão já aquelle. Franz brilhante não estivesse alli, onde estivera o verão passado a figura macabramente alegre de Guilherme Hopfer...

---



# Modern Girls







## MODERN GIRLS

— Xerez? Cok-tail?

— Madeira.

Eram 7 horas da noite. Na sala cheia de espelhos da confeitaria, eu ouvia com prazer o Pessimista, esse encantador romantico, o ultimo cavalheiro que sinceramente odeia o ouro, acredita na honra, compara as virgens aos lirios e está sempre de mal com a sociedade. O Pessimista fallava com muito juizo de varias cousas, o que quer dizer : fallava contra varias cousas. E eu ria, ria desabaladamente, porque as reflexões do Pessimista causavam-me a impressão dos humorismos de um clown americano. De repente, porém, houve um movimento dos creados, e entraram em pé de vento duas meninas, dous rapazes e uma senhora gorda. A mais velha das meninas devia ter quatorze annos. A outra teria doze no maximo. Tinha ainda vestido de saia entravada, presa ás pernas, como uma bombacha. A cabeça de ambas desapparecia sob enormes chapéos de palha com flores e fructas. Ambas mostravam os braços desnudos, agitando as luvas



nas mãos. Entraram rindo. A primeira atirou-se a uma cadeira.

— Uff! que já não posso!...

— Mas que pandega!

— Não é, mamã?...

— Eu não sei, não. Si seu pai souber...

— Que tem? simples passeio de automovel.

A menor, rindo, aproximou-se do espelho.

— Mas que vento! que vento! Estou toda des-  
penteada ...

Mirou-se. Instintivamente olhamos para o espelho. Era uma carita de criança. Apenas estava muito bem pintada. As olheiras exaggeradas, as sombrancelhas augmentadas, os labios avivados a carmim liquido faziam-lhe uma apimentada mascara de vicio. Era de certo do que gostava, porque sorriu á propria imagem, fez uma caretinha, lambeu o labio superior e veio sentar-se, mas á ingleza, traçando a perna.

— Que toma?

— Um chopp.

A outra exclamou logo :

— Eu não, tomo wihskey, whisky and caxambu'.

— All right.

— E a mamã?

— Eu minha filha, tomaria um groselhe. O Sr. tem?

— Esta mamã com os xaropes!

E voltou-se. Entrava um sujeito de cerca de quarenta annos, o olho vitreo, torcendo o bigode,



nervoso. O sujeito sentou-se de frente, despachou o creado, rapido, e sem tirar os olhos do grupo, em que só a pequena olhava para elle, mostrou um envelope por baixo da mesa. A pequena deu uma gargalhada, fazendo com a mão um signal de assentimento. E emborcou com galhardia o copo de cerveja.

Nem a mim, nem ao Pessimista aquella scena podia causar surpresa. Já a tínhamos visto varias vezes. Era mais um caso de precocidade morbida, em que entravam com parte eguaes o calor dos tropicos e a ancia de luxo, e o desespero de prazer da cidade ainda pobre. Aquelles dous rapazes, aliás inteiramente vulgares, para apertar, palpar e debochar duas raparigas, tinham alugado um automovel, mas tendo nelle a mãe por contrapezo. A boa senhora, esposa de um sujeito de certo sem muito dinheiro, consentira pelo prazer de andar de automovel, pelo desejo de casar as filhas, por uma serie de razões obscuras em que predominaria de certo o desejo de gosar uma vida até então apenas invejada. O homem nervoso era um desses caçadores urbanos. A menina, a troco de vestidos e chapéos iria com elle talvez...

— E' a perdição ! bradou o Pessimista.

— E' a vida...

— Você é de um cynismo revoltante.

— E você?

O Pessimista olhou-me :

— Eu, revolto-me !



— E o que adeanta com isso?

— Satisfaço a consciencia...

— Que é uma senhora cada vez mais complacente.

O Pessimista enrouqueceu de raiva. Eu, com um gesto familiar, tirei o chapéo ás meninas — que immediatamente corresponderam ao cumprimento.

— Oh diabo! conhecel-as!

— Nunca as vi mais gordas.

— E comprimenta-as?

— Por isso mesmo : para as conhecer. E' que essas duas meninas são, meu caro Pessimista, um caso social — um expoente da vida nova, a vida do automovel e do velivolo. O homem brasileiro transforma-se, adaptando de blóco a civilização; os costumes transformam-se; as mulheres transformam-se. A civilisação creou a suprema furia das precocidades e dos appetites. Não ha mais crianças. Ha homens. As meninas, que aliás sempre se fizeram mais depressa mulheres que os meninos homens, seguem a vértigem. E o mal das civilizações, com o vicio, o canção, o exgottamento, dá como resultado das crianças pervertidas. Pervertidas em todas as classes; nos pobres por miseria e fome; nos burguezes por ambição de luxo, nos ricos por vicio e degeneração. Certo, ha muitissimas raparigas puras. Mas estas, que se transformaram com o Rio, estas que ha dez annos tomariam sorvete, de olhos baixos e acanhadas, estas são as « modern girls ».



— Um termo inglez...

— Diga antes americano — porque americano é tudo que nos parece novo. Antigamente tremíamos de horror. Hoje, estas duas pequenas são quasi nada de grave. Semi-irgens? Contaminadas de « flirt »? Sei lá! E' preciso conhecer o Rio actual para apanhar o pavor immenso do que poderíamos denominar a prostituição infantil. Este é o caso bonito — não se afflija — bonito á vista dos outros, porque os outros são sinistros. O que Paris e Lisboa e Londres, emfim as cidades europeas offerecem tão naturalmente, prolifera agora no Rio. A miseria deshonesta manda as meninas, as crianças, para a rua e explora-as. Ha matronas que negociam com as filhas de modo alarmante. Ha cavalheiros que fazem de colleccionar crianças um sport tranquillo. A cidade tem mesmo, não uma só, mas muitas casas publicamente secretas, frequentadas por meninas dos doze aos dezeseis annos. Ainda outro dia vi uma menina. de madeixas cahidas e meia curta. Olhou-me com insolencia e entrou numa casa secreta, que fica bem em frente ao ponto de carros electricos em que me achava. Estas talvez não façam isso ainda, estas são as eternas pedidas.

— As eternas pedidas?...

— Creaturinhas com o tropico, o vicio das ruas, o appetite do luxo que não podem ter, creaturinhas que desde o collegio, desde os dez annos, se enfeitam, põem pó de arroz, carmim, e namoram. O



lar está aberto aos milhafres, como se diria antigamente nos dramalhões. Ellas têm um noivo, quando deviam estar a pular a corda. E' um rapaz alegre, que lhes ensina cousas, e pittorescamente lhes « dá o fóra » tempos depois, desapparecendo. Logo apparece outro. As meninas, por vicio e mesmo porque lhes pareceria deprimente não ter um apaixonado permanente, recebem esse e com elle contractam casamento. Ao cabo de dous ou tres mezes a scena repete-se e vem terceiro, de modo que é muito commum ouvir nas conversas das pobres mamãs : — « A minha filha vai casar ». — « Ah ! já sei, com aquelle rapaz alto, louro ? » — « Não. Agora é com aquelle baixo, moreno, que em tempos namorou a filha do Praxedes »...

— Você é immoral...

— Estou a descrever-lhe um mal social apenas. Não é assim? E'. São as « modern girls ». E o mesmo phenomeno se reproduz na alta sociedade, com mais elegancia, sem a declaração de noivado official, mas com um « flirt » tão intimo que se teme pensar não ser muito mais... Quaes as idéas dessas pobres creaturinhas, meu caro Pessimista? Coitaditas! Ingenuidade, a ingenuidade do mal espontaneo. Ellas são antes victimas do nome, da situação, do momento, da sociedade. Nenhuma dellas tem plena convicção do que pratica. E algum de nós, neste instante vertiginoso da cidade, tem plena consciencia, exacta consciencia do que faz?

— Estamos todos malucos.



— Dil-o você! O facto é que de repente nos atacou uma hyper-fúria de acção, um subitaneo desencadear de desejos, de appetites desaçaimados. Não é vida, é a convulsão de um mundo social que se forma. O cynismo dos homens é o cynismo das mulheres, seres um tanto inferiores, educados para agradar os homens — vendo os homens difficeis, os casamentos serios, o futuro tenebroso. As « modern girls »! Não imagina você a minha pena quando as vejo sorrindo com impudencia, copiando o andar das « cocottes » exaggerando o desembaraço, acceitando o primeiro chegado para o « flirt », numa maluqueira de sentidos só comparavel ás crises rituaes do vicio asiatico!... Ellas são modernas, ellas são coquettes, ellas querem apparecer, brilhar, superar. Ellas pedem o louvor, o olhar concupiscente, como os artistas, os deputados, as « cocottes »; as palavras de desejo como os mais allucinados titeres da Luxuria. E tudo por imitação, porque o instante é esse, porque o momento desvairante é de um galope desenfreado de excessos sem termo, porque já não ha juizo...

— Virou moralista?

— Como Diogenes, caro amigo.

Entretanto, o grupo das meninas e dos rapazes acabára as bebidas. Os rapazes estavam de certo com pressa de continuar os apertões nos automoveis.

— Vamos. Já vinte minutos.

— Não quer mais nada, mamã?



— Não, muito obrigada.

— Então, em marcha.

— Para a Beira-Mar!

— Nunca! interrompeu um dos rapazes. Vou mostrar-lhes agora o ponto mais escuro da cidade: o Jardim Botânico.

— Faz-se tarde. Olha teu pai, menina...

— Qual! Em dez minutos estamos lá! E' um automovel esplendido.

— Partamos.

O bando ergueu-se. Houve um arrastar de cadeiras. Sahiu a senhora gorda á frente. A menina mais velha seguia com um dos rapazes, que lhe segurava o braço. A menina menor tambem partia acompanhada pelo outro, que lhe dizia cousas ao ouvido. Ficámos sós — eu, o Pessimista e o homem nervoso da outra mesa, o tempo, aliás apenas para que o homem nervoso se levantasse, e, tomando de um lenço que ficara esquecido na mesa alegre, o embrulhasse com a sua carta... A menor das pequenas voltava, rindo, a dizer alto para fóra:

— Esperem, é um segundo...

Correu á mesa, apanhou o lenço com a carta, lançou um olhar malicioso ao homem, e partiu lepida, sem se preocupar com o nosso juizo.

— Essas é que são as ingenuas? berrou o Pessimista.

— Ha ingenuas e ingenuas. Ingenuas xarope de groselhas...

— E ingenuas whisky and Caxambu?



— Exactamente. Esta, porém, é menos que whisky, e mais que xarope — é o commum das « modern grils » o que se póde chamar...

— Uma ingenua cock-tail?

— E com ovo, excellente amigo, e com ovo!

---







# A Crise dos creados







## A CRISE DOS CREADOS

Recebo neste momento uma carta acompanhada do seguinte bilhete : « Lê estas linhas tragicas. Ellas resumem o maior tormento contemporaneo das donas de casa e consequentemente dos pobres maridos das donas de casa. Lê e compenetra-te. »

Desdobrei a missiva e li a seguinte longa historia de um tormento de que ninguem fala.

« Minha cara Baby. Afinal ficou hontem resolvido. Fabio consente em partir no proximo dia 15. Depois com os ultimos calores e os temporaes subitos á Wanda mostrou os incommodos de garganta. Estamos em preparativos. Uf! Partir! Partir é sempre bom, mesmo quando é apenas para outro bairro. Estou contentissima! Uf! Tres longos mezes de repouso, tres longos mezes na casa dos outros, tres longos mezes sem a preocupação, a absorvente preocupação, a idéa fixa, a angustiosa idéa fixa...

Não te admires da minha face pallida, das olheiras côr d'agapantho, da magreza do meu todo, quando vires na estação esta tua amiga. E' da idéa



fixa. Sempre fui uma mulher feliz, nunca tive ciúmes, nem razões contra meu marido, tenho um lar encantador, dois filhos que são como duas flôres novas, espelhos e costureiras que asseguram a continuação dos encantos que prenderam meu marido. Mas, oh! Baby, querida Baby, desde o primeiro dia do casamento o problema insolúvel rebentou aos meus olhos e foi crescendo, foi-se complicando, foi-se fazendo avatar, e nos liames da sua insolubilidade, só a pensar nelle, como planta sugada, fui empallidecendo, afeiando, perdendo o viço.

Si não partir no dia 15, talvez não resista. Estou, ao mesmo tempo que sinto vontade de chorar, com impetos de quebrar a louça, quebrar a cara ao Fabio, puxar as orelhas á Wanda. E só isso porque são seis horas da tarde e estamos apenas, eu o marido e os dois filhos; e só isso porque para jantar ou terei de ir á cosinha ou terá o Fabio de sair a encommendal-o ao hotel.

Adivinhaste de certo, minha Baby. A neurasthenia da tua amiga é o angustioso problema dos creados, a razão de ser a causa das maiores desintelligencias no nosso lar. Já não posso mais. Não posso! Não posso! Fabio, que odeia as gorduras dos hoteis já foi á cosinha umas seis vezes e suspirou olhando as unhas. O filho já indagou si não se jantava. São seis horas. Por que saíram as duas creadas? Não sei. E' lá possível saber porque as creadas deixam as casas hoje em dia? Ella, a cosinheira, chegou-se a mim e disse pela manhã.



— Depois do almoço, tenho de sahir.

A copeira appareceu então.

— A patroa deixava eu aproveitar a companhia para fazer umas compras?

Eu tinha de sahir. Mas como negar qualquer coisa ás creadas?

— Podem ir, mas não esqueçam que o Dr. Fabio janta ás seis.

E dei-lhes dinheiro para os bonds, e fiquei. Infelizmente, porque ellas estavam de combinação e deixavam a casa só, por sentimento de perversidade. De resto isto não me causou muita emoção. estou acostumada. O que me admiraria era vel-as voltar. Imagina tu que este anno eu tive 96 creadas!

Sim, não rias nem julgues exaggero. 96 creadas de janeiro a novembro. Recorremos a annuncios, a casas de commissão, a exploradores particulares, á inspectoría de immigração, ao suburbio, á roça, ao diabo. Nunca conseguimos ter em regra uma creada mais de oito dias e tivemos as que duram um dia, meio dia, algumas horas e mesmo apenas minutos. Contando os dias sem creada, essas 96 dão a média no anno de uma creada para dois dias. No começo do anno eu e o Fabio a rir do problema apostamos, eu como havia de ser peor, elle como seria melhor e tomamos nota da primeira : uma allemã. Essa tinha um filho que todas as noites rebentava de indigestão porque a mulher o obrigava a comer de mais Durou até o dia 5 porque



partia para Santa Catharina, onde o marido, dizia ella, tinha uma carroça e *uma cavalla*. O dono da venda arranjou-nos outra muito boa, sua patricia, chegada da terra, e de toda confiança. Era um desastre. Foi limpar o chapéo alto do Fabio e amarrotou-o todo. Tentou abotoar-me as botas e arrancou tantos botões que por ultimo arrancou as botinas, não tendo mais que arrancar. A comida era horrivel e apezar do calor a mulher tinha horror á agua.

— E' impossivel! dizia eu.

— Mas fica! assegurava Fabio. Tem paciencia.

Tres dias depois a mulher fugia com o padeiro, que tambem era da terra. Ah! Baby, que torre de Babel ancillar foi a minha casa este anno. Comecei por uma allemã, não? Pois a penultima era arabe! São italianas, hespanholas, hungaras, inglezas, francezas, mulatas, pretas, brancas, todo o mundo E nenhuma fica!

Por que? indagarás tu a rir. Por que? Ah! esse é que o enygma. Por que? E' o caso de dizer como aquelle poeta sobre os collegas futuros :

Poètes à venir, qui saurez tant de choses,  
Et les direz sans doute en un verbe plus beau...

Só as donas de casa do futuro, de certo mais intelligentes, poderão explicar as causas desse estado horrivel. Por que ellas saem? Si ás vezes nem entram ou quasi não entram! No mez de agosto contratei



uma creada de nome Miquelina. Era preta, magra, ossea, feia.

— Sabe cosinhar?

— P'ra mim; quanto ao paladar dos outros é preciso ver.

— Quanto ganha?

— Sessenta e com a condição de sahir ás 6 horas. Mas entro cedo.

— Pois bem, acceito.

— Venho amanhã.

No dia seguinte, ás 5 da madrugada, fomos accordados com um barulho medonho. Quasi que pucham a porta em baixo. Fabio ergueu-se assustado e voltou satisfeito.

— E' a cozinheira. Chegou cedo, hein? Teremos sorte?

A's 8 horas levantámo-nos e, indo á cozinha, encontrei no meio de um lago, deante da pia com a torneira aberta, de joelhos, mãos postas, a creada que resava.

— Nossa Senhora da Consolação, por quem és...

— Que é isso, rapariga?

— Cala a bocca, estou resando a Nossa Senhora.

Ella estava apenas bebedada, mas bebedada de cahir e teve de ir, com a ajuda da policia, resar no xadrez. Teria estado esta em minha casa? A que a substituiu era da roça, trazida por um agente explorador. Pura roça do Meyer e da plataforma, como disse o Fabio.

Chegou, e todas as condições foram acceitas. Si



dormia em casa ! Mas, duas horas depois, ella vinha annunciar que, tendo esquecido a roupa, ia buscar e voltava já. Até hoje, Baby. Deixou-nos uma saia suja e um par de chinellas velhas ! E não te admires. A terceira que appareceu era hespanhola. Tinha estado na casa do Conselheiro Fulano, na do ministro Cicrano, era importante. Entrava ás 9 horas e sahia ás 7.

— Quanto é o seu aluguel?

— Conforme.

— Conforme o que?

— Si forem duas pessoas 80\$000.

— E mais?

— Cada cabeça a mais, mais 10\$000...

— Por que?

— Sabe usted, mi senora, que custa mais a fazer.

— E quando houver visitas?

— Una gratification...

Mas tive uma em agosto que impunha como condições o jantar ás 4  $\frac{1}{2}$  da tarde e levar a comida para o « seu homem » que a viria buscar. Fabio estava perto e não acceitou, dizendo :

— Vae, filha, e não deixes de dar lembranças ao homem...

Que fazer? Que fazer? Já tive de pancada quatro creadas, a ver si alguma parava. E' impossivel. E neste momento, tendo de ir para a cosinha, já imagino o supplicio habitual de amanhã, que é para mim o supplicio de todos os dias quasi.

— Estão batendo.



— Deve ser creada.

— Quem é?

— Foi aqui que annunciou?

— Foi. Você é cozinheira?

— Do trivial, sim, senhora; as minhas condições...

E dizem isso sujas, desdentadas, feias, bebedas, bonitonas, todas, todas...

Ah! não, Baby. No dia 15 partimos. Não imaginas o meu contentamento. Tres longos mezes sem ouvir isso, sem pensar em creadas — o grande tormento de tantas casas. E, aqui em segredo: vou empregar esses dias a convencer Fabio que devemos ir para uma pensão, definitivamente. Não achas?

Tua amiga, com coragem capaz de aturar 96 creadas em onze mezes, e muito do coração.»

Eu fiquei a pensar e a sorrir.

Ha, cada vez mais grave, entre nós, a crise dos bons criados. E' uma crise como outra qualquer, e terrivel para quem precisa conservar uma certa linha social na sua residencia. Não ha servidores domesticos nem mesmo regulares. Os cozinheiros são atrozes, as cozinheiras são indescriptiveis, os copeiros ignoram por completo o seu officio, as damas de companhia, as mucamas, as criadas de quarto não têm qualificativos quanto ao cumprimento de sua obrigação. Ha, porém, mais. Cozinheiras e cozinheiros são bebedos e ladrões, copeiros são gatunos, denunciadores, criminosos vulgares, a criadagem



feminina participa de todos os vícios e de todos os desequilíbros. As queixas á policia são constantes. Um dos maiores problemas de um dono de casa, com a incuria geral, é escolher um criado depois de procural-o muito. Se acha um, tem de ficar com elle e dar graças aos deuses.

Outro dia, diziam-me :

— Nós peoramos de anno para anno. Veja você na Europa como os criados são baratos e bons, de toda confiança. Aqui, já houve tempo. Agora é um escandalo, é uma vergonha. Os ordenados são fantasticos, os criados bandidos, e nada mais arriscado do que fazer o que nós todos somos obrigados a fazer : abrir o lar á invasão dessa tropa de delinquentes e trapos sociaes, e ser a victima indefesa nas suas mãos.

Realmente. O criado entra para uma casa sem carteira, sem informação, sem indagações.

Exige varias cousas. O patrão nada exige, porque então não veria criados. Tem um copeiro que não sabe servir á mesa mas lhe pede dinheiro adeantado; tem um cozinheiro inaudito que, além de queimar a comida e insultal-o na cozinha, exige vinho ás refeições e o almoço tarde, porque não se levanta antes das 9 horas da manhã. Isso é, porém, o ideal — porque póde ter um ladrão, o membro de uma quadrilha de salteadores, um assassino, o que é evidentemente mais que as mais absurdas exigencias. E apezar das exigencias e dos perigos, a maior angustia de quem precisa de criados é obtel-os e



conserval-os, mesmo por curto espaço de tempo.

— Por que vai embora você?

— Não sei, não.

— Dou-lhe cem mil réis por mez. Você dorme fóra, sahindo ás 7 e entrando ás 8. Você tem vinho e sobremesa a cada refeição; você recebe as suas visitas todas as sextasfeiras. Você não paga a louça que quebra. Já lhe dei vestidos meus. Por que vai embora você, duas semanas depois de entrar?

— Vou fallar com franqueza : não sympathiso com esta rua!

A questão dos criados é uma questão economica e tambem uma questão social. Não ha duvidas possiveis a respeito. Outr'ora, o criado como crise social e economica faria rir ás velhas matronas marechalias, em casas enormes como quarteis, de um exercito de servos. Hoje, só fallar em criada demuda e vinca de tristeza as pobres donas de casas pequenas.

— Por que, senhores, por que não é como antigamente ou como na Europa?

Ellas juntam as mãos nos salões, nervosas, sem animo, deante do horrivel problema; e em cada casa a irregularidade, o desperdicio, o cansaço, a falta de serviço regular ameaçam desastres, complicações, agonias.

Ora ,a crise dos criados explica de um modo absoluto a vertigem de progresso de um poyo joven e só por esse progresso póde ser explicada. Ha penuria de criados? Não havia ha vinte e cinco annos? Mas



ha vinte e cinco annos tinhamos escravos. O criado tinha por ideal agradar e acabava fazendo parte da familia, sem vencimentos. Depois de 13 de maio os criados estavam baratissimos. Os escravos não sabiam o que fazer. Mas fez-se a corrente immigra-toria. De repente, a velha aldeia acordou cidade triumphal. A vida americana despertou nos nervos modorrentos dos sem ambições. Um desencadear de appetites, de desejos, de vontades irrompeu. A sementeira de furia ambiciosa dos immigrantes correspondeu o terreno fertilissimo do paiz novo em frondosas arvores de negociatas, de projectos, de realisações onde estava tudo á espera de realisação. De Portugal, da Hespanha, da Italia, de varias provincias da Peninsula, do Levante, do Libano, da Polonia, da Allemanha, o immigrante vinha. Eram barbaros ruraes, avidos de dinheiro, de goso, de satisfações pessoaes, ignorantes e querendo ganhar. Não faziam questão de profissão. Tudo lhes servia, menos, para a maioria, ir trabalhar na terra, voltar a ser o que era lá. As crises sociaes das cidades americanas terão sempre como origem esse vicio da immigração que renega o campo e se urbaniza.

Com a sua actividade, com o seu egoismo triumphal, as raças que fizeram o ambiente de progresso vertiginoso, tomando conta de varias profissões, expulsaram e quasi liquidaram os negros livres e bebedos, raça de todo incapaz de resistir e hoje cada vez mais inutil. E o problema ficou nitidamente traçado. De um lado os criados negros que a



abolição estragou dando-lhes a liberdade. Inferiores, alcoolicos, sem ambição, num paiz onde não é preciso trabalhar para viver, são torpemente carne para prostibulos, manicomios, sargetas, são o bagaço da canalha. De outro, os immigrants, raças fortes, tendo sahido dos respectivos paizes evidentemente com o desejo sempre incontentado de enriquecer cada vez mais, e por consecuencia, transitorios sempre em diversas profissões. Como ter criados? Os negros não trabalham porque não precisam. Os brancos têm ambições de mais, estão temporariamente na profissão de criados.

Tudo, de resto, num paiz que se plasma, é temporario. Elles têm a cada passo exemplos de que nada é mais possivel do que mudar e ganhar muito. Os barões, seus patrões temporarios, dizem :

— Comecei de tamancos, carregando cesto.

Immigrantes, chegados sem roupa e sem nickel, são millionarios. E' perigosissimo julgar que um desses homens em mangas de camisa não seja amanhã riquissimo. O espirito que obriga ao nivelamento social e transforma o immigrantante num insolente audaz, sapateando sobre as distancias mundanas, é uma secreta indicação da Fatalidade. O meu engraxate de ha cinco annos — hontem ! — é o maior bicheiro da actualidade, já perdeu mil e quinhentos contos, tem uma fortuna de oitocentos, o maior brilhante do Brasil e varias condecorações. Trata todos, incluso eu, como se fossem seus lacaios. Um copeiro de minha familia, copeiro



pequeno, que commigo brincava em criança, encontrei-o outro dia no theatro, de smoking e anel de brilhante. Fomos ceiar juntos, a seu convite. Ganhou já duzentos contos em construcções. Fez-me confidencias :

— Ganhei duzentos contos. E tu?

— Escrevi duas mil paginas.

— Que tolice!

Não lê jornaes, assigna mal o nome, pretende ser amante das senhoras do tom, é forte, é saudavel, é sympathico.

Nada menos intelligente que desprezar um desses homens. Na Europa, o criado é sempre criado. Nos paizes novos, o criado é criado de passagem. Amanhã o seu copeiro é dono de companhia, o seu cozinheiro tem um hotel, a sua criada de quarto é cocotte. Ainda outro dia encontrei o pequeno de um ascensor lendo um livro de physica.

— Está a instruir-se? Bravo!

— Para não perder o tempo. A electricidade é o que dá mais agora.

— E então?

— Pretendo ser electricista, antes de ser millionario.

Apertei-lhe a mão. Aperto, de resto, a mão aos cocheiros, aos motoristas, ao meu criado de quarto, aos garçons de restaurante. Todos são meus iguaes sociaes em breve, elevados pelo Dinheiro. O meu criado de quarto é um hespanhol de quarenta annos. Além desse já tem



outros empregos Hontem não me appareceu.

— Tive muito que fazer, informou-me. E preciso do seu auxilio.

— Que queres?

— Eu e a mulher montámos uma grande casa de engommar, com frente para a rua. Preciso que arranje um conto de réis. Damos-lhe sociedade. E' negocio certo.

O character transitorio de criado é ainda accentuado pelo sentimento de orgulho dos servos modernos. A dependencia domestica humilha-os, offende-os. Dahi o collocarem-se como inimigos. O dono de casa é um general em cidade pilhada e vencida. Os criados limitam-se estrictamente ás suas funcções, não têm alma, não têm sentimentos, riem, troçam dos patrões, fallam mal delles na vizinhança, roubam-n'os com descaro, exigem sempre. E não os tratam senão pelo nome : D. Fulana; Sr. Cicrano. Por trás são os qualificativos pejorativos e a maneira mais amavel de referencia é um pronome pessoal sibilado com ira : « Elle » diz que é isso. « Ella » engana-o... Foi preciso ir á Europa, para ouvir com um tom humilde e domestico um homem murmurar : Sim, meu senhor. E os gestos ancilares, os gestos de criadas passaram a ser usados apenas pelos parasitas politicos.

Não podia deixar de ser assim. Onde uma grande cidade de paiz novo que não tenha a escassez dos criados? Vejam os Estados Unidos e os excessos, as extravagancias que elles se permitem. Vejam a



Argentina. Póde-se mostrar o violento progresso de um paiz por pequenos factos de uma cidade. O Brasil apresenta a crise do criado como uma prova de plethora de progresso. Nos velhos paizes cheios de tradições, as classes elevadas conservam as posições — porque, diz Ernest Charles, são as mais instruidas e as mais intelligentes. Na America não ha tradições e quando as ha ellas são prejudiciaes, como em varias republicas hespanholas. Não ha tradições e os elevados de hoje vieram dos camponios e do operariado europeu, com a mesma instrucção. Têm a mesma energia, sabem mais ou menos o mesmo, têm o mesmo desejo, são perfeitamente iguaes. E a vida é a batalha desesperada para a conquista do Dinheiro, para a escalada delirante da montanha de ouro, e o ideal, que faz o progresso, que reanima o paiz, que estabelece o deslumbramento, é o mesmo de homens do mesmo valor.

Não ha criados, ha homens transitoriamente empregados ao serviço de outros, emquanto não arranjam cousa melhor. E a crise social do criado é uma das fórmias demonstrativas do progresso, — do progresso geral e da alma imperialista e barbara do futuro brasileiro, que em todas as cousas quer ser o chefe.

Quaesquer que sejam as medidas municipaes e policiaes a respeito, o mal só tende a augmentar. Dentro de dez annos, os criados — ainda os haverá no Rio?



O Muro da vida privada







## MURO DA VIDA PRIVADA

Quando o pobre homem mais ou menos notavel saltou no Cães Pharoux, encontrou uma dupla fila de photographos e de reporters. Os photographos armados de kodacks logo apanharam a sua physionomia um pouco fatigada. Os reporters precipitaram-se perguntando cousas futeis a que elle respondia de um modo solícito mas vago. Um dos jornalistas porém veio até a portinhola do automovel.

— Faz obsequio, que idade tem?

— Cincoenta e dois.

— E' casado?

— Sim senhor.

— Muitos filhos?

O homem mais ou menos notavel respondeu sorrindo :

— Dois apenas... Sempre ás suas ordens.

O carro poude então partir. Era um automovel aberto, e nós tres ainda riamos das perguntas do joven reporter.



— Que se ha de fazer? disse o homem mais ou menos notavel.

Onde vou, apparecem-me logo esses rapazes. Já respondo sem sentir. Mas o peor é depois. Os jornaes contam que eu cheguei e dão-me o retrato. O hoteleiro põe-me como cartaz. Os meus menores gestos são espiados. Os creados entram-me nos aposentos sem serem chamados. Ha gente que se engana no numero dos quartos para entrar no meu. Ao jantar, seguem a lista que eu escolho. Peço pimentas; ha sempre reflexões : « como gosta de pimentas ! não lhes farão mal? » Prefiro fructas aos doces. « Porque gosta mais de fructas? » Nas ruas olham-me como um animal raro. Tenho a sensação de estar sempre preso num aro de olhos. E a vida é para mim infinitamente triste porque não tenho a liberdade de fazer o que eu quero, porque estou sempre amarrado ao terror da opinião publica.

Então, um dos amigos do homem mais ou menos notavel atirou fóra o cigarro, e exclamou :

— Não tens razão de queixas.

— Porque?

— Porque és apenas uma victima um pouco mais victima de um mal da época. A curiosidade é tão excessiva que perdeu o pudor. A vertigem da vida é tão intensa que não póde mais separar a vida publica da vida particular. Antigamente havia o recesso do lar. O homem retirava-se para a sua casa e contra a má lingua, a bisbilhotice mal sã protegia-o muro da vida privada. Hoje, a necessidade



urgente é pular esse muro importante, é espiar o que se passa do lado de dentro. E não ha quem ponha os intrusos para o lado de fóra do muro porque estamos sempre a trepar nos muros vizinhos. E' um mal particular e geral. Como mal particular, cada um o tem mais ou menos forte e mais ou menos o soffre conforme o ambiente. Conhece-se um homem, que é admiravel pelas suas obras. Inmediatamente recebemos informações quasi sempre não verdadeiras sobre a sua vida intima. Fulano? Vae semanalmente de carro a casa de uma cocotte. Cicrano? E' um digno homem publico? Pois ha dois mezes não paga ao jardineiro e aos domingos come uma vez só por economia. Beltrano? Mas Beltrano, que na vida publica é um bemfeitor não passa de um tratante, filho de mãe incognita. Um tal? Um tal, coitado! tem a esposa, a linda esposa... Não ha de quem não se fale mal. Outr'ora era preciso uma certa importancia para ter disso. Hoje, qualquer mortal. Nesta capital do mexerico e da calumnia perdeu o seu prestigio porque uns e outros não fazem o dia inteiro senão estiaçalhar a vida intima do proximo e levar encarapitados sobre o muro da vida privada a gritar com exaggero o que lá se passa.

— Nem todos gritam.

— Todos.

— E os amigos?

— Os amigos intimos são os peores, porque inteiramente de dentro, sem precisar saltar o muro,



inventam com mais foros de verdade e maior credulidade do publico. E quem hoje tem amigos intimos? Hoje, ha apenas camaradas ligados pelo interesse, as conveniencias occasionaes. Veja os homens. A' primeira desintelligencia, ao primeiro amuo do que explora menos e levanta a cerviz, immediatamente se tratam de bandalhos e ladravazes.

A sympathia moderna é leve e impalpavel. Não assenta, não se solidifica. O muro da vida privada começou a perder o prestigio graças a ella.

— Pessimista!

— Oh! não. Analyso apenas e com um certo carinho. Falaria uma hora a citar essas amizades que se rompem com escandalo, entre politicos, entre jornalistas, entre homens de posições muito diversas. — « Oh! meu caro » equivale sempre a um interesse.

— Você inventa o thermometro das phrases.

— Nesta época de arrivismo desenfreado, de egoismo feroz tem de ser assim. Houve um homem ultimamente que quiz inventar a expressão exacta das sensações. As palavras não davam bem as nuances e o homem recorreu ás mathematicas, aos numeros,

Assim, tendo de dizer que o sol tinha um calor um pouco demasiado o homem diria : o sol tinha um calor mais  $\frac{3}{4}$  do commum... Era um phantasia. Entretanto podemos estudar o valor das amabilidades pelas cifras, a inflexão pelo interesse



qualquer que seja o interesse. O caso aliás já está no *Roi de Caillavet e Flers*, na scena da recepção...

— Você é desolador.

— Em glorificar o interesse e o senso pratico da vida?

— Sim, porque ha cousas que ninguem diz, apesar de todos pensarem de accôrdo.

— E nós pensamos de accôrdo, tacitamente achamos horrivel o esboroamento do muro da vida privada, mas consentimos que d'elle em breve nada mais exista. Porque temos o appetite do escandalo, temos a raiva da destruição e o civilizado faz carnicifinas moraes apenas. Si todos prestam attenção malevola á vida dos outros — como uma resultante desse accumulo de bisbilhotices perversas, como expoente moral dessa derrocada do velho symbolo que separava o homem publico do homem privado surge a exasperante furia de informação, a fome feroz do noticiario, a irresponsabilidade da calumnia lida com um prazer satanico. Não acredite você que só o homem de notoriedade soffre taes cousas. Soffre talvez mais porque subiu e tem maior sensibilidade. Mas de facto todos soffrem. Espiam as repartições publicas, espiam os quartos, as salas, logares secretos, espiam as bodegas, as casas modestas, os anonymos. A uma simples palavra os jornaes fazem juizos integraes. Contam-se adulterios com os nomes por extenso das tres victimas, contam-se defloramentos com as notas do exame me-



dico-legal por extenso. Homens mediocres veem impressa a historia da sua familia, quasi sempre mentirosa. Casos de honra não os ha mais porque a publicidade nullifica a honra em theatralidade, espiando os bastidores da scena. Como o homem é um animal com dois sentimentos fundamentaes : o amor do lucro e o amor do goso, as baixezas do dinheiro e os desvarios da carne são o escandalo permanente aqui, como em toda parte. Derrubado o muro da vida privada, ha um sentimento de insegurança moral generalizado. Faz-se tudo ás claras mesmo quando não se quer. E quando não se faça, a imaginação inverta como inventava contra Catão o antigo, que em Roma teve a tolice inutil de transformar o muro da vida privada numa casa de vidro.

— Encaras com má vontade o problema.

— Com a má vontade secreta de todos nós. Derrubado o muro, não se respeita nem a morte. O sujeito depois de morto tem retrato, tem noticiaio e tem calumnias e serve para calumniar aos outros. O menos que d'elle se diz é que morreu por imprudencia, pela sua vida má; o mais que se diz é que o pobre falleceu por causa dos medicos ou da incuria dos enfermeiros.

— Já via a vida assim o *Misanthropo* de Molière.

— E a vida, apesar disso está cada vez melhor.

O cavalheiro pessimista que falava tanto irritou-se.

— Mas de certo. Secretamente, somos contra o



esboroamento do muro, quando é para o mal, mas ficamos contentíssimos quando satisfaz o nosso desesperado exhibicionismo, porque sem o muro os anonymos têm retrato jornaes, os mediocres se affirmam pela insistencia do nome impreso, as vaidades se aguçam pela publicidade. Você mesmo, tal o estado da nossa moral, si fosse Corneille.

— Não sou Corneille.

— Ou Lavoisier.

— Não sou Lavoisier.

— Não responderia ao reporter.

— Perdão. Nos tempos desses cavalheiros eram as proprias figuras de realce que aboliam o muro compondo autos-retratos.

— Aboliam depois de arranjar a vida como os salões para os grandes bailes. Mas não me interrompa. Você mesmo fez um ar de victima depois de responder ao reporter. Entretanto, si não houvesse reporters e photographos você estaria furioso agora.

— Maldizente !

— Verdadeiro.

O automovel parára á porta do hotel. Saltamos. O gerente, sem ter sido advertido, agiu com indifferença.

Não havia ninguem á espera do homem mais ou menos notavel. Senti que o homem procurava com os olhos alguma cousa. Subimos num ascensor ao terceiro andar. O semblante da creatura annuviara-se de repente. Fazia um grande esforço para sorrir



e mostrar-se alegre. O gerente tratava-nos como toda gente.

— Que tem?

— Nada.

— Alguma dôr. Saudades?

— Não, nada.

Ficou num quarto enorme e mal mobiliado, sentou-se á beira da cama.

— Que hoteis os nossos! que horror!

Os quatro, meditativamente, exclamamos :

— Que miseria!

A tristeza envolvia-nos. Nisso bateram á porta. O homem mais ou menos notavel virou a cabeça ancioso, gritou soffrego :

— Entre!

A porta abriu-se, appareceu um menino armado de lapis e tiras de papel, nervoso por apparecer não á porta só mas tambem ao mundo.

— V. exa. dá licença? E' o illustre escriptor? Venho em nome do meu jornal cumprimentar v. exa. e pedir algumas notas...

O gerente voltara-se rubro, com um olhar de quem pede perdão. O homem mais ou menos notavel, de novo radiante, ergueu-se, estendeu a mão :

— Muito obrigado, meu caro amigo, o que quizer...

Então o nosso pessimista berrou com escandalo geral :

— Que dizia eu, meus senhores, que dizia eu? Não é o que eu dizia?



O homem sorriu e para nós, como a confessar-se :  
— Sim ! Sim ! Tem razão. Somos todos assim !  
Derrubar o muro da vida privada é horrível quando é para mal. Mas hoje, com a nossa vida vertiginosa, com a nossa ancia de sól e de liberdade, de exhibicionismo, de vaidade, do que quizeres, quando por alguns segundos o tal muro sentimos, é como si sentissemos a asphixia, o vasio, a rarefacção da vida. Não somos mais nada... O muro está felizmente acabado. Graças ! Porque só a sua illusão por segundos entenebrece a alma !

E acompanhado do gerente amabilissimo o homem mais ou menos notavel levou pelo braço o reporter, a picareta symbolo destruidor do velho e arrazado symbolo do muro da vida privada.

---







Jogatina







## JOGATINA

De repente, sem que ninguém soubesse por que, todos nós, com afinco, conhecimentos praticos e mesmo erudição, tornamos a descobrir que a cidade continúa a ser, não a terra dos cinematographos, não o paiz dos melomanos, não o paraiso das « cocottes », mas apenas ' o reino da batota. Sim, cá estamos numa desenfreada e arruinadora jogatina. Não é Monte Carlo. E' peor. E' incomparavelmente peor. Não é Cascaes, não se assemelha a nenhuma cidade de cura e de passeio do mundo porque reúne todas as cidades de cura e as que adoecem a gente nesse appetite desenfrado do jogo. Joga-se nos cavallos, nos gallos, na loteria, no bicho, na renda da Alfandega, no final da loteria, nas sommas de diversas producções commerciaes, nas flores, na electricidade, na hypothese de ganhar; joga-se em todas as ruas, em cada canto; aposta-se no dado, no bac, no pocker, na roleta, no vermelhinha, no cometa de Halley, nas



candidaturas, no reconhecimento, nos actos do governo, na possibilidade da morte de pessoas notaveis, na fluctuação do cambio, na honra alheia, no que fará o sentimental chefe de policia...

— A mulher do Praxedes tem um amante : o Antunes.

— Lá amante tem. Agora o Antunes é que não.

— Affirmo-te. Vi-a entrar.

— Aposto.

— Caso como não é.

— O chefe de policia vae prohibir o jogo.

— Aposto como não.

— Um contra dez como vae.

— Vinte contra um como não vae...

E' inteiramente o delirio. Vê-se um ajuntamento na rua. E' talvez um conflicto? Não. E' apenas um grupo de jogadores que espera o resultado, pelo telephone, de uma das muitissimas loterias que se extrahem durante a noite. Vê-se uma casa illuminada. E' uma festa? Não. E' um club de jogo. Tudo é jogo, só jogo. E agora é que se comprehende na sua extensão a influencia dos costumes nas phrasas de calão.

— Bem conheço o teu jogo, já se póde dizer que é do Rio. Elle vê jogo em tudo. Quando uma senhora exclama :

— Cartas na mesa. Sr. meu marido, ninguem duvida que elle venha de um club de jogo e que ella saiba jogar o sólo, ou pelo menos o sete e meio...



Quem estuda um pouco o movimento do jogo publico fica principalmente admirado como ha tempo e gente para tantos jogos. E' quasi inacreditavel. Outr'ora nós jogavamos e bastante. Hoje é uma furia e uma furia em que a intelligencia para ganhar dinheiro toma proporções esplendidas. Passei dois dias a saber de jogos, começando pela loteria, a Grande Inicial. Era um dia de semana, á rua visconde de Itaborahy. Havia uma densa agglomeração á espera do resultado : empregados de *book-makers* equilibrados á beira da calçada; garotos, encarregados de communicar o numero da sorte grande aos pequenos *baqueiros*; trepados nos portaes; mulheres cobertas de trapos sordidos, empregados da Alfandega, homens de mãos callejadas, marinheiros e soldados de policia. Não era possivel a entrada do publico para a sala das extracções, devido a essa impenetravel muralha humana que se estendia pela calçada.

Os garotos aproveitavam os volumes retirados dos armazens aduaneiros, que atravancavam a rua, para ficar em ponto mais alto.

Os ruidos seccos das machinas Fichet, ouvidos no recinto, eram de vez em quando perturbados pela passagem estrepitosa de pesados caminhões e pelos fortes gritos dos cocheiros indignados :

— Olha a frente, diabo!

Todos esperavam anciosamente o numero da sorte grande, que decidia o resultado do *bicho*.



Lá dentro compassadamente, continuava a ser feita a extracção da loteria.

— Cincoenta contos de réis... Cincoenta contos de réis !...

Houve um prolongado silencio. Os que formavam a impenetravel muralha humana ficaram attentos, pareciam suspensos. Os ruidos rispídos das machinas Fichet, morriam aos poucos. A penultima roda, tocada com mais força, ainda girava. Faziam-se calculos. Lentamente o numero da sorte grande appareceu:

— 32290.

A turba espalhou-se deixando a calçada livre e os garotos reuniram-se nas primeiras esquinas. Nas sacadas dos velhos predios da rua Visconde de Itaboráhy appareceram pessoas a interrogar :

— Que *bicho* deu?

— Urso.

— Qual foi o final?

— 290.

Ficaram somente na sala das extracções os interessados pela loteria. A galeria destinada ás familias tambem esvasiara integralmente. Por que só interessa o jogo do bicho. O jogo do bicho !

Pouco tempo depois da revolta da armada, em 1893, o barão de Drummond começou a explorar no Jardim Zoologico o famoso *jogo do bicho*, que se alastrou rapidamente pelo Brazil inteiro, como os tentaculos de um polvo colossal. Por essa occasião o numero de visitantes do jardim da rua do



Visconde de Santa Isabel, era diminuto. Mas, passados alguns mezes, augmentou extraordinariamente. Os bonds da extincta companhia que serviam o bairro, partiam, desde o meio dia até ás 5 horas da tarde, da rua da Uruguyana, estreita e cheia de curvas, repletos de passageiros. Os mezes passavam e as autoridades não impediam a jogatina, que cada vez tomava maiores proporções. Um dia, mais de um anno após o apparecimento do famoso jogo, que já havia attingido ao delirio, o chefe de policia lembrou-se de impedir a venda de *poules*. O jardim fechou. Os innumerous *book-makers*, que já haviam surgido em todos os pontos da cidade, suspenderam por alguns dias as operações. Depois cada *banqueiro* tomou a resolução de acceitar apostas para o *bicho*, antecipadamente collocado dentro de uma caixinha, que ficava pendurada no tecto da sala em que eram vendidas as *poules*. Os apostadores que acceitaram o novo systema não foram muitos. Poucos depositavam confiança nos proprietarios de *book-makers*. Estavam no principio; havia hesitação. Foi então que appareceu o *jogo do bicho* pelos finaes da sorte grande.

Mais tarde a casa *bancaria* pertencente a M. Ribeiro, installada na rua do Ouvidor, proximo ao largo de S. Francisco, começou a vender *poules* por um novo systema denominado — o *moderno*, que ainda hoje existe. Para verificar-se o resultado deste systema é preciso sommar todos os numeros dos bilhetes premiados até 200\$, inclusive.



Depois veio o *Rio*, que consta da multiplicação do segundo premio pelo primeiro, desprezados os tres ultimos Algarismos. Veio, o *Salteado*, veio tudo quanto a mathematica podia facilitar, passando o primitivo systema a ser distinguido pelo nome de *Antigo*.

De vez em quando uma autoridade policial, como que desperta de um profundo somno, lembra-se que o jogo é uma contravenção prevista pela lei, faz tentativas para reprimil-o... Mas, deante da falta de provas para caracterisar o flagrante delicto, as providencias são integralmente inuteis.

Antigamente os grandes *book-makers* eram installados nas agencias de bilhetes de loterias, e os pequenos nos botequins ordinarios dos arrabaldes nas casas de quintada, e a venda do famoso jogo, em qualquer dos *book-makers*, era feita reservadamente.

Hoje é exactamente ao contrario.

Nas ruas de maior transito da cidade ha grandes *casas de bicho*, todas apresentando o aspecto caracterisco das casas bancarias das cidades florescentes. Outras estão estabelecidas em estreitos corredores, tendo apenas uma *vitrine* na porta, onde se vêem espalhados ao acaso alguns cartões postaes enroscados e esmaecidos pelos raios do sol, e varios cartazes, *reclamos* de loteria extrahidas. Um pouco afastados do centro *bicheiros* têm sómente pequenos, balcões de pinho, sob a guarda de um empregado, quasi sempre creança; os proprietarios desses *book-*



*makers* são, em sua maioria, vendedores ambulantes, que percorrem, de meio dia ás 2 horas da tarde, as estalagens, casas de commodos e as officinas que ficam nas proximidades.

Os *book-makers* commecam as suas operações ás 11 horas da manhã. O movimento, á proporção que se vae approximando a hora de *fechar o jogo*, vae augmentando. A's 2 horas da tarde attinge a maior intensidade. Os empregados não descansam um minuto. E' um sahir e entrar de gente numa verdadeira agitação de colmeia. Muitas vezes as proprias autoridades policiaes, que tambem vão atraz de ganhar no *bicho*, cruzam-se á porta com individuos bastante perigosos. A's 2 ½ horas é *fechado o jogo* e conferida a feria.

Depois ha um intervallo de trez horas começa o jogo da noite. Os *book-makers* vendem, além dos quatro *systemas* do jogo do bicho o dos quatro premios, loterias clandestinas e impagaveis.

Basta percorrer os olhos pelos annuncios dos jornaes para ver a fabulosa quantidade de *loterias da ultima hora*, conforme dizem os apostadores, que são extrahidas nos fundos dos *book-makers*, depois do anoitecer. Outras ha que não são extrahidas em logar algum, como o *Jardim da Floresta*, o *Globo Terrestre*. O resultado é feito a lapis, á vontade do banqueiro.

Quem não conhece as *loterias da noite* : *Popular*, *Caridade*, *Companhia Industrial Americana*, *Moderno Lotto*, *Companhia Elegante*, *Garantia*, *Bu-*



*raca, Nascente, Occidente, Prosperidade, Quadra, Nascente da Sorte, Estrella do Destino, Museu das Flores, Segurança, Gremio Fluminense, Industrial Mineira, Industrial Brasileira e outras?*

A verificação de cada uma das referidas *loterias clandestina, loterias* que o *freguez* não recebe nenhum bilhete contendo o numero jogado, é feita de modo diverso.

Basta ler os prospectos para edificação propria. A Caridade, por exemplo, é assim :

## CARIDADE

### SOCIEDADE BENEFICENTE

*De accôrdo com o artigo 31 dos estatutos ficou remido o socio.*

**777**

### *Acceitam-se encommendas*

As *encommendas* são feitas nas agencias onde se exhibem os referidos prospectos e a verificação do numero sorteado é feita, todos os dias, numa casa de bilhetes de loterias da rua Gonçalves Dias, proximo ao largo da Carioca.

## COMPANHIA INDUSTRIAL MINEIRA

*Foi apresentado hoje um memorandum que se acha registrado sob o numero.*

**567**



*Unica que se verifica sob a fiscalisação dos senhores agentes e socios.*

Dizem pertencer ao proprietario de uma agencia de bilhetes de loterias, estabelecida no largo de S. Francisco.

Esta é mais simples.

## BRINDE AOS FREGUEZES DE CASA TALISMAN DA SORTE

O numero é verificado pelos finaes do grande premio da Loteria da Capital Federal. Pertence a uma casa da rua da Assembléa, proxima á rua Gonçalves Dias.

Numa casa do cães dos Mineiros tambem se vende *jogo do bicho* em semelhantes condições.

## QUADRO

### SOCIEDADE ANONYMA

*Foi resgatado hoje o debenture n.*

807

Realmente a sociedade é tão anonyma, que ninguem sabe onde ella está installada.

Outra :



## COMPANHIA ELEGANTE

## GARANTIA MUTUA

De accôrdo com a clausula V de nosso regulamento, foi bonificado o socio inscripto sob o n.

019

Ainda outra :

## COMPANHIA INDUSTRIAL AMERICANA

« De accôrdo com os nossos estatutos e nos termos do art. 6º do Dec. n. 177 A, de 15 de setembro de 1893, e o que preceituam as letras *a* e *c* das condições do emprestimo publicado no *Jornal do Commercio* de 30 de maio e 9 de agosto de 1906. Esta Companhia resgatou os debentures.

1.167

O supposto *emprestimo* pedido por esta companhia, que funciona na rua Sete de Setembro, proximo á do Carmo, é da insignificante quantia de 1 \$, recebendo o accionista a importancia de 20 \$, quando fôr sorteado.

Num *book-makers* da rua Visconde de Sapucahy, quasi ao chegar á rua do Frei Caneca, ha *loteria da noite* de hora em hora.

A's 7 horas — *Nascente da Sorte*.



A's 8 horas — *Occidente da Sorte.*

A's 9 horas, ultima, o *Oriente.*

Desde o anoitecer até ás 9 horas, a rua fica cheia de viciosos que esperam o resultado das tres *loterias* clandestinas.

Ainda ha outra *loteria* clandestina, cuja verificação do numero premiado é feita de um modo bastante complicado.

**Moderno Lotto**

N. 397 .....	600 000
» 97 .....	60 000
» 79 .....	30 000
» 25 .....	20 000
	100 000
	397, 379, 793
	739, 973, 937

Verificação Labanca, ás 7 ½ no (n. 185)

Sommando a importancia de todos os premios distribuidos tem-se um resultado de 1 : 310 \$, emquanto que o *freguez*, jogando em todos os numeros, emprega a quantia de 1 : 000 \$ 000 !...

Na mesma casa, que é na rua do Ouvidor, cujo numero está indicado na lista do sorteio, é verificada, ás 8 ½ da noite, uma hora depois do *Moderno Lotto*, a *loteria* da Companhia Elegante.

Esse jogo de que apenas esboço alguns dos vagos planos, é o jogo da cidade inteira, o jogo global, o expoente zoologico e palpiteiro da vertigem urbana. Jogam todos, como que forçados por um senti-



mento mysterioso e indominavel. Ha nessa torrente de exploração casos bruscos de engraxates virados em millionarios, de fortunas queimadas em um mez, de roubos de banqueiros pelos proprios socios, de banqueiros que fazem mil contos e acabam sem vintem, de taberneiros analfabetos jogando com os massos de cem contos, de sujeitos que tem vinte e trinta casas de bicho espalhadas pela cidade, e além de explorar o povo, exploram os proprios vendedores.

Ha, porém, os outros, os lugares onde se joga a roleta, o bac, o poeker, a vermelhinha, o dado, desde os chamados clubs chics, nevralgicas salas de mistura social, até os outros os, dos malandros com escalas pelas salas de casa de familia — que tiram barato para ajudar o chefe...

Quantas casas de jogo ha na cidade? Seria impossivel uma estatistica, tantas ha que os proprios jogadores profissionaes não conhecem. Em nome da moral, dos principios da moral, muita gente se revolta ou finge revoltar-se, pedindo aos chefes da segurança a perseguição — que estinguindo alguns focos fatalmente valorisa outros. A moral é uma qualidade que se exige nos outros. E é cada vez mais a mais elastica qualidade social. A maioria dos que clamam jogam morbidamente. Mas nem póde deixar de assim ser. O jogo é uma aventura. Num paiz novo o espirito da aventura prolifera e os aventureiros são em grande numero. O ideal humano é o dinheiro. O principal é ter dinheiro.



com pouco trabalho ou nenhum. Vem a negociata. Vem a jogatina. São as irmãs naturaes da ladroeira — aristocraticas de processo. E a situação é tal no torvellinho vertiginoso da vida nova que, unico cidade de mundo a cidade tem uma classe privilegiada e considerada pelos fornecedores, pelas cocottes, pelas classes que dão consideração : a classe dos jogadores de primeira, emquanto elles são de primeira.

— Quem é aquelle cavalheiro bem posto?

— Muito distincto. Tem as melhores mulheres do Rio.

— Ah!

— Veste, pagando, nos melhores alfaiates.

— Ah!

— Paga generosamente a todos.

— Mas afinal quem é?

— Ah! sim... elle joga.

— Apenas?

— Tem um club e varias casas de bicho. Mas é muito distincto.

Jogo como profissão confessavel, aqui, apenas. Distincto é possivel. As palavras tem a significação que lhes empresta a época. Distincto agora é o cidadão que se destaca pelo dinheiro-seu ou dos outros. E depois o jogo é visceral aqui. Ainda agora abro um jornal e leio :

— « Foram presos hontem em plena rua dois garotos, um de 5 outro de 6 annos que jogavam a roleta. O mais velho era o inventor do instru-



mento, uma especie de jaburú, tendo nos raios em vez de numeros nomes de animaes. As fichas eram de metal e valiam um vintem ou meio vintem. O inventor, depois de chorar, aggrediu furioso o guarda, dizendo que aquillo era sua propriedade e estava no seu direito. »

---



Os livres acampamentos da miseria







## OS LIVRES ACAMPAMENTOS DA MISERIA

Certo já ouvira fallar das habitações do morro de Santo Antonio, quando encontrei, depois da meia noite, aquelle grupo curioso — um soldado sem numero no bonnet, tres ou quatro mulatos de violão em punho. Como olhasse com insistencia tal gente, os mulatos que tocavam, de subito emmudeceram os pinhos, e o soldado, que era um rapazola gingante, ficou perplexo, com um evidente medo. Era no largo da Carioca. Alguns elegantes nevrálgicamente conquistadores passavam de ouvir uma companhia de operetas italiana e paravam a ver os malandros que me olhavam e eu que olhava os malandros num evidente inicio de escandalosa sympathia. Acerquei-me.

— Voces vão fazer uma « seresta »?

— Sim senhor.

— Mas aqui no largo?

— Aqui foi só para comprar um pouco de pão e



queijo. Nós moramos lá em cima, no morro de Santo Antonio...

Eu tinha do morro de Santo Antonio a idéa de um lugar onde pobres operarios se agglomeravam á espera de habitações, e a tentação veio de acompanhar a « seresta » morro acima, em sitio tão laboriosamente grave. Dei o necessario para a ceia em perspectiva e declarei-me irresistivelmente preso ao violão. Graças aos céos não era admiração. Muita gente, no dizer do grupo, pensava do mesmo modo, indo visitar os seresteiros no alto da montanha.

— « Seu » tenente Juca, confidenciou o soldado, ainda hontem passou a noite inteira com a gente. E elle quando vem, não quer continencia nem que se chame de « seu » tenente. E' só Juca... V. S. tambem é tenente. Eu bem que sei...

Já por esse ponto da palestra nos iam nas sombras do Theatro Lyrico. Neguei fracamente o meu posto militar, e começámos de subir o celebrado morro, sob a infinita palpitação das estrellas. Eu ia á frente com o soldado joven, que me assegurava do seu heroismo. Atraz o resto do bando tentava cantar uma modinha a respeito de uns olhos fataes. O morro era como outro qualquer morro. Um caminho amplo e mal tratado, descobrindo de um lado, em planos que mais e mais se alargavam, a iluminação da cidade, no admiravel nocturno de sombras e de luzes, e apresentando de outro as fachadas dos predios familiares ou as placas de



edificos publicos — um hospital, um posto astromico. Bem no alto, aclarada ainda por um civilisado lampeão de gaz, a casa do Dr. Pereira Reis, o mathematico professor. Nada de anormal e nem vestigio de gente.

O bando parou, afinando os violões. Essa operação foi difficil. O cabrocha que levava o embrulho do pão e do queijo, embrulho a desfazer-se, estava no começo de uma tranquillã embriaguez, os outros discutiam para onde conduzir-me. O soldado tinha uma casa. Mas o Benedicto era o presidente do Club das Violetas, sociedade cantante e dançante com séde lá em cima. Havia, tambem a casa do João Rainha. E a casa da Maroca? Ah! mulher! Por causa della já o joven praça levava tres tiros... Eu olhava e não via a possibilidade de taes moradas.

— Você canta, tenente?

— Canto, mas vim especialmente para ouvir e para ver o samba.

— Bom. Então, entremos.

Desafinadamente, os violões vibraram. Benedicto cuspiu, limpou a bocca com as costas da mão, e abriu para o ar a sua voz aspera :

« O morro de Santo Antonio  
Já não é morro nem nada... »

Vi, então, que elles se mettiam por uma especie de corredor encoberto pela herva alta e por algum arvoredos. Acompanhei-os, e dei num outro mundo.



A iluminação desapparecera. Estavamos na roça, no sertão, longe da cidade. O caminho, que serparava descendo, era ora estreito, ora largo, mas cheio de depressões e de buracos. De um lado e de outro casinhas estreitas, feitas de taboas de caixão com cercados, indicando quintaes. A descida tornava-se difficil. Os passos falhavam, ora em bossas em relevo, ora em fundões perigosos. O proprio bando descia de vagar. De repente parou, batendo á uma porta.

— Epa, Bahiano! Abre isso...

— Que casa é esta?

— E' um botequim.

Attentei. O estabelecimento, construido na escarpa, tinha varios andares, o primeiro á beira do caminho, o outro mais em baixo sustentado por uma arvore, o terceiro ainda mais abaixo, na treva. Ao lado uma cerca, defendendo a entrada geral dos taes casinhotos. De dentro, uma voz indagou quem era.

— E' o Constanço, rapaz, abre isso. Quero cachaça.

Abriu-se a porta lateral e appareceu primeiro o braço de um negro, depois parte do tronco e finalmente o negro todo. Era um desses typos que se encontram nos máos logares, muito amaveis, muito agradaveis, incapazes de brigar e levando vantagem sobre os valentes. A sua voz era dominada por uma voz de mulher, uma preta que de dentro, ao ver quem pagava, exigiu logo seiscentos réis pela garrafa.



— Mas, seiscentos, dona...

— A' 1 hora da noite, fazer o homem levantar em ceroulas, em risco de uma constipação...

Mas, Benedicto e os outros punham em grande destaque o pagador da passeiata daquela noite, e, não resistindo á curiosidade, elles abriram a janella da barraca, que ao mesmo tempo serve de balcão. Dentro ardia sujamente, uma candêa, allumiando prateleiras com cervejas e vinhos. O soldadinho, cada vez mais tocado, emborcou o corpo para segredar cousas. O Bahiano saudou com o ar de quem já foi criado de casa rica. E ahi parados emquanto o pessoal tomava paraty como quem bebe agua, eu percebi, então, que estava numa cidade dentro da grande cidade.

Sim. E' o facto. Como se creou alli aquella curiosa villa de miseria indolente? O certo é que hoje ha, talvez, mais de quinhentas casas e cerca de mil e quinhentas pessoas abrigadas lá por cima. As casas não se alugam. Vendem-se. Alguns são constructores e habitantes, mas o preço de uma casa regula de quarenta a setenta mil réis. Todas são feitas sobre o chão, sem importar as depressões do terreno, com caixões de madeira, folhas de Flandres, taquarás. A grande arteria da « urbs » era precisamente a que nós atravessámos. Dessa, partiam varias ruas estreitas, caminhos curtos para casinhotos oscillantes, trepados uns por cima dos outros. Tinha-se, na treva luminosa da noite estrellada, a impressão lida da entrada do arraial de Canudos,



ou a funambulesca idéa de um vasto gallinheiro multiforme. Aquella gente era operaria? Não. A cidade tem um velho pescador, que habita a montanha ha varios lustros, e parece ser ouvido. Esse pescador é um chefe. Ha um intendente geral, o agente Guerra, que ordena a paz em nome do Dr. Reis. O resto é cidade. Só na grande rua que descemos encontrámos mais dous botequins e uma casa de pasto, que dá ceias. Estão fechadas, mas basta bater, lá dentro abrem. Está tudo acordado, e o paraty corre como não corre a agua.

Nesta empolgante sociedade, onde cada homem é apenas um animal de instinctos impulsivos, em que ora se é muito amigo e grande inimigo de um momento para outro, as amisades só se demonstram com uma exuberancia de abraços e de pegações e de segredinhos assustadora — ha o arremedo exacto de uma sociedade constituida. A cidade tem mulheres perdidas, inteiramente da gandaia. Por causa dellas tem havido dramas. O soldadinho vai-lhes á porta, bate :

— O' Alice! Alice, cachorra, abre isso! Vai ver que está ahi o cabo! Eu já andei com ella tres mezes.

— Que admiração, gente!... Todo o mundo!

Ha casas de casaes com união livre, mulheres tomadas. As serenatas param-lhes á porta, ha raptos e, de vez em quando, os amantes surgem



rugindo, com o revólver na mão. Benedicto canta á porta de uma :

« Ai! tem pena do Benedicto  
Do Benedicto Cabelleira. »

Mas tambem ha casas de familias, com meninas decentes. Um dos seresteiros, de chapéo panamá, diz de vez em quando :

— Deixemos de palavrada, que aqui é familia!

Sim, são familias, e dormindo tarde porque taes casas parecem ter gente acordada, e a vida nocturna alli é como uma permanente serenata. Pergunto a profissão de cada um. Quasi todos são operarios, « mas estão parados ». Elles devem descer á cidade, e arranjar algum cobre. As mulheres, de certo tambem, descem a apanhar fitas nas casas de moveis, amostras de café na praça, — « troços por ahi ». E a vida lhes sorri e não querem mais e não almejam mais nada. Como Benedicto fizesse questão, fui até á sua casa, séde tambem do Club das Violetas, de que é presidente. Para não perder tempo, Benedicto saltou a cerca do quintal e empurrou a porta, accendendo uma candêa. Eu vi, então, isso : um espaço de tecto baixo, separado por uma cortina de sacco. Por traz dessa parede de estopa, uma velha cama, onde dormiam varias damas. Benedicto apresentou pagamente :

— Minha mulher.

Para cá da estopa, uma especie de sala com algumas figurinhas nas paredes, o estandarte do club,



o vexillo das Violetas embrulhado em papel, uma pequena mesa, tres homens moços roncando sobre a esteira na terra fria ao lado de dous cães, e, numa rêde, tossindo e escarrando, inteiramente indifferente á nossa entrada, um mulato esqualido, que parecia tisico. Era simples. Benedicto mudou o casaco e aproveitou a occasião para mostrar-me quatro ou cinco signaes de facadas e de balaços no corpo secco e musculoso. Depois cuspiu :

— Epa, José, fecha...

Um dos machos que dormiam embrulhados em colxas de chita ergueu-se, e sahimos os dous sem olhar para traz. Era tempo. Fóra, afinando instrumentos, interminavelmente, os seresteiros estavam mesmo como « paos dagua » e já se melindravam com referencias á maneira de cantar de cada um. Então, resolvemos bater á porta da caverna de João Rainha, formando um barulho formidavel. A' porta — não era bem porta, porque abria apenas a parte inferior, obrigando as pessoas a entrarem curvadas, clareou uma luz, e entrámos todos. Numa cama feita de taquaras dormiam dous desenvolvidos marmanjões, no chão João Rainha e um rapazola de dentes alvos. Nem uma surpresa, nem uma contrariedade. Estremunharam-se, perguntaram como eu ia indo, arranjaram com um velho sobretudo o logar para sentar-me, hospitaleiros e tranquillos.

— Nós trouxemos ceia! gaguejou um modineiro.



Ahi é que lembramos o pão e o queijo, esmagados, esmassados entre o braço e o torso do seresteiro. Havia, porém, cachaça— a alma daquillo — e comeu-se assim mesmo, bebendo aos copos o liquido ardente. O joven soldadinho estirou-se na terra. Um outro deitou-se de papo para o ar. Todos riam, integralmente felizes, dizendo palavras pesadas, numa linguagem cheia de imprevistas imagens. João Rainha, com os braços muito tatuados, começou a cantar.

— O violão está no norte e você vai pr'o sul, commentou um da roda.

João Rainha esqueceu a modinha. E, emquanto o silencio se fazia cheio de somno, o cabra de papo para o ar desfiou uma outra compridissima modinha. Olhei o relógio : eram tres e meia da manhã.

Então, despertei-os com tres ou quatro safa-nões :

— Rapaziada, vou embora.

Era a occasião grave. Todos, de um pulo, estavam de pé, querendo acompanhar-me. Sahi só, subindo de pressa o ingreme caminho, de subito ingenuamente receioso que essa « tournée » nocturna não acabasse mal. O soldadinho vinha logo atraz, lidando para quebrar o copo entre as mãos.

— O' tenente, você vai hoje á Penha?

— Mas nem ha duvida.

— E logo vem ao samba das Violetas?

— Pois está claro.



Atraz, o bolo dos seresteiros berrava :

« O morro de Santo Antonio  
Já não é morro nem nada... »

E quando de novo cheguei ao alto do morro, dando outra vez com os olhos na cidade, que embaixo dormia illuminada, imaginei chegar de uma longa viagem a um outro ponto da terra, de uma corrida pelo arraial da sordidez alegre, pelo horror inconsciente da miseria cantadeira, com a visão dos casinhotos e das caras daquelle povo vigoroso, refestelado na indigencia em vez de trabalhar, conseguindo bem no centro de uma grande cidade a construcção inedita de um acampamento de indolencia, livre de todas as leis. De repente, lembrei-me que a variola cahira alli ferozmente, que talvez eu tivesse passado pela tóca de variolosos. Então, apressei o passo de todo. Vinham a empallidecer na perola da madrugada as estrellas palpitantes e canoramente gallos cantavam por traz das hervas altas, nos quintaes visinhos.

---



O Bem das viagens







## O BEM DAS VIAGENS

— Faço-te as minhas despedidas.

— Que é isso?

— Parto para a Europa.

— Ora esta! Eu tambem.

— Que coincidencia! Sabe que o Julio parte tambem.

— E o Cezar com toda a familia...

Coincidencia! Ha seis ou sete annos seria uma coincidencia e mesmo um acontecimento.

Duas pessoas conhecidas partirem assim para a Europa, sem ter tirado a sorte grande, sem pertencer a casas commerciaes fortes, sem fazer ao menos testamento! Era impossivel. As viagens eram combinadas, discutidas, participadas. O homem que viajava começava por se julgar um ser excepcional. Em seguida sentia o desejo de fazer intimos e desconhecidos compartilharem desse modesto juizo. Quando o sujeito feliz tinha casa montada, fazia leilão. A visinhança — toda cidade que se faz visinhança tagarella, commentava.



— Fulano vae para a Europa!

— Tambem está em excellentes condições de fortuna...

— Dizem o contrario.

— Más linguas. Só a sogra, com a agradavel lembrança de morrer, deixou-lhe tresentos contos. Agora como o coitado é muito idiota, talvez volte sem vintem.

— Qual! quanto mais burro mais peixe...

Havia inveja. E as pessoas conhecidas pediam coisas, presentes, recordações. O homem não ia a Europa, ia ás compras pelos conhecidos, anotando no seu « book-notes » desde vestidos para raparigas até bonecas para os bebés. Depois, processionalmente, iam leval-o a bordo, onde quasi sempre havia essa inutil expressão de magua a que denominam soluços. O transatlantico punha-se em marcha. O felizardo ou enjoava ou, encostado á amurada, com os olhos vermelhos, via, ralado de saudade fugirem a cidade, as fortalezas, o execravel Pão de Assucar, Copacabana, a costa... Ai! S. Sebastião! Nem tão solemnes foram a partida dos argonautas para a conquista do vélo d'ouro e o arrojo de Colombo para descobrir o novo mundo. Os poetas mesmo não podendo fazer poemas epicos de facto não vulgares, si por acaso viajavam, escreviam sempre a respeito, e patriotas até alli, soluçavam :

Nosso céo tem mais estrellas  
Nossos campos tem mais flores.



Era gravissimo, e mentirosissimo...

Hoje não. A coisa é inteiramente outra. Parte-se do principio de que não é preciso ser rico para viajar. Com o que gasta aqui sem saber em que, arruinando-se nos restaurants, nos botequins, nos máus theatros, qualquer cidadão passa com a sensação do conforto em qualquer parte do mundo, na Italia, no Japão, na Scandinavia, no Egypto, incluindo, já se vê, as passagens para todos esses logares, porque, afinal, o bilhete de primeira de um transatlantico sáe muito mais em conta que o mesmo numero de dias mal hospedado no indiscriptivel hotel dos Estrangeiros.

Assim, si os ricos vão, vão tambem os remediados, a quasi totalidade dos que ganham apenas para comer, desde o funcionario publico ao simples bacharel da ultima fornada, desde o proprietario da casa até o simples caixeiro. Ha a noção de que por estar na Europa, isso não é motivo para gastar mais. Ainda outro dia o garçon de um restaurant, ao servir-me a costeleta, participou-me :

- Parto para a Europa na semana proxima.
- Vae a Portugal?
- Vou directamente a Paris. Tenho aprendido francez no Berlitz...

Depois já ninguem parte chorando, com saudades do Pão de Assucar. A viagem fica resolvida, alguns amigos vão a bordo tomar champagne, o transatlantico põe-se em marcha e quando o fatal Pão de Assucar desaparece, está toda gente contente.



Creio que nem mesmo se enjôa mais. A Europa está tão perto, os meios de comunicação são tão rápidos, os transatlânticos balançam tão pouco... E realmente é assim.

As chegadas logo também transformaram o velho molde.

Outr'ora o homem que ia a Europa era uma espécie rara. Também esse homem assim raro de uma espécie rara, tinha que contar a cada amigo por miúdo o que vira e o que não vira e dar uma série de comparações elucidativas.

— Vamos tomar café?

— E' verdade. Que botequim ordinario!

— Então, em Paris?

— Em Paris são fechados, não tem essa infamia do *garçon* com a cafeteira na mão.

— O café não é bom?...

— Conforme... V. sabe, a situação do nosso café...

Porque um homem que vinha da Europa tinha a obrigação de saber tudo, de informar de tudo, da Sarah, das conferencias da Sorbonne, do nihi-lismo russo, do commercio amoroso e da philoso-phia dominante. Era o homem raro que vinha de além-mar!

Depois passou a ser *corpu chic* chegar da Europa como quem chega do Sylvestre ou de Botafogo.

É que se chegava também da America do Norte onde tudo é natural. E o homem que voltava desses logares, onde a Civilisação deslumbra, saltava



alegre sem abraços, indagando naturalmente :  
— Olé! como tens passado? Recebeste o meu ultimo postal?

E seria uma falta de elegancia, uma falta de tacto, indagar desse homem :

— Então, que fizeste tu? Fiesole continúa a ser divina? A torre de Piza ainda inclinada? Montmartre sempre com *cabarets*?

Era logo tomar um automovel, conversar. Um mesmo levou o seu excesso de chic a só me falar da Bahia e de um ataque á Bahia apparecido em latim num jornal do Vaticano, aliás não lido pelo Papa, que ignora as linguas mortas. E ao saltar da lancha, como quem salta de um tramway da Botanical Garden, estendendo a ponta dós dedos e depois de um curto; vaes bem? logo bradou coletrico :

— Aposto que vocês não viram num jornal do Vaticano o calumnioso artigo sobre a Bahia, dizendo-a um paiz de negros? A Bahia, que a Dièterle, a rainha das operetas, acha interessante! A Bahia que tem o Severino e o Marcellino e o grande Tosta! Infame!

Para um espirito sem observação, a evolução do homem que chega da Europa, não teria e não tem um grande valor. Para os espiritos convencidos de que os pequenos factos são a origem das grandes coisas essa evolução é um signal importante no progresso urbano. Ha vinte annos era um acontecimento viajar; hoje já não o é. Ha vinte annos, o



homem que chegava da Europa tinha a sensação de ser novo, de trazer novidades. Hoje, se arriscasse chronicas informativas nas palestras teria a sensação de um enorme ridículo.

Como Civilização significa fazer como os outros e mostrar saber tudo, o homem viajado com o seu rapido evoluir dá-nos assim a absoluta certeza do seu absoluto refinamento nos costumes geraes. Não só isso. Desde que a elegancia o obriga a desembarcar de Genova como quem vem da Villa Guarany, com esta apparencia que em pouco é realidade, o homem que vem da Europa consegue impôr a sensação de universalidade de conhecimentos e a certeza certa de que o mundo, pequeno já para nós, não tem mais surpresas. E essa noção é um prolongamento evolutivo dos costumes, dá a cada um de nós a idéa que sabemos tudo, estamos na China como em Marrocos, em Marrocos como em Berlim, em Berlim como no Estacio de Sá. A nossa esphera de conhecimentos alarga-se nas intimidades desconhecidas. Não se pergunta simplesmente :

— Como está o papá? Por que não foi ao jantar das Gouveia?

Indaga-se :

— Você vio a ultima pilheria do Jaurès?

— E' verdade. E o caso do Mirbeau. A *Vie Parisienne* continua entretanto a dizer que o Anatole de France é o amante...

— Homem, neste caso eu tenho a opinião de um ultimo conferente.



E nós não citamos nem o Ozorio Duque nem o inexoravelmente humourista João Phoca. Dizemos com ar fino :

— Ai ! filho ! conferencia... As do Doumer eram deploraveis.

É, ou não é civilisação? E' a mais completa, a mais perfeita ,a mais acabada ! Sentimo-nos á vontade, encurtamos o mundo e mettemol-o no rol das coisas que se conhecem commummente.

O homem que chega da Europa é o exemplo comprovativo, a cada etapa da sua evolução preciosa de que o Brasil sobe mais tres palmos no seu proprio conceito. Ainda assim faltava o tom intimo : o tom do Turot desembarcando aqui ou lá, e o tom da intriguinha. Esse ultimo tom não faltou. Agora, o homem volta dizendo : — Não te contaram o que Cicrano, premio de pintura, acaba de fazer para ser recebido no « Salon » ? Sabes que a bella baroneza engana o marido com um mariola vagamente sportman, emquanto o barão arruina-se em ramilhetes palermas para as cantoras dos cafés baratos. Os esculptores pintores tem levado num conflicto damnado.

Partindo do assombro, o homem representativo passou pelo chic de não contar o que vira; interessou-se depois lá pelo que de nós se dizia, acabou achando natural estar lá como aqui e aqui como lá; ampliou os seus conhecimentos das terras e dos homens; fallou dos nossos e dos alheios do mesmo modo, e, sem perder as suas condições intrinsecas



de brasileiro acabou por desembarcar do paquete para contar a ultima intriguinha de atelier, nossa e insignificante.

Com isso mudam-se os habitos, — os habitos, da sociedade, os habitos administrativos. Outr'ora o verão era uma estação de infernal calor em que se fingia ir para varias cidades consideradas de clima fresco.

Por consequencia o inverno era a estação paraíso das casas de modas, dos empresarios de theatro, dos pequenos artistas das companhiasitas portuguezas e italianas que fazem beneficios, dos proprietarios das casas de penhores, dos restaurants, das cocheiras de carro, dos donos de garages. Era tambem o terror dos chefes de familia.

— Que tem você, filhinha?

— Deixe-me; vim de casa da Cocotta...

— A mulher do Praxedes fez-te alguma desfeita?

— Po quem me toma você?

— Então que houve?

— E' que a Cocotta já assignou a companhia franceza e a lyrica. Sou muito infeliz! Para que deixei a casa de meus paes?

O marido, nervoso, podia responder :

— Para vires aborrecer um coitado que não tem culpa nenhuma do desastre de teres nascido.

Mas não dizia e procurava um prestamista a juro fabuloso, para fingir de rico. De modo que o inverno era tambem o paraíso dos prestamistas, o bom momento para os D. Juans, e definitiva-



mente a grande hora da pose nacional. Vinham do Norte e vinham do Sul tabaréos mettidos a sebo, os hoteis rebentavam de gente e o observador gozava.

Gozava sabendo o que ia gozar. Era como um guloso que conhecesse o cardapio antes. Podia-se degustar por antecipação até mesmo o aspecto da sala do Lyrico com os nomes em cada camarote e em cada fauteuil.

Agora não. Os tempos felizes tudo transformaram. A ancia do mundo velho ligada a um prudente medo do frio estabeleceu a confusão. A sociedade carioca chega de Petropolis. Costureiros, chapeleiros, empregados, fornecedores de todo genero avidamente annunciam novidades, a sociedade faz um ar de enfado e prepara as malas. Vão partir. Para onde? Para a Europa. Vão todos para a Europa. Não é no verão que o Rio fica vasio; é em pleno inverno. Os jornaes não dão o movimento dos costureiros, dão o movimento das partidas. Ha a gente rica, ou que finge de rica e vae por conta propria; ha os que podem arranjar commissões. Desses o numero cresce espantosamente. Vae gente á Europa por conta do governo ver até si a Europa está no mesmo lugar. E além dessa gente feliz, partem, tambem os modestos, os modestissimos. E' um exodo geral.

— Oh! como vae?

— Arranjando as malas.

— Parte?



— Para a Europa. Vou passar seis mezes.

— E a estação theatral?

— Ora, filho, eu em Londres!

E as senhoras entrando nos costureiros :

— V. Ex. chegou a proposito. Deliciosas toilettes de theatro.

— Não falle nisso. Quero dois costumes de viagem. Dentro de vinte dias estarei na rua de La Paix, chez Doucet ou chez Paquin, vendo as verdadeiras ultimas novidades.

— E os theatros, excellentissima.

— Os theatros? Em Paris.

Certo, um jacobino feroz achará tal despreendimento de máo effeito. Eu considero-o excellente. Cada viagem pessoal é um factor não só da propaganda do Brasil como de civilisação interna. Da abundancia de transatlanticos brasileiros nos ultimos tempos, veio em algumas cidades da Europa a fixação de nosso typo, a sympathia por uma especie e um paiz até então mais ignorados do que o Congo. Nas cidades portuguezas espera-se a primavera como o momento da chegada dos brasileiros, o momento em que os hoteis ficam cheios, e ha maior movimento. Em Paris, uma série de fornecedoros e de restauradores tem a certeza de os ver chegar quando chegam as andorinhas e nos velhos troncos brotam de novo folhas tenras. Ha sitios mesmo da divina cidade, onde se falla do brasileiro, como se falla do argentino. Ha todas as raças do mundo no boulevard, mas ha tambem



muitos brasileiros e os brasileiros têm a *sympathia*.

Como excellencia para a nossa civilisação, então, as viagens ficam sempre acima dos nossos elogios. Em primeiro logar o patriotismo longe de se perder transforma a mesquinhez do detalhe e a fatuidade do incomparavel no amor da patria integral, em bloco. O Brasil está muito mais perto do boulevard que o boulevard do Brasil. Uma pessoa ama a sua terra, não apenas a achar que como a nossa paizagem não ha igual, como a nossa riqueza não tem o mundo outra, e quejandas tolices; mas para ver que é preciso fazer do Brasil um paiz como elle ainda não é.

Aqui, sem conhecer coisa melhor, o homem é insensivelmente rotineiro. O grande desastre de Brasil foi a estreiteza lamentavel do 2º imperio, com uma immigração lenta de gente simples das aldeias a prefazer a massa da população urbana, e um sentimento romântico de patriotismo lyrico, que nos prendia a meia duzia de sabios pesquisadores mas nos fazia julgar infinitamente distante a Europa e nos dava por satisfeitos apenas com as selvas, os pontos de vista, a *naturaleza*. Havia partidos politicos mas ninguem se lembrava de concertar as ruas, havia o amor da patria, mas ninguem imaginava fazel-a prosperar por meios praticos. A Republica libertou moralmente um povo amarrado ao carrancismo de meia duzia de idéas estabelecidas, e fez bem o Brasil novo, a era de progresso evidente que atravessamos. As viagens



entram, fazem parte desse progresso. E' vendo o estrangeiro que o brasileiro procura corrigir-se e melhorar; foi vendo as outras cidades que S. Paulo se fez o que hoje é e o Rio tende a se tornar em alguns decennios um grande centro de civilisação, de arte, de prazer e de vida febril. Um simples cidadão numa simples viagem vem tão transformado, tão mais apto á incentivar o desenvolvimento interno do paiz, tão mais util á collectividade, que era caso de pedir ao governo a organização de caravanas de rapazes para ir fazer a viagem de instrucção final, após os seus cursos officiaes.

Nós ainda temos — e muitas! — coisas que não passam de máos habitos, de costumes de colonia ronceira. Ao observador não escapa o desencontro chocante da civilisação de uns pontos, ao lado da persistencia de defeitos antigos de outros.

Mas cada anno que se passa, a transmutação de valores se opera, e ha cidades, ha adaptações, ha uma inumeravel serie de pequenos melhoramentos pessoaes que redundam no melhoramento urbano. E' a universalisação do brasileiro exigindo que elle faça da sua capital, não apenas o museu do Corcovado, do Pão de Assucar e de outras pedras mais ou menos altas e mais ou menos feias, mas o grande centro da America do Sul.

Os vapores vão cheios agora para a Europa. Tanta gente vae, que já os de volta não fingem mais de snobs e só desejam implantar aqui o que lá viram de bom. E' o exodo temporario que se accentua.



Ainda bem. Criaturas felizes essas que partem a abeberar-se do Bello e a sugar no velho continente a Energia, primacial de todas as virtudes. Vão a passeio, vão gozar, vão divertir-se, vão mesmo, se quizerem, pandegar. Cada uma dellas porém, inconscientemente, ao voltar, amando mais a sua terra, sem paspalhices balofas, será um agente propulsor do progresso e da civilização.

E a civilização que é, em summa, o conforto do corpo, o conforto da alma, o equilibrio fundamental para a eclosão da belleza e das idéas creadoras, estende com estas viagens o seu germen imponderavel sobre a cidade de S. Sebastião, ainda hontem aldeia de procissões, estreita, sordida e tolamente pretenciosa...

Um cavalheiro com quem outro dia conversava dizia-me :

— Meu amigo, do Rio verdadeiro dentro de dez annos não haverá senão a vaga recordação. As avenidas, a luz electrica, o cáes, tudo isso e mais o impeto com que o paiz novo acordou para o progresso, inteiramente modificaram os nossos habitos que eram, com tanto encanto, habitos coloniaes, habitos portuguezes aclimatados. Dentro de dez annos, o Rio terá o dobro dos habitantes, umas quarenta companhias trabalhando diariamente e ninguem reparará nessas mudança de habitos.

Amanhã seremos como esses tremendos transatlanticos em transito, e eguaes a todas as cidades.

Eu espero ainda, quando alguem me perguntar



se vou á Europa, poder muito em breve responder.  
— Impossivel.

Os meus criados acabaram de pedir um mez de descanso para ir a Genova; o meu chacareiro seguiu em viagem de recreio para o Porto, e o cocheiro do fiacre (que eu tomava á noite para passear fingindo de particular) decidio partir para a Hespanha, a ouvir *malagueñas* e os discursos vermelhos de Barcelona.

Será o record da Civilisação...

---



# Esplendor e Miséria do jornalismo







## ESPLENDOR E MISERIA DO JORNALISMO

Um joven, chegado do norte, appareceu na redacção do jornal. Era noite. A sala estava cheia. As secretarias especiaes todas occupadas, a grande mesa do centro repleta de reporters, de cabeça baixa, escrevendo, enchendo tiras. A's janellas jornalistas conversavam. A' mesa do secretario, dois sujeitos pendiam supplices. As perguntas, os risos, as gargalhadas cruzavam-se.

De instante a instante, o retinir do telephone ligava á administração, a delegacias distantes, á typographia. O redactor principal deixava o seu gabinete, com o sorriso nos labios. Estava admiravel e era tratado com deferencias especiaes. O carro esperava-o, um carro muito bem posto. Um literato em plena apotheose da chronica acclamada paradoxava num grupo, com, ares intimos e superiores. A media tinha o traje impeccavel. A alegria inundava as faces, e o secretario, erguendo um pouco a voz, depunha na mesa um grande masso de convites para bailes, para jantares, para theatros, para



pic-nics, para almoços, para ceias para sessões solennes e dizia :

— Escolham !

O joven chegado do norte foi até o chronista. Que criatura deliciosa e feliz esse homem ?

De uma delicadeza de velludo, achando tudo facil, o mundo um jardim encantado, onde se colhe a flor que se quer, e avida um sonho côr de rosa. Oh ! estava desvanecido !

Então conheciam-n'o no Norte ! oh ! A futilidade, o hoje que o amanhã esquece !... E o que vinha fazer ? Trabalhar ? Mas os ministros eram uns anjos á procura de homens de talento, mas os empregos choviam... Queria acceitar do seu pobre jantar ? Depois dar-lhe-ia um dos seus cartões permanentes para o music-hall, para a opereta, para o drama ou para o circo de cavallinhos — tudo a mesma coisa igual a circo. O rapaz chegado do norte acceitou por um excessivo acanhamento, e como a conversa se generalizasse, gaguejou :

— Mas que força ! mas que potencia que é uma empresa jornalística !

— Apenas a infancia, estamos na infancia, porque relativamente aos outros paizes as nossas tiragens são insignificantes. Mas é uma empresa esta que tem cerca de dois mil contos de material e que sustenta seiscentas pessoas mais ou menos.

— Nunca vi um jornal por dentro...

— Nunca ? indagaram varias vozes de rapazes.

— E' facil. Quer vel-o agora ?



Deram-lhe explicações : a reportagem a redacção, a collaboração; mostraram-lhe gabinetes, livros de assignantes em cofres fortes para não se perderem em caso de incendio, os immensos halls da typographia e das linotypes, a sala da clichagem, a sala da photographia, a sala da gravura, a stereotypia, as machinas, seis ou sete machinas enormes, especies de monstros conscientes.

— Um jornal que custa 100 réis ao publico fica num numero commum, sommando as diarias de todos os vencimentos, por quasi tres contos. Só a grande tiragem póde compensar...

— E esta obra tremenda faz-se hoje para recommear amanhã?

— Si nós não temos hontem? Vae achar inutil que um batalhão de gente se esbofe de trabalho para uma obra que já não serve amanhã? Que quer? A civilização! A ancia da novidade, da noticia, da mentira, do bluff...

— E' espantoso!

— E si fossemos jantar?

Meio atordado, o joven chegado do norte acompanhou o chronista, participando um pouco do brilho do homem celebre. Cumprimentos respeitosos, abraços, perguntas, gente que se voltava. Na Avenida um ministro que ia tomar o seu automovel parou, conversou. Mais adiante o chefe de policia rasgou um cumprimento que parecia de delegado para o chefe. No restaurante foi um « brouha-ha ». O proprietario em pessoa veio espalhar peta-



las de rosa na mesa. Das outras mesas, nomes de cotação na politica, na finança, na industria cumprimentavam.

— V. Exa. toma como sempre?...

— Champagne brut Imperiale, Appollinaris...

O jantar foi delicado e agradável. O chronista falava com desprendimento de contos de réis, da sua amizade com o presidente da Republica. O joven indagava de certos nomes cuja fama até á sua provincia chegara.

— Ah! está muito bem. Tem talvez uns trezentos contos.

— E Fulano?

— Fulano é intelligentissimo. Ha dez annos dormia em rolos de jornaes. Hoje tem carro, tem automovel e comprou esta semana uma casa para a amante no valor de 100 contos.

— E Beltrano, o grande poeta?

— Parte para Paris, a vêr a primeira do « Chan-tecler »...

No fim do jantar, elegantemente, o chronista facilitou ao joven dois ou tres ingressos de casa de espectaculo, mandou buscar um carro, despediu-se cheio de ternura e partiu. O carro era de praça mas esse final foi a gotta d'agua para o transbordamento da admiração. O joven chegado do norte, á meia-noite, estava no seu quarto, pensando. Tinha vinte annos, queria subir, rapidamente. Que melhor profissão a adoptar? O jornalismo leva a tudo, mas é, especialmente, a profissão sonhada : gloria,



fama, dinheiro, tudo facil! Que outra profissão poderia ter tanto esplendor? E essa gente não tinha assim tanto talento, afinal. Ao contrario! Oh! pertencer a um jornal, fazer a chuva e o bom tempo para uma porção de gente, dominar, ganhar dinheiro, ter as mulheres a seus pés, os homens no bolso, vir talvez a ser dono de um grande diario, privando na intimidade das potencias politicas...

No dia seguinte estava resolvido. Entraria para um jornal. Levou um mez para conseguil-o. Nenhuma capacidade de dentro das gazetas servia como empenho. Arranjou um industrial muito rico e um senador. O jornal estava na gaveta de ambos. Entrou e foi reporter.

Então elle viu a ancia perdularia por dinheiro dos jornaes; elle viu que as remunerações secretas dos governos são regateadas e pagas mal como as contas de um particular em apuros; elle viu que o não comprehendiam sincero e bom senão com o fito de gorgetas vergonhosas, elle comprehendeu o trabalho dilacerante e exhaustivo dos que tinham subido, e a furia com que se agarravam ás posições, atacados violentamente pelos invejosos da mesma profissão.

Não era um esplendor. Era a miseria infernal. Elle reporter, tinha um ordenado que seria irrisorio se o secretario não ganhasse uma somma mensal perfeitamente comica, e se o poeta admiravel não tivesse por cada chronica, assignada com o seu grande nome, o que qualquer barbeiro faz por dia. A qualquer parte onde fosse era traduzido por noti-



cia. Não era homem, era um futuro numero de linhas não pagas. Nem sympathias nem affeições na vida dos profissionaes. Inveja, maledicencia, calumnia, o horror, e o interesse relativamente fraco deante da gula voraz de fóra, querendo o jornal para agente de todas as suas pretensões. A todas as autoridades servia esperando ser servido num empreguinho que não vinha. A quantos se approximavam punha-se ponte de passagem para uma gratidão que não surgia. Andava atrazado, individado, perseguido pelo alfaiate. E tinha deante de si essa coisa afflictiva e atroz que se chama : a bohemia de trabalho. Trabalha hoje pela manhã; trabalha amanhã imprevistamente, até de madrugada. Não almoça hoje por falta de tempo; ceia amanhã em vez de jantar.

Ao cabo de um anno tinha duzentos e cincoenta mil réis por mez e já assignara uma « enquête » sobre costureiras. Não abrira mais um livro. Sentia-se sem saber nada e entretanto, capaz de comprehender e de tratar immediatamente de qualquer assumpto. Era uma especie de ignorancia encyclopedica, ao serviço de uma porção de gente, que d'elle se servia para trepar, para subir, para ganhar, com carinho e cynismo.

— O jornalismo leva a tudo, com a condição de d'elle sahir a tempo...

Mas sahir como? Com elle dera-se um conto de fadas. Vira um palacio rutilante. Entrará. Dentro havia principalmente contrariedades e as portas



para sahir tinham desapparecido. Oh ! passar toda a vida a fazer noticias, a ser uma parte de gazeta que se repete todos os dias !... Quiz vêr se lhe augmentavam o ordenado. Mas se havia na casa reporters de sessenta mil réis por mez? A unica posição conveniente era no jornal a de director. Director ou gerente. Quanto dinheiro ! Quanta honra ! Mas tambem como essa honra era relativa de uns maganões politicos que lisonjeavam para obter o nome impresso com elogio ! Como em dinheiro o arrotamentia ! Uma vez disseram-lhe que o seu jornal recebera sessenta contos para defender um negocio complicado. Junto aos sujeitos que fingiam ter pago, elle ouviu as phrases normaes.

— Não podemos fazer mais... estes jornaes... temos sido muito gentis.

— Seis dezenas de contos...

— Oh ! não falemos nessas ninharias.

As ninharias de seis dezenas de contos limitavam-se ao pagamento á linha das publicações feitas por elles, e pagamento regateado e atrasado.

Isso deu-lhe um grande desgosto. Os jornaes barateavam-se. Grandes torres levantadas á vaidade humana eram aproveitadas barato de mais. Se as opiniões não existiam, se um sujeito querendo uma nota na primeira pagina estava certo de a obter, porque dal-a por um preço irrisorio e as mais das vezes gratis, tudo quanto ha de mais gratis? Essa barateza geral era em tudo. O jornal



desconhecia a sua força phenomenal, a força que elle sentia onde estivesse.

— E' do jornal

— E' reporter!

Certo havia um vago receio. Mas podia fazer tudo; era tratado com considerações especiaes de primeira figura.

— Arranjas-me isso?

— Eu? Não posso...

— Você, do jornal tal!...

Poderia elle? Não poderia? Podia ás vezes, pedindo a toda gente que conhecia.

Alguns attendiam, quando indirectamente iam receber um grande obsequio por seu intermedio. Assim, fez-se correspondente telegraphico, com os politicos de alguns Estados na mão, telegraphando tudo quanto o jornal ia dar. Com o pescoço comprido viveria das ramas. E as ramas deram-lhe redobrado serviço, fizeram-n'o mentir com desassombro. Ao cabo de um anno, convencido do seu valor para a galeria, tinha uma sinecura de oitocentos mil réis do governo, recebia avisos reservados do ministerio em que exercia o jornalismo, ganhava um conto e tanto de jornal.

A ambição, as preocupações, os interesses, os negocios tomavam-lhe a alma. Queria ter mais, queria ter muito mais — e o jornalismo chegando a um certo ponto não dá mais. Muita vez pensando, elle não sabia dizer a sua situação. Era pouco definida. Poderia sossobrar no dia seguinte...



Mas com elegancia comia nos primeiros restaurantes, com 20 % de abatimento, posava gratis nas confeitarias para levar concorrência, conseguia que os que lhe pediam favores correspondessem com o maximo.

— Grande cavador, você!

— Cavador, o homem que trabalha forçando o seu temperamento...

Deu um balanço na alma; viu quanto tinha peorado em tudo, sentiu mesmo a inanidade de uns dinheirinhos. E entrou na redacção, onde já era redactor.

E succedia que outro joven chegado do norte apparecera.

— Então, o sr. quer ser jornalista?

— Eu desejava...

— Não cáia nessa. E' uma vida infernal! De cem vence a metade de um. Tudo isto é a illusão. Vire estes rapazes! Não sáe nickel. Examine-os. Estão todos doentes. Não é vida; é uma torrente!

— Mas o sr... murmurou o recém-vindo.

— Eu cheguei ha alguns annos. Mas si fosse a recommençar preferiria quebrar pedra. Seja empregado publico!

— Não, eu vou ser jornalista.

— A attracção, o inferno...

E o joven que tinha chegado do norte alguns annos antes, vendo a resolução do que chegára hontem, já temendo a victoria desse, já temendo uma antipathia, já temendo o ataque de jornal de que



tinha um louco medo, covarde, assustado, neurasthenico, insincero, sorriu, abrandou a voz.

— Que se ha de fazer? Com estas disposições vence-se. Estou ás suas ordens para ajudal-o a collocar-se...

---



# Cabotinos







## CABOTINOS

No gabinete, áquella hora da noite, havia apenas o velho e importante homem politico em companhia do joven e desconhecido jornalista. A casa ficava no alto da montanha a pique — uma casa com columnas mouriscas e pateos internos forrados de mosaico polycolor. Era noite, e das janellas do gabinete por onde entrava o cheiro apaziguante do arvoredos, via-se no diamante liquido do luar o desdobrar infindavel da cidade enorme em baixo, no mar, e na linha vaga do horisonte o mar e o céu confundidos... O homem politico estava de pyjama. O joven jornalista de frack. O homem politico quasi não se via, porque havia apenas o candieiro protegido pelo para-luz de seda rubra e elle ficava recostado longe, na *rocking*.

O joven jornalista mostrava a face ambiciosa banhada no halo do luar — porque estava apoiado á janella.



Era muito tarde.

— Mas V. Ex. será ministro?

— Quem sabe?

— E' certo.

— Depende do candidato. Nada é certo, neste mundo.

— Quem póde prever até que o não apontem ao supremo cargo?

Houve um longo silencio. O politico ergueu-se; accendeu o charuto, pegou de um livro.

— Sabe com que me entretive estes ultimos dias? Com um livro interessantissimo.

— Algum trabalho de sociologia?

— Exactamente : o volume de um comico Pedro Hittemans. Chama-se : *Memorias d'um Cabotino*.

— Oh ! Excellencia !

— Mas sim, meu caro, um livro excellente e encantador, um livro que veio mais uma vez trazer-me a documentação ás minhas idéas sobre a organização da sociedade moderna.

— Deve ser então bom mesmo...

— E'. Deve lel-o. Nunca se tem o curso completo e o meu amigo inicia apenas a sua carreira.

O jornalista, um pouco desconcertado, deixou a janella, vindo até á mesa; o politico baforou o fumo do charuto com infinito tedio.

— Menino, não se offenda. Tambem eu não tenho o curso completo. E lá em baixo na cidade ha mais discipulos que mestres.

De facto porém o mundo tende a ser cada vez



mais — a Federação Cabotinal das Cabotinopolis... Como jornalista moderno, preocupado com o documento exacto talvez você não tenha olhado com olhos de olhar a evolução do viver urbano.

Se olhasse verificaria, immediatamente, primeiro: que o trabalho honrado não dá fortuna a ninguém; segundo: que todos nós somos refinadíssimos malandrins; terceiro: que não nos esganamos physicamente mas nos esfaqueamos e nos assassinamos moral e monetariamente a cada instante. O mais bandido, o mais cruel, o mais patife é quem vence.

— Quando não vae para a cadeia.

— Está enganado. Vão para a cadeia creaturas vulgares, sem energia e sem resistencia, vão para a cadeia os malandrins do panno do fundo que não estudaram o papel, os fracos, os sentimentaes, os desperdiçadores, isto é as anomalias, as aberrações, o menor numero. Os patifes, os gatunos, os verdadeiros ladrões e os assassinos magnificos, esses todos respeitam, consideram e veneram. Para dominar, para vencer, é preciso praticar com affoiteza o que a moral e o codigo condemnam quando se pratica covardemente. Veja você Napoleão — matava gente aos milhares e ninguem se atrevia a mettel-o no xilindró como qualquer facadista réles da Saude. Veja você os grandes banqueiros ou os chamados reis de varias industrias. Os primeiros representam a fome, a miseria, a desgraça de uma porção de creaturas roubadas em honra das transacções commerciaes; os segundos affirmam a esca-



vidão branca e cegam o mundo com o dinheiro amassado no suor de exercitos collossaes de desgraçados. Veja você os politicos.

Nenhum delles venceu verdadeiramente senão sendo ingrato, hypocrita, velhaco, falso.

A vida é como uma batota lobrega. Já entrou alguma vez nesses estabelecimentos, onde a policia só não entra para cumprir o seu dever? Pois nessas tavolagens sordidas ha diversos jogos prohibidos e roubados que se denominam de azar : a vermelhinha, o jaburú, a roleta, o monte. Em torno de cada mesa acotovela-se uma roda famelica, de revólver no bolso e alma fria como um *iceberg*.

Não ha mutua confiança; ha certeza geral de roubalheira e patifaria. Nós estamos numa batota maior. O dado é a politica, a roleta é o commercio; a vermelhinha é a arte; o jornalismo é o monte...

— V. Ex. hoje está deliciosamente pessimista...

— Estou a dizer coisas velhas com um certo pejo de as repetir.

O homem moderno não tem nem pessimismo nem optismo, porque não tem alma. O homem moderno trata da sua vida, vê se não perde a occasião de apanhar o seu, que é quasi sempre o dos outros, livre e desembaraçadamente. Repare, meu caro, já não digo para o mundo, que é um exemplo muito grande, mas para uma cidade apenas. Porque fez Fulano fortuna? Porque roubou. Porque Cicrano está numa posição brilhante? Porque embrulhou os seus companheiros mais proximos.



Engano, dolo, violencia, à bolsa ou a vida, honrada malandragem de alto a baixo. Eu que aqui estou falando estou certo de que você é um malandro...

— Oh ! excellencia...

— E faço-lhe este elogio porque o considero um typo com probabilidade de vencer e porque eu proprio tenho-me na conta de um espertalhão de primeira ordem. Até mesmo o ser que limita a sua ambição explora os bons sentimentos. Sou padrinho do filho de um amanuense pauperrimo com oito filhos. O amanuense não tinha coragem de pedir o que fosse. Um dia encontrei-o furioso ; « Imagine V. Ex. que morreu o barão Antonio, meu compadre quatro vezes, e nada deixou para os pequenos ! Se soubesse, tel-o ia mandado á fava ! Não era padrinho nem do primeiro ! » Era purissimo esse compadre, era honestissimo... Jogava com os filhos contra a morte dos compadres...

— Molière estudou a sua molestia no Alceste...

— Deixemos de frases... Alceste seriamos todos nós se não quizessemos aproveitar o mundo tal qual está. A tavolagem tem uma porção de taboletas para encobrir-lhe o fim. Mas deve ter notado que, sinceramente, ninguem se queixa de que não haja dentro o que a taboleta annuncia. Assim com a vida. Todos mais ou menos sabem das taboletas, conservam-nas, exageram-nas e cuidam, com ellas a tapar-lhes as faces, de arranjar a vida da maneira mais suave.



— Realmente...

— E' o caso do verso do Hugo ! hein ?

Montaigne eût dit : « Que-sais-je ? » et Rabelais : « Peut-  
[être ! »

Está meio convencido ? Nesta existencia porém, assim constituida, a taboleta preocupa cada vez mais. Não ha como os jogadores para occultarem e negar o vicio. A humanidade é assim, de forma que nós temos nas cidades modernas um sentimento geral de evolução espantosamente rapida : o cabotinismo.

Foi o orgulho que fez o homem firmar-se nas patas trazeiras e apoiar-se a um pedaço d'arvore, ao descer da arvore. O orgulho transformou-se em vaidade como o pedaço d'arvore em bengala. A vaidade, por falta de elementos fortes em que se firmar, fez-se exhibicionismo : o exhibicionismo *à outrance* é o cabotinismo geral.

O homem arranja a vida, e faz-se por dinheiro titular ; a dama manda fazer uma *toilette* e quer que todos saibam ; o philantropo offerta grandes sommas, annunciando previamente a dadiva. Ninguem duvida das proprias forças e todos querem dar na vista : velhos, mulheres, homens, creanças, philosophos e estudantes da escola primaria, *cocottes* e damas protectoras de caridade, homens notaveis e vis anonymos. Por cabotinismo faz-se tudo ; por cabotinismo nada se recusa. Estou mesmo convencido de que ao globo terraqueo não acontece o



que aconteceu á lua, pela cabotinagem com que persiste em fazer de satellite do sól esta pobre terra...

— Cabotinos é uma palavra franceza.

— Que não vale a pena traduzir em vernaculo. Cabotinos, como sabe, chamaram aos actores mediocres e exhibicionistas de uma origem ferozmente aggressiva. Mas cabotinos são toda gente. E' impossivel encontrar um homem absolutamente notavel que não seja cabotino. E assim são os outros, a grande especie humana. No dia que desejar ver o cabotinismo inconsciente vá com uma machina photographica para a rua. Verá como terá a rua inteira com vontade de sair photographada. Individualmente cada uma das pessoas que apparece julga ser o typo saliente e o fóco das attenções. Se desejar particularisar essa observação geral, estude diversas classes sociaes, vá indo de cima para baixo, e encontrará cabotinos desde os politicos dominantes até os copeiros, cabotinos posando com descaro a sua importancia, e subindo e ganhando mais a vida exactamente por isso...

— Caspите!

— Mesmo só, ainda encontrará cabotinismo, apenas cabotinismo, olhando o espelho ou fazendo um exame de consciencia.

— Sr., sou um homem puro.

— Deixe de cabotinismo. De manhã, antes de me apparecer o creado, acontece-me o mesmo...

E se estou a falar com esta franqueza — é que



precisamente, por condições curiosas, por curiosas condições de raça e de meio, o Rio é o maior centro de cabotinismo, de cabotinismo as mais das vezes infantil, ingenuo, mas cabotinismo.

— Como assim?

O politico ergueu-se.

— Porque somos um paiz de chefes.

A desorganisação capital do nosso systema politico, a anarchia da nossa arte, a oscillação dos nossos costumes, tudo isso vem de um phenomeno moral verdadeiramente espantoso : o Brasil é um paiz de revoltados em que todos, entretanto, são tratados de chefes.

— Chefes?

— Mas, meu caro, não se faça de ingenuo. Aqui os homens ou são doutores ou coroneis, mas todos, irrevogavelmente, são chefes. Chefes de que, não sei bem, mas chefes, homens compenetrados de que têm influencia, de que dispõem de um amplo circulo de admiradores e de escravos. Ainda ha pouco, acompanhei as eleições municipaes. Eram todos chefes de differentes valores mas que não se podia contar de um ao maior, porque estavam numa completa confusão.

Um jornalista estrangeiro perguntou-me um dia onde estavam os commandados desses chefes. Ri amarello, com uma certa doze de patriotismo exacerbado (e o patriotismo, como diria o philosopho, é a bilis da humanidade) mas concordei.

Com effeito. Nós vivemos numa época de chefes.



Todos são chefes. Por que? Ninguém sabe. Mas são. Os jornaes noticiam a chegada de um coronel. O coronel hoje póde não ser fazendeiro, mas é chefe politico de real influencia no seu districto, lá longe, onde ninguem vae. Um cidadão faz annos. E' possivel que o cidadão tenha defeito, mas domina uma porção de gente. Somos quasi byzantinos nesta qualificação. Tudo é chefe, desde o Grande Chefe José Gomes Pinheiro Machado até os cozinheiros que são chefes da cozinha, digo mal, até os capoeiras que são *seu chefe*...

E' um desejo de consideração que assim impelle os homens a serem todos chefes?

Camille Doucet, secretario da Academia Fran-  
ceza, já escreveu dois versos que não são bons mas valem por sinceros :

Considération ! Considération !  
Ma seule passion ! Ma seule passion !

Ha de ser certamente, por isso. Chefe é uma palavra bonita, sôa bem.

— Chefe !

— Eminente chefe !

Não se sabe de que, mas é de effeito. Depois nós vivemos numa verdadeira parada, com a alma no bolso e o risinho da cavação nos labios. Chefe é um qualificativo agradabilissimo e que não compromette a ninguem. Para um pedido, nada mais sympathico.

— Meu caro chefe, peço-lhe a fineza...



Chefe de que? Póde ser do que pede e póde ser da sua estribaria.

— Ah! sempre militei ao lado deste chefe!

O militar aqui é a maneira de embrulhar uns aos outros, que é o que se faz em eleições entre nós, com toda a violencia dos partidos. De um momento para outro, apôs muitos sacrificios de dinheiro, o chefe vê-se como o senador Vasconcellos sem nada, nem mesmo o seu delicioso sorriso de louça da casa Vieitas. Mas, apesar de comprehender isso, melhor dos raros que não o são, os chefes são incapazes de resistir á força do qualificativo. Ainda outro dia vinha no *tramway* com um deputado do Districto. Na primeira parada, um sujeito, de côr encardida naturalmente chefe eleitoral, trepou no estribo, gritando:

— Meu chefe, dá licença?

O homem sorriu. Chefe! O cavalheiro pendeu-lhe no ouvido. Chefe! S. Ex. tornou a metter os dedos no bolso. Chefe! A sua mão apertou a mão do soldado fiel com uma nota que ficou na do soldado fiel. O carro partio, os baleiros ficaram; o cavalheiro balançou o corpo para trás na mais elegante prova de cinematica capadoçal que eu tenho visto, e cahio no mundo, gritando:

— Sempre ás ordens de V. Ex., meu chefe!

E todo o bonde ficou olhando o sympathico cidadão, que era chefe.

Quem, entretanto, não foi, com ou sem vontade, um dia chefe? Ha os que são empregados modestos e vem para a rua contar historias.



— Aquillo estava uma balburdia. Foi um trabalho! Felizmente, com um pouco de esforço, consegui fazer voltar a ordem...

E' uma grande mentira, mas elles passam por chefe. Quantos secretarios de redacção ha por ahi que não poderiam ser nem continuos, secretarios de lingua, posando reformas na calçada? Quantos directores gerentes ondulam por esta cidade, que não passam de reles agentes sem outra importancia? Quantos cavalheiros que nem eleitores são, asseguram aos candidatos ingenuos os « seus homens » para o voto?

Ha os que abominam o qualificativo, mas pela circumstancia têm de ser allegoricamente chefe de alguma coisa, porque em certas reuniões a doença é tão definitiva, que acham pouco apresentar um sujeito que não seja chefe.

— Tenho o prazer de apresentar-lhe o Theodorico, rapaz muito serio. Já é chefe na casa em que está empregado.

— Oh! bondade de seu Bonifacio, que é um chefe bondoso.

— Não senhor! Justiça.

— O Sr. é?

— Caixeiro da Sapataria Esperança. Sou eu e o patrão só. Mas como o patrão sae fico a tomar conta. Qual chefe! modesto gerente!

Todos esses chefes de facto parecem-se. Foi a mania da chefia politica que nos aranjou esta angustiosa situação politica em quo o Sr. Pinheiro



faz a *reprise* dos seus ares estranhos de pythonisa dos pampas, com erros de grammatica e facalhão na cava do collete. E não se póde dizer que o maior dos chefes, a Grande Ursa, o Dalai-lama tenha uma só razão para mandar na politica de vinte milhões de habitantes...

Mas, a opinião do jornalista estrangeiro fizera-me reflectir. Não. Elle tinha razão. Talvez o modo de explicar o phenomeno não fosse muito exacto. Mas como explical-o? Megalomania, inconsciencia, costume? Em todo o caso falta de equilibrio social, falta de sobriedade. Esta é terra em que os homens quando se encontram dão quasi sempre exclamações e não deixam de abraçar-se. Esta terra é o paiz em que as damas vinte vezes que se despeçam dão-se sempre reciprocamente um par de beijos nas bochechas; este paiz é o logar onde ainda ha bem pouco tempo os cidadãos se tratavam de : amigo, correigionario e quasi parente; este Rio é o Rio dos exaggeros.

— Dos chefes !

— E consequentemente, meu amigo é cabotipolis.

— Está a brincar...

— E sabe a causa do desenvolvimento dessa nevrose aguda, sabe o eixo dessa roda de *pose* allucinante, meu caro e joven amigo? O jornal, o jornal que elogia e ataca, glorifica e atassalha; o jornal que estampa o retrato, o jornal que publica o nosso nome no dia em que um homem vae affir-



mar ao registro civil ser nosso pae, marcando-nos para sempre com o desejo de ver repetido e precedido e seguido de adjectivos esse nosso nome; o jornal, trombeta do cabotismo que agita com o mesmo espalhafato o nome do homem que matou, do homem que salvou cinco outros, do homem que toca ou dança, ou pula, ou canta ou descobre a navegação aerea, da dama que usa plumas grandes, do ladrão, do advogado, da senhora seria, da barregã, do sabão da moda, do depurativo, do sapateiro, da actriz — o jornal, essa grande alavanca de levantar o mundo que o philosopho antigo já tentára adivinhar...

— Para vencer pois, V. Ex. aconselha-me que aprenda a ser cabotino de primeira classe?

— Não; aconselho-o apenas a ficar jornalista. O jornalista é o tyranno da Federação das Cabotópolis. Fique no jornal.

— E se V. Ex. fôr ministro?

— Não o empregarei.

— Já vê que não é o que diz.

— Não, meu caro, farei apenas o que fez o marquez de Pombal ao seu melhor amigo. Não sabe? O seu melhor amigo estava arruinado e foi dizel-o ao formidavel primeiro ministro. O primeiro ministro sorriu, puxou-o para a janella, e com o braço no seu hombro disse : — Vem amanhã. No dia seguinte fez o mesmo. Oito dias depois o amigo estava contente : renascera-lhe o credito, porque toda gente o sabia intimo do grande primeiro ministro...



Cabotino, hein, o Pombal? E' de tres assobios!

— Assim, V. Ex. levar-me-á á janella?

— Não; chamal-o-ei para o meu carro ás vezes. Você terá tantos negocios e tantas advocacias administrativas que não se lembrará de emprego. E eu, pequeno ingenuo, serei assim, dupla e expertamente cabotino : fecho a possivel hostilidade de seu jornal e finjo de democrata, com o trabalho apenas de transportal-o ao meu lado nos carros do Estado...

Era muito tarde. O velho politico olhou a face do jornalista moço e viu uma tal expressão de extase admirativo que ia a acreditar ter dito coisas estranhas, lembrando que tudo neste mundo foi, é, e cada vez mais será cabotinismo, se o jornalista moço, abrindo os braços e tremulo de commoção não murmurasse machinalmente :

— Grande chefe !...

---



A má lingua







## A MÁ LINGUA

O nosso pharisaismo era naquella noite diabolico. O grupo formára-se dos receios mutuos da má lingua de cada um. Dous conversavam estrçalhando a honra de uma senhora honesta, ou pelo menos tida como tal. O terceiro chegado tivera receio de sahir sabendo que o iam passar pelo cadinho da infamia logo após vel-o dar as costas. O quarto fora assim fraco. Estavam uns seis ou oito nas mesmas condições e naturalmente ferozes contra toda a gente. A perversidade com o exercicio exacerba-se, de modo que, ao cabo de um certo tempo naquelle canto de confeitaria, o grupo a fallar parecia uma desesperada matilha de cães em furia.

O honesto magistrado Diogo Guimarães? Honesto? Um malandrão, encontrado certa vez num alcouce infecto, após um voto caro. A esposa do Hortencio? Mas, o Hortencio sahia, especialmente, para leval-a a estabelecimentos suspeitos.



E os filhos do Goulart? Mystério. O Goulart ia tirar a sorte entre vinte dos seus mais intimos amigos. Ninguem escapava daquelle esmurramento barbaro da maledicencia, ninguem era serio, era digno, ninguem tinha uma qualidade boa. Em compensação havia qualidades más de sobra e invenções integralmente infernaes. A acreditar naquelle grupo desaçaimado, a sociedade seria um conjunto de forçados da penitenciaria e do hospicio de alienados, tripudiando nas primeiras posições, para dar pasto á perversidade envenenada de tanta phrase má. O desespero era tal, a onda varria tanta gente, que já um, ao atacar mais alguem, punha a antepara : « não sei se ha aqui alguem amigo de Cicrano ». E as legendas mais estranhas, as invenções mais infames ensopavam de lama os nomes mais conhecidos.

Um dos maledicentes habituaes estava contando, sem nada saber de positivo, as razões do divorcio do casal Garcia Pedreira.

— Dizem, que a culpa é delle. Não vou defender um gatuno advogado administrativo, como o Garcia Pedreira. Mas a causa é a mulher. Combinou ir passar com a mãe, em Friburgo, metteu-se com um cocheiro de praça e passou os tres dias de Carnaval vestida de homem, com um gabão de borraça, fazendo de « secretario » e sentada na boléa. Messalina napelle de uma exotica.

A roda ria quando Americo de Souza, que chegara por ultimo e ouvia todo o horror como quem as-



siste ao vomito intermino de um vulcão lamacento disse frio :

— Essa senhora estravagante não passou os tres dias de Carnaval nem em Friburgo nem na boléa de um carro de praça. Passou-os no leito, com febre de quarenta grãos, depois de uma forte commoção. E' nobre e honesta.

Houve um silencio inquieto. Americo sorriu :

— O mesmo acontece á esposa do Hortencio, o mesmo acontece ao Diogo Guimarães, o mesmo acontece ao Goulart. Tudo o que vocês dizem para ahi, ha meia hora, com « verve » e « entrain » é calumnia, indignidade, mentira. Mas tambem que diriam vocês sem ter o que fazer obrigados a perambular pelas confeitarias? Vocês são, por obrigação do officio de ociosos, os creadores de legendas. Nada mais fertil, do que a preguiça. Todas as legendas envenenadas são obra vossa, e essas legendas por mais cheias de peçonha raramente prostram as victimas.

— Pelos modos, interessa-te muito a mulher do Garcia Pedreira.

— Nem a conheço pessoalmente. Interessa-me, apenas, accentuar, aqui, nesta pequena roda de apaches amadores da virtude alheia, um principio — o principio da falsificação das personalidades. Descancem. Não é uma aggressão á vocês. Seria idiota. Neste momento, em outras confeitarias, em varios botequins em plena rua, ha uma infinidade de rodinhas de frustes, de « fructos seccos », de pre-



tenciosos sem força, a fallar mal, a calumniar, a não ter uma idéa generosa. Atacar vocês, seria reproduzir a velha imagem de D. Quixote, contra os moinhos de vento.

— Estás a dizer-nos desaforos.

— De que vocês se desferrarão, quando eu sahir, inventando tres ou quatro historias, bem atrozes e bem infames. Mas, eu tenho um principio.

— E' preciso que o digas...

— Um principio reservado a estabelecer entre vocês e é que a má lingua é a maior idiotice do orbe. Em primeiro logar, a má lingua tem por fim crear uma legenda que tisna, uma calumnia que se torna a sombra fantasista de uma vida .Basta que a vida seja exemplar, para que a legenda má só a realce. Alguem que escutasse o caso da Garcia aqui, só ficaria respeitando mais essa senhora. Por esse lado, e esse lado é a base inconsciente dos « virtuososi » da calumnia urbana, a má lingua é inoffensiva. Eu conheci, durante dez annos, uma alma de artista a quem a calumnia dava, no minimo, os vicios de Heliogabalus, e que a sociedade respeitou sempre porque era a sombra falsa — a legenda.

Por outra, meus camaradas, a legenda calumniosa é um propulsor da popularidade nessas épocas de nervosismo e de attracção do mal, e neste caso, os má-linguas são os patetas encarregados, com todo o seu odio, de conservar o fogo sagrado. Um homem esperto, fadado pelos deuses a preoccupar os seus contemporaneos, se quizer crear uma atti-



tude ou modificá-la, é fazer um gesto e deixar o resto ao cuidado da legenda. Sempre que eu ouço um de vocês contar que fulano é um menelão cynico e um tal gatuno immoral, começo por pensar imediatamente o contrario, e no theatro, nas festas, nas grandes agglomerações dos nomes em vista, quer das mulheres quer dos homens, faço o meu julgamento de qualidades más pelo que vocês não dizem e de qualidades boas pelo que vocês affirmam de horrivel. Quando alguém me assegura : Tens alli um canalha de sorte ! a minha sympathia vai logo para um homem intelligente. E se não fosse assim, eu teria uma opinião horrenda da familia, da sociedade, dos homens, e do paiz que é o meu.

Talvez vocês assegurem que isso é uma teimosia paradoxal. Não é. Vocês são uteis. Utilissimos. Nada se perde na natureza. Vocês são os portadores das mentiras que a gente quer, e quando são das mentiras que a gente não quer (raramente porque o talento do má-lingua é apenas feito para desenvolver e exaggerar) integralmente innocuos. Ainda não tive um exemplo falho. Para conseguir uma attitude basta, com certa publicidade, carregar um pouco num gesto. Dias depois a psychologia perversa já arranjou uma legenda fantastica e como a credulidade publica é inaudita, fica você como um ser estranho. Quando quizer mudar, mudar o gesto basta. A má lingua encarrega-se de tudo o mais. Eu conheci um homem puro e honesto, que nem a tão commum perversidade cerebral possuia.



Esse homem era conhecido como o maior devasso dos meus amigos. Eu já lancei como poeta novo, poeta do « sensitismo », auctor de um soneto ideal de fórma, certo individuo que nunca perpetrou sequer uma quadra e que com grande riso seu foi considerado o Revoltado durante annos, sem que fosse preciso, ao menos, passar das primeiras palavras do fantastico soneto :

« A sensação ! Na vida... »

Com estas quatro palavras, elle foi espalhado, apontado e injuriado. Para ser importante nos tempos que correm é quanto basta. Assim, a má lingua que diz : aquelle sujeito é um rico avaro ! desenvolve-lhe o credito como obriga a confiança do vendedor, que recebe a conta de outro tido por caloteiro. Assim, a má lingua cria a curiosidade dos ingenuos e torna mais respeitosa a sympathia dos que percebem a sua calumnia. Assim, a má lingua mesmo quando deturpa um facto e arrasta o homem por essas ruas, que são bem nascidas da grande rua da Amargura, conserva o seu nome vivo, o seu nome na attenção geral, o seu nome fallado.

— Mas quando ha provas, factos, documentos?  
— Quando ha isso não é má lingua, é verdade, e é inteiramente um caso diverso. Mas nenhum de vocês prova com documentos na mão, posto que não tenham nada com o facto de ordem particular, que a senhora do Goulart tenha amantes nem que a senhora do Garcia passasse os tres dias de Carna-



val com um cocheiro de praça, fazendo de « secretario ». A calúnia é infame, mas a má lingua forma-se exactamente de calúnias que não se provam e que, ao contrario, é facil, quando se tem vontade, desmentir. Fica a fama como um vago rumor e ás vezes o tempo, longe de estabelecer o principio que a calúnia ao menos tisna, modifica a opinião e transforma creaturas consideradas horrivelmente, em santas martyrisadas pela babugem da perversidade social.

Nessa occasião, um rapazola estridente approxiou-se do grupo e logo para quem fallava :

— Parabens ! Não negues ! Já toda a gente sabe. Que devasso e que felizardo este homem. Foi hontem com a Lola Prates para casa. E viram-no numa posição no carro, que posição !...

Americo sorriu.

— Ora, aqui teem vocês a má lingua agradavel ! A Lola é hoje a mulher mais formosa do Rio. Com ella, todas as posições seriam para causar inveja. Hontem, fui, com effeito, levar essa creatura á casa, mas apenas com as dores de uma appendicite que a obrigou a ser operada hoje. Fui por compaixão. As nossas relações não passam de apertos de mão sem desejo. Pois já hoje eu sou da Lola, em posição curiosa no carro. E amanhã, serão ditos horrores !

A má lingua é isso — a deturpação, o exaggero do nosso gesto. Se eu quizesse passar por conquistador, ahi estava a convencer vocês com quatro ou cinco phrases evasivas e com certeza de que cinco



— ou mais senhoras me olhariam já de outro modo. A má lingua ! Não ha nada de positivamente ruim no mundo. Esta acção ignobil, que vocês fazem quasi professionalmente e que toda a gente, mais ou menos, pratica é o echo da fama e a criação da legenda, que empolga como uma grande sombra, a multidão. Para as senhoras, para os fracos essa calumnia não chega a produzir o desastre. Para os homens publicos é um accrescimo de renome actual, porque no futuro o que importa é o gesto, a obra, a acção. E eu só tenho pena que graças a vocês e ás calumnias e ás piadas dos cafés e dos « bars », muita creatura idiota tenha ficado á tona tanto tempo...

E Americo levantou-se. Então, o que estava a fallar da honra de Mme Garcia, teve uma exclamação alegre.

— Continuemos, meus senhores, a praticar a boa acção. Este Americo que poza o paradoxo porque dizem delle cousas atrozes, estava, ha um mez...

E todos, com afinco, para occupar o não que fazer, continuaram a estraçalhar a reputação alheia, nesse prazer curioso que é uma das feições mais accentuadas das conversas cariocas.

---



# Feminismo activo







## FEMINISMO ACTIVO

— V. exa. deseja?

A dama de uma belleza grave, modestamente vestida, sorriu sem tristeza.

— Excellencia é talvez exaggerado. Eu sou apenas Mme. Teixeira, uma criatura a que a necessidade acompanha e que não tolera a ociosidade. E desejava trabalhar, trabalhar como um rapaz trabalhador. E' possivel?

— Mas perfeitamente.

— E o sr. seria capaz de interessar-se por mim?

— De boa vontade.

— Então dê-me uma carta. Quero ser caixeira.

Não tive a menor surpresa. Sentei-me, escrevi um bilhete para certo grande armazem, entreguei-lh'o. Mme Teixeira agradeceu sem excesso e sem requebros equivoccos, saudou, desapareceu no corredor. Ia muito bem e muito superior.

Ha dez annos, o acto dessa senhora seria um acontecimento. Hoje — graças aos deuses! — é natural entre as cousas naturaes. O nosso antigo



preconceito, o preconceito lusitano de afastar a mulher da actividade, obrigando-a á vida de parasitismo quando não de serralhos abertos, pelo menos de genyceu romano, onde a matrona era a augusta o respeitavel fabricante do prolongamente das familias — desaparece. E' propriamente a libertação definitiva do sexo. E de modo lento e engenhoso.

Essas criaturas que Proudhon definia como « um meio termo entre o homem e o animal » e Shopenhauer aconselhava a « bater, dar de comer, e fechar » começaram pela independencia mundana. Uma senhora mundana é um ornamento social, representa um papel, pertence mais ao programma do dia que ao lar. Depois tivemos, mesmo na monarchia, senhoras libertas, que chegaram á literatura e fizeram versos. Eram vistas com terror sagrado pelas matronas e com um ar de ironia invejosa pelos homens. Conheci uma dessas senhoras que se chamou a baronesa de Mamanguape, cuja vida de agonias intimas daria para uma novella phantastica de tormentos.

Mas a situação de obrigar a mulher á escravidão social com o argumento da sua fragilidade fechando-a no limite de ou a ser dona de casa, mantida pelo homem como um aparelho do lar, mais ou menos estimavel, ou virar a esquina da honra com a dor maior de ser ainda mantida pelo homem, devia acabar. Devia acabar pelo desenvolvimento social da terra, pela corrente permanente



das idéas estrangeiras, pela invasão immigratoria, pelas necessidade urgente da vida intensa. No tempo em que uma senhora só sahia á rua nos dias solemnes com o esposo, a filharada e as criadas, no tempo em que as *cocottes* revolucionavam a cidade como animaes diabolicos encarregados de perder os paes de familia, e as actrizes eram *essas damas*, era possivel que uma mulher achasse natural, sem fundo de exploração e de parasitismo, viver á custa do senhor seu marido.

— Mulher, dizia-me um conselheiro — mulher é para ficar em casa. Si eu tivesse uma filha querendo ser como lá fóra medica ou advogada, matava-a!

— E' mesmo, accrescentava a conselheira, — até parece incrivel uma moça seria apprendendo em livros de homens!

E, phenomeno curioso! só os pobres, a gente pobre que faz mais filhos e trabalha mais estabelecera no casal o communismo do trabalho para o direito igual á despesa — porque as mulheres dos trabalhadores braçaes sempre trabalharam tanto quanto os maridos.

A Republica, isto é a acção de Benjamin Constant e de seus discipulos mesmo anterior á Republica, fez a carreira liberal das professoras publicas. Meninas que não contavam certo o casamento, familias modestas sentiram o bem de dar instrucção ás filhas garantindo-lhes o futuro. Esta carreira abriu horizontes. A primeira medica causou



espanto. Os homens foram os que mais a guerrearam no seu egoismo de tudo querer. A primeira advogada foi chasqueada. A totalidade dos cerebros masculinos não pensa no outro sexo sem um desejo de humilhação sexual. Essas, porém, eram casos excepcionaes de aspiração grande. Havia tambem a necessidade, e a sinceridade envergonhada e que não tinha coragem de se ir propôr aos patrões para trabalhar honradamente.

Como resolver o problema?

A civilização resolveu-o naturalmente. Não estamos ainda na cidade ingleza de High Wycombe, em que miss Ethel Dove foi eleita, unanimemente pelo conselho municipal, prefeita. Não estamos no Cincinatti, em que uma senhora architecta foi encarregada de construir um theatro modelo. Não estamos em Londres, em que as mulheres fazem *meetings* querendo ocupar um logar na representação nacional. Não estamos em Paris, onde as mulheres são cocheiras e lutam pela vida, guiando os carros da praça pelos boulevards. Ainda não temos a mulher-sandwiche. Mas iremos lá necessariamente e honestamente. abolindo velhos preconceitos.

Qual a situação da mulher actualmente? Ha a mulher sociedade, mulher salão, bella, mundana influente. Não existia outr'óra. Hoje veste no Paquin, mantem um salão com recepções e five-o'clock. E' em muitos casos, posto que não pareça, a associada do homem politico. Um direc-



tor de jornal dizia-me outro dia de um ministro.

— Este X está insuportavel ! Mas eu dei a minha palavra de honra a Mme Z que o não atacaria.

E era verdade. Ha em seguida a literata.

Eu sempre tive pelas senhoras que fazem litteratura — um atemorado respeito.

As relações com uma poetisa são verdadeiros desastres impossiveis de remediar, mas que o galanteio social obriga a acoroçoar. Quando a *femme des lettres* deixa o verso e embarafusta por outras dependencias da complicada arte de escrever, as relações passam á calamidade. No ultimo congresso scientifico, uma dessas damas, mettida numa roupa semi-masculina, apanhou-me certa vez de sopetão, e eu passei um dia inteiro a vel-a manejar o *lorgnon*, recitar, com pedroiços na voz, um ensaio sobre o feminismo no Brasil e pedir, entre suspiros languidos, um pouco dagua com assucar. Desde então o meu respeito transformou-se em terror e é bem de crêr que este terror augmente, dada as evidentes manifestações de epidemia litteraria, que ora convulsione os cerebros femininos. Hoje a cidade tem uma infinita serie de modalidades do protheu : — ha poetisas, ha rivaes de Maupassant, ha advogadas escriptoras sociaes, ha ensaistas, ha romancistas, ha comediographas, literatas profissionaes, literatas mundanas, literatas de cartões postaes... E' preciso um cuidado enorme para andar na rua, estar num baile, entrar num café, assistir a uma exposição da arte, ir a uma



conferencia; é preciso uma pesquisa adunca para escapar á literatura das damas, mesmo no namoro serio ou no *flirt* adiador. A dama literata lá está, a dama literata está em toda a parte.

Mas, porque esse terror? Porque, em primeiro logar e por via de regra, essas senhoras são de uma absoluta mediocridade; porque, em segundo logar e como consequencia da postigaria espiri- tual, as mesmas senhoras deixam de ser mulheres para tomar attitudes incompativeis, vestuarios reclames e fazer em torno, com algumas idéas impraticaveis, um barulho maior que o homem bolido. Ninguem póde deixar de respeitar D. Julia Lopes de Almeida, um talento engastado na mais pura alma de mulher ou Mme Faure que quer con- tinuar a ser mulher quando as suas collegas desis- tem do sexo, mas hão de concordar intoleravel uma matrona de casabeque e punhos, dizendo tolices no 5.º congresso scientifico, em vez de ficar em casa a remendar lucrativamente as piúgas do esposo...

Porque escrevem essas senhoras? Ninguem o soube; ninguem o saberá. Com certeza porque não tinham mais o que fazer, como a Duqueza de Dino. Mas ellas escrevem, escrevem, escrevem. E é uma actividade, é um trabalho, um trabalho libe- ral, tanto que uma senhora chamada Jane Misine já fez uma conferencia com o seguinte titulo afir- mativo apezar da interrogação: E' a mulher de letras um typo social?



Mas ao lado de exhibicionismo irritante e da vaidade activa, ha o labor continuo e modesto que as iguala ao homem.

Nos grandes armazens, o caixa é sempre uma senhora, varias secções são occupadas especialmente por mulheres. Nos botequins, nos restaurantes, ellas lá estão fazendo trocos. Senhoras bellas e distinctas são agentes de seguro, andam a trabalhar desde cedo, agentes de annuncios, reporters reclamistas, professoras de linguas. No correio e nos telegraphos, as novas agencias são occupadas por meninas. Ninguem mais fica admirado que uma senhora tenha que fazer, trabalhe, collabore na vida social, esteja ao lado do homem, capaz de ter idéas pessoaes e de existir sem o auxilio pecuniario. O dono de um grande armazem dava-me conta das suas impressões :

— Você não imagina como eu mesmo me admiro da rapidez da assimilação. Essas meninas sem practica, collocadas no balcão são em primeiro logar muito mais amaveis que os homens. Depois...

— Depois?

— Depois vendem mais, sabem envolver a freguezia, entendem seriamente, dois dias após a entrada, da sciencia do negocio. Sou forçado a admittir novas e ainda não despedi nenhuma. O commercio a varejo, como uma serie de outras profissões, devia ser feito por mulheres.

Que diria a esse homem pratico o espirito conservador? Que responderia ao negociante o padre



Bouvier, que affirmava, segundo Ernest Charles, ser a mulher um « mixto do burro pela teimosia, da gata pela preguiça, da gallinha pelo cacarejar, de macaco pela labia » e que rematava a violencia assegurando : — « quanto á lascivia e á maldade a mulher só a ella propria póde ser comparada »? Ficaria furioso, bradando contra a immoralidade — porque a immoralidade é socialmente apenas aquillo que não é uso fazer e pensar no momento.

Eu estou, porém, convencido de que adquirindo, a mulher a posição a que tem direito na sociedade, mas adquirindo como um homem, pelo seu esforço, pelo seu trabalho, pela sua intelligencia, a vida será muito mais nobre, muito mais doce, muito mais graciosa, muito mais bella. Dizem que o amor maternal enfraquece e os laços do lar desatam. Mas ha paes extremosissimos, que toda a sua vida trabalharam, e ha mães que vivem em casa e batem nos filhos. Dizem que o amor será diverso. Ah ! este sim ! este mudará ! As meninas não esperarão um marido apenas para continuar sem fazer nada, nem os paes impingirão as filhas como um bicho dispendioso. E' o amor pelo amor, sem interesse, convencidos ambos de que são eguaes e que neste mundo quem não deixa o sulco da actividade é indigno de viver.

Certo, a minha phantasia vê esse futuro muito proximo deante de alguns casos de femenismo racional sem literatura. Mas o meu enthusiasmo é cada vez mais vivo quando, ao visitar uma fabrica,



vejo a mulher e o marido trabalhando igualmente em teares identicos emquanto os filhos estão ou no collegio de mulheres ou já na officina como apprendizes, mostrando o mesmo valor dos paes; a minha alegria é grande quando converso com uma senhora que, longe de trinar insignificancias, diz profundamente cousas sérias; o meu contentamento de civilizado augmenta quando corajosamente vejo uma rapariga preferir ao concubinato, ao mau casamento ou á perdição, um posto honrado de trabalho, em que o dinheiro lhe vem ás mãos limpo e digno.

Romantismo! dirão. O homem, pelos habitos de sociedade, aliena-se gentilmente deante das raparigas... A reforma dos costumes é mais um assalto feminino.

Conforme. Eu considero-as meus eguaes. No mesmo dia em que dei o cartão a Mme Teixeira, recusára amavelmente cartas de recommendação para uma das muitas senhoras, mediocres que como tantos outros homens mediocres fazem conferencias circulares pelo interior. E recusei como recusaria a um homem. E' que ha trabalho e trabalho, honestidade e honestidade, no dizer do venerando Quintino. E ha tambem para mim a certeza de que o feminismo activo não é dizer bobagens e fazer livros idiotas, captando complacencias e lucros por ser mulher. Mas corajosamente pôr-se ao lado do homem e ser a sua companheira e a sua igual na vida, utilizando as suas qualidades no aperfei-



çoamento da sociedade. Renan disse que os homens devem ter todas as opiniões para saber qual a melhor. Tenho essa opinião ha varios annos. E' talvez a mais velha opinião adquirida que possue o meu cerebro. E até agora não vejo a necessidade senão de conserval-a na medida do possivel...

Dias depois de dar o cartão para o grande armazem, encontrei o proprietario :

— Já está empregada a sua protegida. Excelente e com duas filhas muito intelligentes.

— Quem é?

— Homem leviano, que apresenta sem conhecer! Mme Teixeira é uma viuva que só achou aquella solução á vida. Como as meninas iam vel-a, dei-lhes um « rayon » de confecções de crianças. Ganham honestamente o seu dinheiro.

— E estão contentes?

— Como quem tem a convicção de ser sério.

Não. A mulheres, que tem servido sempre as transformações lerdas da civilisação masculina são no seculo da actividade febril, desejosas de se egualar ao homem. E com esplendidas qualidades, inclusive a falta de noção do tempo. O D. Mac Dougal, da Universidade de Harvard, reuniu duzentas e cincoenta raparigas e fez uma descoberta sensacional. Perguntou-lhes — umas lendo, outras trabalhando, outras desocupadas, — quanto tempo tinha passado, entre trinta e cem segundos. Todas deram um tempo muito maior. Uma chegou a afirmar que passara dez minutos. Não tinham a



noção do tempo? Não. Tinham a noção do tempo moderno, da lentidão do tempo e da vertigem do momento. E cada uma d'ellas avaliava o segundo por minutos e os minutos por horas...

---







# O Trabalho e os Parasitas







## O TRABALHO E OS PARASITAS

A civilisação traz a multiplicidade das profissões. Numa aldeia, que recursos tem uma mulher para ganhar a sua vida? Numa cidade pequena, cidade que se diga de segunda ordem mas seja mesmo de quarta, que recursos tem um homem? Todos se conhecem, tudo se sabe, e por isso mesmo tudo é feio. A honestidade é uma qualidade de que fazemos questão nos outros. Nas aldeias, nas pequenas cidades, e mesmo nas grandes. Apenas nas grandes tudo é torrencial, excessivo, abundante, e na torrente vão arrastados os menos dotados. Dahi a multiplicidade de profissões de que as grandes capitães são ninho acalentador. Ha profissões de deixar um homem ingenuo de queixo cahido, ha profissões subitamente profissões tão originaes que os mais scepticos têm de curvar-se.

Eu vinha precisamente a pensar na somna enorme de trabalho contemporaneo. Vivemos melhor? Ha mais dinheiro? E' verdade. Mas cada



um na sua profissão trabalha mais. E' o estadista com a somma de responsabilidades acrescidas, querendo impor-se ao povo; é o industrial, é o escriptor compondo livros successivos, é o jornalista estalando de trabalho, são os artistas e os artesãos sem descanso, multiplicando-se, é o commerciante, é o operario dobrando o serviço. O desejo do dinheiro e do confortavel multiplica o trabalho. Até os empregados publicos são outros na vertigem da vida intensa. Até as mulheres e as creanças atiram-se resolutamente á conquista do bem estar pelo trabalho. Não é possivel comprehender a vida de hoje na bohemia espectadora ou na ociosidade. A cidades são grandes forjas de actividade.

Vinha a pensar no magnifico espectáculo quando encontrei, após longa ausencia, de certo na Detenção, um estimavel amigo, o incorrigivel ladrão Agostinho Batata, o creador da « gravata modern styl » no mundo dos larapios. Apertei-lhe a mão leal, — leal para elle, porque nunca o deixou mal — exclamei :

— Ha quanto tempo !

— E' verdade. Ha uns annos.

— Então que se faz?

— Eu sai ha seis mezes de cumprir a sentença. E o senhor? No mesmo, continúa na mesma profissão? Olhe que deve ser aborrecido...

— Aborrecidissimo, principalmente porque ha uma porção de pessoas desejosas de della fazerem



parte sem saber ler e que se vingam descompondo a gente.

— E' isso. Uma complicação! E você, continúa gatuno? Também tem seus *contras*...

— Oh! está fazendo pouco no seu creado.

— Já não és gatuno?

— Olhe bem para mim...

Reparei então que Agostinho Batata tinha uma roupa modesta e um ar de violeta vergonhosa. Era attrahente quasi.

— Regeneraste-te?

O conhecido « gravateiro » sorrio.

— O senhor acredita que alguém se regenere no mundo? Não me regenerarei. Mudei de profissão. A profissão de gatuno é cada vez mais arriscada. Uma pessoa empenha a vida e ás vezes não tira nada, ou tira uns annos de prisão. Bonita não ha duvida, intelligente, valente, porque é a unica em que o roubo é crime — lá isso bem. Mas arriscadissima. Quando sai da Detenção, pensei muito tempo. Que apito tocarei eu agora?

— Era difficil.

— Mais do que imagina. Era preciso escolher entre as profissões em que não se faz nada.

— Oh! creança louca! são as abundantes no Rio. Como protegido de Mahomet dos Levitas, o formidavel Pinheiro, você, Agostinho Batata, tinha logo um desses trabalhosos empregos...

— Não preciso de protectores. Assim, triste e philosophicamente, puz-me a palmilhar a Avenida.



Montaria um jornal para edições únicas com varios titulos e varias primeiras paginas após publicações officiaes? Faria chantages? Seria amante de velha rica ou meretriz abonada? Serveria de secretario a algum politico influente? Apresentaria a minha candidatura a intendente ou a deputado? Tudo isso leva tempo...

— E custa um pouco de dinheiro para começar.

— Eu estava a nenhum...

— Doloroso estacionamento.

— Passei um dia sem comer. Mas resisti ao apetite que, para satisfazer o outro, tinha de bater algumas carteiras. Não! roubar nunca! O Rio não precisa que se use desses meios violentos: o Rio é grande, e a cadeia é pequena.

— Foi então?...

— Foi então que descobri a profissão commoda agora em moda mais do que nunca: pedir dinheiro, morder...

Recuei prudentemente. Agostinho sorriu avançando.

— Não se assuste. E' commum, é mais que commum, é como o jogo do bicho. Outr'ora eram citados dois ou tres sujeitos que tendo feito promessas de viver honestamente sem trabalhar, viviam a morder. Agora, esses sujeitos são os remotos patriarchas da cavação suave. Conheço typos desde os elegantes até os mal arrançados, que não querem outro emprego. Que digo? Já fiz conhe-



cimento com duas familias profissionaes da « dentada » desde o chefe até o moleque copeiro.

A esposa de capa preta e o ar triste chama a gente aos corredores e noticia que tem um cadaver em casa. As meninas fazem missa pedida. Os rapazes pedem emprego e emquanto não vem o emprego alguma coisa. O chefe de um desses lares é solemne, alto, de sobrecasaca. A media é de vinte mil réis por dia. O homem pede como se cobrasse e já pensa em construir uma casinha no suburbio...

— E' espantoso !

— Qual espantoso. O que é preciso é uma certa habilidade; e conhecimentos, isto é, conhecer os outros. Ha os d'ares despreoccupados : « terás por acaso uma de cinco? » Ha os d'ares envergonhados, indo ao lado da victima e baixo : « deixe ver algum para o jantar » : Ha os impertinentes, atrás dos homens conhecidos, aborrecendo-os até elles darem: « sou um seu admirador; póde contar commigo até a morte ». Ha os exploradores da sensibilidade feminina : « dê-me a senhora alguma coisa, conheço tanto seu marido e sua filha... » E' infinito o numero. E não é preciso esforço algum : é andar e repetir a mesma cantilena.

— Afinal isso é uma variedade do mendigo.

— Não diga isso, meu caro senhor. O mendigo é outra coisa. E' verdade que o numero tem tambem crescido extraordinariamente e eu contei ainda hontem, numa hora de Castellões vinte e tres garotos, sete capengas, dez cégos, quinze sem



molestia apparente. Mas o mendigo é repugnante.

— O mordedor é o mendigo do paiz do *tão bom como tão bom*, do *não póde!* e do *sabe com quem está falando?*

— Córto relações se continua.

— E' uma opinião, que não admitto. Nada de insultos. Sabe lá quantos cavalheiros e alguns até distinctos vivem hoje de morder? Depois é a civilização. Ha vinte annos em vez de ser mordedor, moço bonito ou agente de negocios eu tive a tolice de estrear-me na ladroeira franca. Erro. Hoje só um parvo dedica-se á carreira de ladrão simples, ladrão sem mais nada. E' o mesmo do que querer carregar carvão nas ilhas : é o fim certo sem futuro. O senhor que é um homem razoavel, sabe perfeitamente o grande erro da propriedade. O erro da propriedade foi a razão de todas a guerras. Os senhores feudaes eram, como eu, gravateiros selvagens. Por causa do erro da propriedade, os homens brigaram violentamente. Mas é uma descoberta moderna e definitiva que a violencia é sempre prejudicial. Os gatunos de estrada rareiam e apparecem os gatunos de salão. Quando, entretanto, o homem, está calmo reflecte, e reflectindo verifica que tirar sem que os outros vejam ainda é grave. Então creou-se a ladroeira com a acquiescencia geral. Todos roubam. E' o momento do roubo pela maciota...

— Mas você está doido, Batata.



— A maioria pelo menos. O capital é uma hypothese circulante...

— Pelo amor de Deus, não digas tolices.

— Eu poderei provar que o dinheiro que dá é o ganho sem trabalho. Ha de certo dez mil modos de finta publica, de tramoias, de negociatas dessas cavações em que o sujeito apparece dizendo : estou aqui para ser roubado ! e apanha todos os seus larapios... Esses são de resto os activos. Os mordedores são passivos. Esperam que se lhes dê, para não ter a menor responsabilidade. Hoje, desafio a que me prendam. E, entretanto, faço honestamente, os meus seiscentos por mez.

Cumprimentei Agostinho Batata pela sua evolução moral. Excellente rapaz ! Quem diria que acabava domesticado, aproveitando os systemas de cavações em moda, *mordendo* mollemente, elle que tirava á força ? Agostinho sorria satisfeito.

Sahi impressionado. Oh ! o Trabalho augmenta, mas á proporção que augmenta e o dinheiro entra, o numero de parasitas cresce espantosamente. Já não é precisa a violencia. O ataque é feito suavemente. A arvore frondosa está cheia de parasitas. Era de desaminar. Nessa mesma noite fui a um club e dei de observar um moço bonito.

O joven era realmente elegantissimo. Cada gesto seu indicava o habito das coisas finas, o talhe do seu frack, o córte do seu collarinho, a maneira de pôr a gravata eram para um entendido outras tantas indicações de fornecedores notaveis de Lon-



dres e de Paris e de distincção instinctiva. Estávamos num desses clubs em que se joga e sahiamos mesmo da estupidissima sala do baccarat, onde as cocottes perdiam dinheiro facil. O gordo coronel Silvano, fumando um charuto tremendo, interrompeu-me com um jornal na mão.

— Estás a ver mais uma dos moços bonitos?

— Que fizeram?

— Agora comem de graça nos restaurants. Que achas?

Eram duas da manhã. Disse-lhe aborrecido :

— Acho uma acção heroica.

E afastei-me, tomei do chapéu. Quasi ao mesmo tempo o joven elegante fez o mesmo, de modo que na rua nos encontrámos lado a lado.

— Não faz uma boa noite, disse elle.

— Para um homem civilisado, o bom ou o máo tempo são indifferentes. Perdeu?

— Eu nunca jogo senão o dos outros.

— Ah! E' então...

— Sou simplesmente um moço bonito. E' a minha profissão. E se me approximei do senhor foi por ter ouvido a resposta ao coronel Silvano. Esta gente decididamente ignora que aquillo que elles pejorativamente denominam moço bonito — é o ornamento essencial das perfeitas civilisações. E o que é mais : nenhum delles percebe que o nosso atrazo não permite senão uma vaga adaptação e reflexos realmente deploraveis.

— Vejo que é intelligente.



— Muito obrigado.

— Quer um charuto?

— Peço desculpa para dizer que só fumo havana.

— Faz muito bem. Este por acaso é e bom.

— Thank...

Parámos a accender os charutos no lume do seu isqueiro — um isqueiro d'oiro com rubis como agora em Paris lançou a moda o Brulé. E soprando para o ar o fumo claro, eu disse :

— Com que então na infancia da arte?

O joven sorriu.

— Pois claro ! Que é um moço bonito? E' um rapaz de educação e principios finos, que detestando o trabalho e não tendo fortuna pessoal, procura, sem escolher meios, conservar boa cama, boa mesa, boas mulheres e mesmo uma roda relativamente boa. A moral é uma invenção relativa. A moral é o vestido de ir ás compras da hypocrisia. Si esse moço bonito estivesse na França e tivesse antepassados, esperaria um dote fazendo rapaziadas como o visconde de Courpière e o cadet Coudras do Abel Hermant. Como porém está num paiz que de fidalguia só tem a vontade snob de possuil-a, esse rapaz está ameaçado da cadeia, como qualquer gatuno sem intelligencia. Os negociantes honrados, todas as classes honradas do paiz abrem o olho attento com medo dos planos, que em geral não dão grandes resultados. Não acha?

— Perfeitamente.



— Digo lhe estas coisas, porque de facto o julgo acima da moral.

— Estudei um pouco a philosophia de Nietzsche e como o amigo deve saber já o Remy de Gourmont definiu essa philosophia : a philosophia da montanha.

— Pois na montanha são largos os horizontes. Ainda bem. Ninguem aqui quer comprehender que o moço bonito é um ornamento da civilisação. O senhor comprehenderá. Que é o moço bonito afinal na sua raiz? Parasita. As parasitas só se grudam ás arvores em plena força, e não poupam a seiva dos troncos alheios para brilhar na sua beleza. Assim o moço bonito.

— Exacto.

— O moço bonito é o pendant da cocotte de luxo. Com os dois tudo marcha — o proprio Deus.

— Para a cadeia?

— Para o prazer, para a maior movimentação do dinheiro, para a agitação civilisada. Eu parto do principio que ninguem é honesto, honesto exemplarmente do começo ao fim da vida. Aqui porém onde as cocottes ganham tanto e tem tanta consideração, o moço bonito vê-se cercado de hostilidades. Que póde fazer um moço bonito no Rio? Pouquissimas acções brilhantes e com muito trabalho. Receber dinheiros de viúvas, fazer-se conductor de *paños* ás casas das cocottes, domar violentamente uma senhora que lhe passe o *arame*,



morder aqui e alli, viver na ancia do dia seguinte. Imagine que eu precisava de dinheiro agora...

— E' uma hypothese?

— Absoluta. Si fosse trabalhador, iria amanhã a um prestamista que m'o daria com um juro indecentissimo. Si fosse mendigo, esmolaria. Sendo moço bonito, a simplicidade desapparece. E' uma complicação. Ou armo o *grupo* ou arranjo uma scena. A's vezes a scena e o grupo falham e é preciso inventar outros. Um moço bonito é sempre um genio de calçada e imagine o senhor um desses pobres rapazes deitando-se pela madrugada sem ter a certeza de fazer a barba e perfumar-se, de almoçar e dar o seu gyro pelas pensões d'artistas, sem a segurança do collarinho limpo.

— E' horrivel!

— Um collarinho do Tramlett por lavar!

— Que desastre! Verdade é que ha agora os de papel, cujo preço é seis vintéis...

— Conheço; elegancia de Buenos Aires, deploravel. Entretanto, meu caro, o moço bonito deita-se e dorme. E na *purée*, absolutamente *sans le sou* eil-o a guiar automoveis a tomar aperitivos, a farejar a Besta Doirada.

— Bonita a imagem.

— E' a maneira literaria de indicar a victima. Mas como o meio é limitado, ás caras são sempre as mesmas, a roda chic irrevogavelmente sem augmento, o moço bonito atira-se ao anonymo, ás classes menos desprovidas e acaba em complica-



ções com a policia, cujos serviços estavam ao seu dispor dias antes. Eis porque achei a sua frase sensatissima. Com a estreiteza do meio, a incompreensão da grande corrente civilisada que exige a cocotte e o moço bonito — o moço bonito é um heróe.

Estavamos no cães da Gloria á espera de um tramway. O dandy remirou as unhas lustrosas :

— A humanidade é ferozmente egoista. A sociedade esquece, e tanto que nos nega apoio. Porque de facto analyse a vida dos homens que têm hoje cincoenta annos, analyse a dos jovens trabalhadores com um pouco de psychologia. Bem raros serão aquelles que uma vez na vida não foram moços bonitos e bem raros são os que não tiveram já pelo menos o desejo rapido de o ser...

— O cavalheiro é profundo.

— Sou um desilludido, e não vivo aqui, vivo em Paris.

— Ah !

— Faço como a maior parte dos moços bonitos que se arriscavam a ir para a Correccão aqui. Emigrei para a Cidade Luz. E' a unica cidade onde o homem é pago para divertir-se. Tenho lá nos Campos Elyseos rez-do-chão elegante, onde ficam alguns brasileiros ricos.

Como tenho muitas relações nas diversas colonias — a brasileira, a argentina, a egypciana, nos melhores restaurants dão-me 20 % sobre as despesas dos meus amigos. Quando vou só — como



gratis. E isto no Café de Paris, na Abbaye do Albert, em todos os restaurants da noite. As cocottes para lhes arranjar bons *michés* transatlânticos estão nos meus braços pelo mesmo preço dos pratos dos restaurants. Uma casa de automoveis fez-me presente de um excellente auto com o competente motorista para *aguicher* os meus amigos, restacueros ricos doidos pelo automobilismo. Os fornecedores vestem-me como commissão da freguezia que lhes levo. Os meus amigos são loucos por mim e deixam-se sangrar. De modo que eu vivo docemente, e até ás vezes viajando, em passeios pela Rivera, em excursões automobilicas a Itália, em voos rapidos a Londres, onde sempre vou para o Savoy... Não se admire. Nestas condições ha uma duzia de jovens brasileiros em Paris. Nem todos estão na alta, mas os que não vão a Abbaye vão ao Royal e passam muitissimo melhor do que aqui...

— Quando parte?

— Estou á espera de um negociante de gado argentino, com o qual vou para o Egypto. Somos elle, eu e a Blondinette.

— Amante dos dois...

— Delle...

— Creia que é um bello rapaz.

— Faço o possível para *rançonner* o burguez com certa linha. Aqui isso seria material e moralmente impossivel.

— Nós estamos num atrazo medonho!



- E' o que eu digo !
- Em que bond vae?
- Vou a pé.
- Pois prazer em cumprimental-o.
- E lá estamos ao dispor, em Paris. Naquelle divino trecho dos Campos Elyseos...

E' sempre melhor do que a Avenida, onde se discute e se falla nos jornaes de alguns civilisados que jantam gratis contra a vontade dos famigerados hoteleiros.

E seguio a pé, elegantemente pela rua da Gloria, caminho da Civilisação — de que é um ornamento do capitel.

E foi então que eu vi que nós trabalhamos furiosamente para a conquista da Civilisação, mas ainda não a conseguimos. Precisamos de mais duzentos annos, e na arvore colossal do labor-a-maravilha esplendida do parasitismo...

---



As Impressões do boróro







## AS IMPRESSÕES DO BORÔRO

Os índios retomam o seu lugar. O Brasil, segundo alguns jacobinos ferozes, naturalmente filhos de estrangeiros, pertence-lhes de direito. Quando Pedro Alvares Cabral descobriu a grande terra, que encontrou nella? Índios. Índios, alguns ferozes, outros de um pouco caso, considerada mansidão, verdadeiramente digno de nota. Quando os portuguezes precisaram de gente para os guiar caminho do interior, com quem se acharam? Com os índios! E é preciso convir que os brancos, resolvidos a civilisar os pelles vermelhas, os bororós, os tupinambás, os tupiniquins e outras tribus de nomes curiosos, escravizando-as e ensinando-lhes a religião de Christo, matando-as, exterminando-as e discutindo em seguida si o índio tinha ou não alma — não procederam com uma correccção muito aproveitavel para exemplo do futuro...

O índio fugio para o interior e ficou pouco amavel. Nós os brancos : brancos relativamente como



todas as coisas misturadas — tomamos conta dessas maravilhas, estabelecemos o Progresso, fizemos varias proezas, mas no fundo convencidos de que estamos a usurpar a casa alheia. Sim, porque afinal de contas, o Brazil é dos indios. E tanto o Brazil é dos indios, que, ao pensar em symbolisar o Brazil, logo os desenhistas pintam um joven indio de casaca, claque alto e tanga emplumada.

Assim, de vez em quando, através da historia, encontra-se sempre a crepitar o fogo sagrado do amor pelo indio. Ah! nós amamos o antigo dono da terra natal. Amamos muito! Apenas, como seria demasiado dar o governo do paiz a um cacique, contemplar o primeiro pagé das selvas amazonicas com os palacios do Cardeal, distribuir os empregos elasticos da guarda civil entre os Pinheiros Machados do sertão, os Ubirajaras de desconhecidos aldeamentos, tomamos á norma geral de ir ás tabas, forçar os pobres animaes a trabalhar para nós, batendo-lhes sem dó nem piedade, mudando-lhes o nome do Deus, vestindo-os de calças, infiltrando-lhes as nossas bellissimas qualidades ruins, e quasi sempre acabando ou por trazer para a cidade um bando de cretinos ou por estabelecer conflictos tremendos, em que por signal perdemos ás vezes. Mas convencidos de que o Brazil é dos indios.

Como nunca tive a coragem civilisadora da professora Daltro, só consigo approximar-me dos authenticos proprietarios deste paiz, quando por



cá apparece alguma caravana de sujeitos de nariz esborrachado, a pedir ao Papae Grande instrumentos agrarios. Essas caravanas são conduzidas por jesuitas dedicados. Um desses, durante a exposição, trouxe o bando de indios formado em orchestra — memoravel e dolorosa banda de musica em que se condensavam todas as bandas más, desde as bandas recreativas da roça á banda de musica allemã! E desse contacto com os indios, tive a impressão de que os pobres diabos têm o espirito da ironia desenvolvidissimo. Não podendo com os seus malfadados civilisadores, frecham-nos de ironias mordazes. Hei de me lembrar sempre de um valoroso capitão, hospedado no pateo da Policia Central, ha uns dez annos. O capitão era velho e solemnissimo. Dormia, havia oito dias, de collarinhos, gravata e frack, com as botas na mão. Fui encontral-o, rodeado de reporters, que o entrevistavam como entrevistariam o indigitado autor de um crime celebre, um viajante notavel ou uma actriz de nomeada. O capitão dava as suas impressões sobre o mar, cuja agua era salgada — (grande riso dos assistentes!) — sobre Tupan carregador que era o bond electrico e outras sinistras bobagens. A tribu civilisada fazia uma verdadeira dansa de scalp, dilacerando-o de perguntas a que o selvagem não podia responder. Afinal, no meio dos entrevistadores estava um negrinho de oito a dez annos, a quem o cacique agrario fixava de vez em quando. Indaguei.



— Gosta de creanças, capitão?

O cacique bocejou :

— Não gosta não. Já comi, mas não gosta. Melhor mais grande e branco.

O selvagem já comera creanças, era anthropophago...

Os outros com que depois falei de certo ainda não tinham chegado ao excesso de comer os civilisadores guizados, mas não compreendiam absolutamente nada de civilização, selvagens dentro das fatiotas urbanas, como os mais selvagens.

A' primeira manifestação impetuosa de sentimentos punham-se a agglutinar gritinho, e a maioria dos nossos confortos causava-lhes uma immensa vontade de rir. Que pensariam elles das autoridades, dos reporters, dos presidentes? Mas para que indagar? Vinte dias depois de chegados, esses pobres entes eram abandonados, literalmente abandonados. Nunca soube ao certo da volta de uma dessas missões de indios domesticados, mas previa que, se alcançassem de novo a floresta virgem, deviam retomar o odio antigo, com prazer.

Não retomaram, entretanto. E felizmente. Porque neste momento um movimento governamental resolveu o problema do seu aproveitamento colonisando-os.

— Sim, senhor. Esse paiz é seu. Nós tomámos conta disso. Basta de vadiação, porém. Venha para cá prestar-nos serviços!

E deante desse movimento intelligentissimo da



nossa parte, segundo informam as noticias varias, o sertão, onde existe campo de indio está a vibrar de contentamento. Em Goyaz, no Paraná, em Matto Grosso, no Amazonas, os indios sentem-se colonos, com tanto direito como a maioria dos habitantes passados, presentes e futuros deste grande paiz.

A propria cidade começa a ter indios de mais. Os jornaes dão noticias desenvolvidas a respeito da chegada de caciques sordidos; não se entra por uma secretaria sem encontrar em cada sala um lote de indios — dos *verdadeiros brasileiros*, como dizem os jacobinos. A principio, para que não dizel-o, eu tinha um medo serio dessas mandadas nomo-selvicolas. Pensava-os incapazes de pensar, de agir, de fazer outra coisa que não-fosse atacar o proximo. Via porém tanta gente com cara de indio que certa vez encontrando num bonde com certo sujeito talhado pelo mesmo molde, atirei-me a elle.

— Bom dia. Então como vaé isso?

— Como?

— Voce não é um dos colonos indios do coronel Rondon?

— Perdão. Sou realmente colono.

— Do Rondon.

— Não senhor, do Japão. Sou japonéz e ha dez annos vivo aqui.

Essa lamentavel confusão resolveu-me a encontrar um indio e a ouvil-o falar. Era uma questão



fechada. Precisamente os jornaes davam com retracto a chegada de uma familia de cacique de Matto Grosso, cujo filho mais velho, interrogado por um reporter, respondera com enfado.

— Não sei nada. Fala com Rondon, fala com elle...

Atirei-me ao hotel, onde se instalara o principe. Vou divertir-me pensei. E mandei levar-lhe o meu cartão. Instantes depois, o creado fez-me entrar para um salão delicado e intimo. No centro do salão estava um joven bororó. O joven bororó estendeu o braço cumprido. Na extremidade desse braço cumprido havia uma larga mão respeitavel que apertou a minha. O bororó, de pyjama de seda e meias côr de vinho bocejava largamente. Accordara, certo, pouco tempo antes.

— Sente-se você, fez, cahindo num divan. Que ha de novo?

Sentei-me, acceitei uma cigarreta *pointe d'or*, e por entre as espiraes perfumosas, informei :

— Nada de muito novo. O assumpto palpitante continua a ser a protecção. Era exactamente esse o motivo de minha visita : saber a impressão que lhes tem deixado a cidade .

O joven bororó sorriu com todos os seus dentes.

— Para que falar de nós? Eu detesto o reclamo. Isto é bom para os Caruso, a Sarah Bernhardt, o Luiz Mancinelli. Você não póde imaginar como a celebridade me peza.



— E aos outros?

— Falo por todos. Alguns ficaram até tão cansados que morreram. A celebridade é fatigante. Fatigante e banal. Não posso compreender como entre os barbaros europeus e vocês seus descendentes se póde viver numa tal tensão de mentiras permanentes. Verdade que mentira é illusão, illusão é desejo de realidade, e no fim da maior pilheria do reclame ha sempre o nobre desejo de ser melhor. Se eu falasse de mim...

— E dos outros?

— Falo por todos. Se eu falasse de mim, intimamente, com ordem expressa de você não publicar as minhas opiniões capazes de susceptibilisarem os homens de valor da terra, naturalmente só falaria verdade, e não seria interessante. Que quer? A vida é sempre assim. Vocês ficaram sabendo ha tempos por causa do padre Malan com a sua banda, por causa do amavel coronel Rondon com as linhas telegraphicas, por causa do Teixeira Mendes e de Augusto Comte, que o Brasil ia proteger o selvicola. Vae dahi, era certa a chegada de varias levas de brasileiros...

Que exotismo! bradaram os neurasthenicos urbanos. E começaram a pensar logo em alguns individuos mais nós que as cantoras de cafés concertos. Tambem para vocês era exotismo o bororó, como seriam exóticos um mandarim possuidor da jaqueta amarella, um turco, ou simplesmente uma senhora de chapéo muito grande.



Ora, precisamente na nossa cidade, nós somos quasi todos filhos de caciques...

— Ah! muito bem! de caciques!

— Não me interrompa. Você não sabe o que é um cacique, e aliás, com isso, acompanha a maioria, Ouça. E' melhor.

Nós somos todos filhos de um formidavel cacique, filho do Sol e neto da Lua.

— Porque neto da Lua?

— Pela razão simples de que a Lua é muito mais velha que o Sol. Os nossos parentes fizeram civilizações grandiosas antes da entrada violenta dos barbaros transatlanticos. Nós mesmos tínhamos instituido as bases do direito das gentes na guerra e na paz, não pensavamos no divorcio graças á polygamia e a comprehensão hellenica de que a mulher no lar é a primeira serva.

— Perdão, Penelope...

— Não me interrompa. Você deve saber que nós somos de origem gregos asiaticos, vindos para esta região muito antes da quêda de Troya. Eu devo conhecer a parentada. Ora muito bem. Com esta comprehensão, chegamos a poesia, que é o capitel de uma civilização. Mas os brancos, essa raça sem medida, tudo acabou ferozmente. Meu pae e pae de quarenta e oito irmãos meus com vinte e duas esposas fiéis, percebeu que o unico meio de escapar, era passar de cacique guerreiro a cacique industrial, a cacique agricola pastoril. Aceitou immediatamente a invasão



dos colonos de estamenha chamados salesianos...

— Intelligente !

— Está comprehendendo? Meu pae era uma aguia. Esses colonos fizeram no nosso meio o papel dos gregos no imperio romano, ensinando-nos varias coisas. Graças a elles admirei a missa, esse interessante « almoço religioso », li Wagner, ouvi trechos de *Parsifal* e a emoção curiosa do *Vem cá, mulata?* Li os psychologos desde Ribot até o Manuel Bomfim, folheei albuns de caricatura, estudei varias linguas pelo methodo Berlitz, assignei jornaes, fui no sertão leitor assiduo do *Femina*, do *Tico Tico*, do *Binoculo*...

— E os outros?

— Já disse que falo por todos. Emfim, consegui uma educação que não digo igual á dos barbaros pela razão mais simples de que a minha é maior. Conheço a sciencia, a philosophia, a arte, as religiões européas e a sciencia, a arte, a philosophia e a religião bororós : Vejo por consequencia 'dobrado.

— Evidentemente, concordei convencido de que sonhava.

— Depois é uma questão de raça.

— Como assim?

— Nós somos principes de raça. Não tivéssemos essa superioridade e não estaríamos tão á vontade sustentados pelos outros...

O joven bororó ergueu-se sorrindo terrivelmente com todos os seus dentes. Eu estava humilhado.



Toda a familiaridade fugira. Estava na ponta da poltrona, jogara para o cinzeiro o cigarro e olhava o bororó como imaginara que o bororó olhasse para mim.

— E tem se divertido, Alteza?

— Nem tanto. O nosso manager véla por nós como Mentor por Telemaco ou' o Frack-Brown pelos seus jockeys.

Elle tem muito medo daquillo em que vocês tem estragado o melhor da vida e a que chamam o Amor. Mas, de vez em quando, uma escapada... Emfim, Viajei, vi cidades, verifiquei como vocês são basbaques...

— São apenas essas as suas impressões?

— Não. Tenho algumas outras. A primeira é que ha falta de gente em comparação ao que dizem os jornaes. Quando passeio pela Beira-Mar tenho a impressão do deserto; quando entro num theatro prende-me o frio que se deve sentir nas steppes. E' desolador. Quanto aos homens, são todos perfeitamente idiotas. A maneira porque olham para nós é extremamente comica. Imagine você si não fossemos menos intelligentes com a tolice de nos julgarmos superiores! Como poderíamos andar na rua vendo tanto carioca! Imagine você — depois de comparar com o que fazem elles vendo-nos passar...

— Tambem S. Alteza e os seus manos são netos da Lua?

— Mas elles não o sabem, e quem não sabe não



vê. De resto, o bororó é mais do que Voltaire, porque Voltaire sentia-se embaraçado com o universo e nenhum de nós ainda sentio esse embaraço. Nem nós nem o nosso impertinente *manager* :

— Mas que philosopho é S. Alteza !

— Não me chame de Alteza. Dá-me um ar de principe europeu em decadencia, e neste paiz de exaggero parece mal.

— Como hei de tratá-lo então ?

— Não me trate. Eu chamo-me simplesmente o Bororó. Si quizer saber o meu nome todo indague do colono que é um cartaz vivo.

— Que juizo mau faz de nós !

— Eu? pois julga-os exaggerados? Pois si é verdade. A impressão geral dos bororós é que os barbaros só se interessam pelo que é inteiramente inutil. Outro dia, eu que tinha sahido só, perdi-me deante de um cinematographo em que avidamente a multidão entrava. Entrei. A multidão guinchava, ria e batia palmas, porque no tal cinematographo appareciam algumas mulheres apenas vestidas de meia. Ha coisa mais tola? Na minha terra ellas andavam assim sem que nenhum de nós perdesse tempo em olhá-las. Hontem perdi o tempo indo á Camara e a um café cantante. Na Camara uns cavalheiros diziam coisas perfeitamente sem sentido, no café cantante uma companhia inteira no palco palestrava em fraldas de camisa. E havia gente grave a ver aquillo. E' a civilisação ! E' a inutilidade. Um bororó não com-



prehende esse prazer. Pasma de como se perde o tempo.

— O Bororó também?

— Se a época é a da falta de tempo!

— Admiravel.

— E deixe-me dizer-lhe que os taes palacios, e as invenções da mecanica e da electricidade industriaes não conseguiram enthusiasmar-me.

Um creado appareceu; ia ser servido o almoço, e o bororó tinha ainda o banho, a toilette, o exercicio do tacape que faz todo o dia num quarto fechado com os manos, untados de oleos e de cocar de plumas variegadas. Além do mais esquecera a sua oração a Tupan Nosso Senhor e logo depois do almoço tinha ensaio da banda — porque o bororó toca trombone. A' vista disso ergueu-se.

— E mulheres, bororó?

O bororó olhou para os lados receioso.

— E' a unica coisa que me parece melhor. Mas tambem exaggeradas. Grandes chapéos, muitos vestidos, muitas rendas.

— E' a moda.

O joven bororó rio antropophagamente com todos os seus dentes.

— Filho do Canal do Mangue, por Jacy o juro: ellas devem ser melhores sem nada disso...

Não gostei de ser filho do Canal do Mangue. Fechando a cara, indaguei.

— Mas precisamente, grande filho das selvas, você não veio cá apenas fazer censuras.



O bororó ficou serio :

— Ah ! não ! Queres saber o que vim cá fazer?

— Se não fôr inconveniente...

O joven bororó olhou para os lados e alteou a voz. Alteou a voz e proferio a ultima phrase. E esse phrase, oh ! senhores ! oh ! senhoras ! oh ! rapazes ! oh ! meninos ! foi a noção ironica de um paiz inteiro, foi a troça mais completa ao momento, aos homens, ás coisas, foi um resumo integral do paiz, foi todo o Brasil encarado por um Mark Twain pratico, foi sesquipedal. O indio alteou a voz e terminou :

— Vim buscar uma patente da Guarda Nacional !

Sim, glorioso representante de uma raça que nós vamos colonisar, sim, descendente de guerreiros illustres, já glorificados pelo defunto Gonçalves Dias e por outros poetas fallecidos e vivos, sim, ex-senhor do tapace, do cocar, da embira, da inubia, sim ! o teu genio apanhou numa phrase lapidar o paiz inteiro.

Sim ! Para valer alguma coisa é preciso uma patente, uma patente de invenção, de uma autoridade, illusoria, para entrar na civilisação com dignidade, mesmo como colono, é preciso um posto ! Como considerar-se brasileiro sem uma patente, como pensar em ser eleitor sem galões, como agir sem o bordado de uma hierarchia hypothetica ?

Não ha mortal brasileiro que não seja pelo menos sargento, sargento de uma brigada elevada pelo



numero, absolutamente fantastica, mas brigada nacional. Um indio, convencido de que vae retomar o Brazil, assimilando-se ao meio, só poderia começar pedindo uma patente. Antes do mais, a patente. Tel-a-á de certo, assim como todos os outros indios formados numa nova brigada que a espontanea brigada do Trotte de Britto com os apinagés da D. Deolinda já desvairadamente annunciára por estas ruas civilisadas! Tel-a-á! E só assim o problema indio, ficará resolvido pelo unico grande systema elevador das classes, o systema de patente. Os posterios, venerando esse indio de hontem num grande monumento, de certo positivista, erigido na praça publica, talvez não façam a inteira justiça á nobre idéa de Rodolpho Miranda. Mas, fatalmente exaggerarão o papel do indio vidente, que, abrindo a porta a mais dez mil coroneis, cinco mil capitães e oitocentos mil alferes, fez entrar definitivamente para a civilisação todos os selvicolas e mesmo as selvas com a palavra que sustem as sociedades, com as tres syllabas magicas, com a — patente.

E eu sahi aturdido com o bororó, as suas idéas, o canal, o exaggero, Jacy e um retrato do joven civilisadamente selvagem que o proprio neto da Lua me concedera, apezar do seu horror ao Reclamo — para publicar nos jornaes.]

---



O Sr. patriota







## O SR. PATRIOTA

Encontrei hontem o Patriota. O Patriota é um homem consideravel. Ninguem sabe porque o cerca um tão curioso prestigio, mas ninguem lhe nega a grande consideração a que tem direito personalidades de monta. Conheço-o ha muito tempo. De fisico varia ás vezes. E' em certos momentos joven, com a cara suarenta, o cabello por cortar, o olhar scintillante. Em outros surge velho, de grandes barbas, brandindo o guarda-chuva. Quasi sempre, porém, apparenta ter de quarenta a cincoenta annos. Mas o seu moral não varia como não variam as roupas, que segundo o philosopho tem uma secreta correspondencia com o moral. Veste mal, muito mal. Parece esfregado d'oleo tão reluzente está, e com dignidade, com emphase, como um propheta, clama em favor da patria. E' no paiz inteiro o unico homem que comprehende o patriotismo sem interesse e amá verdadeiramente o Brasil. Como? sabendo tudo sempre pessimo e clamando por medidas de extrema violencia. Depois de ouvil-o — e



toda gente já o ouviu — ninguém se atreve a considerá-lo menos que intangível, porque para elle todos são perdidos, devassos e deshonestos, ninguém ousa pensar no progresso do paiz porque elle o corta com o gladio negro do impossivel; ninguém tenta uma palavra que não seja de applauso ás suas idéas porque elle fala como inspirado por um poder superior. E' radical, é esplendido, é divino. E' o unico homem que pensa sempre da mesma fórma, o unico homem coherente porque pensa sempre mal dos outros homens, das outras coisas, só comprehendendo uma intenção boa e honesta : a propria.

Muitas vezes, depois de escutar religiosamente o Patriota, tive a ousadia de reflectir nos seus decretos e nas suas imperiosas verdades. Se cumprissemos esses decretos no exterior teriamos, ha muito tempo declarado guerra ao Peru, á Bolivia, á Republica Argentina, á Allemanha e á França. Apenas. Nenhum dos tratados de limites que o notavel cartographo Sr. Rio Branco realisou, tem o seu assentimento. A compra do Acre foi uma humilhação, a intervação dos Estados Unidos em questões de politica sul-americana é irritante, a Allemanha procede deslealmente criando-nos no sul o dominio germanico, a França não tem o direito de discutir as nossas preferencias na questão dos instructores militares, posto que a sua vontade seja contra os instructores de qualquer nacionalidade. Com a Italia, é devido á baixeza e á fraqueza dos nossos politicos que a lei Prinetti ainda não foi revogada,



posto que a sua opinião seja inteiramente avessa a immigração. Com a Argentina o seu odio é quasi um delirio sagrado. A Argentina serviu-se dos nossos guerreiros no Paraguay e não póde supportar a nossa evidente superioridade. Só haveria um meio de liquidar a rivalidade: era reduzi-la a nada numa tremenda guerra, porque os brasileiros tem a coragem dos japonezes, apesar do Patriota abominar os japonezes considerando um grave perigo a sua colonisação no Brasil.

Internamente o Patriota ainda é mais grave. Não ha um homem que preste, não ha um acto do governo que não seja considerado um verdadeiro desastre para a causa publica. O Brasil, que ainda não se bateu com todos os paizes dos quaes já devia ter saído vencedor, é elevado á ruina pelos seus estadistas, uns ladravazes desavergonhados.

— Então a cidade illuminada a luz electrica?

— Dizem os estrangeiros, Sr. Patriota, que é a cidade mais illuminada do mundo.

— Tambem com tantos ladrões, quanto mais luz, melhor. Vejo porém nisso uma verdade.

— Qual, Sr. Patriota?

— As ladroeiras da Light ! As batotas do governo essa miseria dos nossos governantes...

Como para achar que uma coisa vae de mal a peor, é preciso fatalmente acreditar que os tempos passados foram melhores, o illustre Patriota vae transferindo a sua opinião dia a dia, de modo que, graças ao tempo, os patifes de ha dez annos são



hoje senhores respeitaveis em comparação com os contemporaneos. Firme no tempo da monarchia, o Sr. Patriota era republicano e clamava contra a inercia bandalha dos ministerios que faziam emprestimos para pagar dividasinhas, sem iniciativa, sem amor ao progresso, inimigos da liberdade porque possuiam a guarda-negra. Oito dias depois de feita a Republica, o Sr. Patriota, num gesto de desalento, exclamou :

— Esta não era a Republica que eu sonhava !

E começou a comparar as instituições, para achar peor a nova.

Se a Republica não tivesse sido feita, seria preciso invental-a para que o Sr. Patriota tivesse uma base de comparação. No tempo de Floriano, já o Imperador era um homem extraordinario e Floriano um infame tyranno. Hoje Floriano foi um grande homem e nós precisavamos de um Floriano para moralisar a Republica. Todas as revoltas internas devemol-as ao admiravel Patriota, movido pelos mais puros ideaes, e a sua superioridade está em condemnar os de agora com os de hontem contra os quaes já se revoltára. A sua ultima revolta foi contra a vaccina obrigatoria. O grande homem, em nome da Patria — nome sempre sagrado — pretendeu depôr um presidente apenas porque esse presidente tinha o desaforo de embellezar e sanear a capital. E esse admiravel gesto lhe trouxe o amargor de não ser comprehendido.

— Este paiz está inteiramente perdido.



— Porque, Sr. Patriota?

— Já nem o povo vibra senão na pandega.

— Com effeito.

— Olhe, quer saber?...

— Com prazer.

— Os exemplos de cima corromperam até aos ossos o povo. A época, meu filho, é apenas de cavação. Adeus Patria!...

E contra os que trabalham, os que se esforçam os que lutam e pretendem vencer, contra os progressos evidentes do paiz, o sr. Patriota, á porta de um botequim, clama possesso. São umas bestas, são uns deshonestos, são uns patifes. Da vida actual apanhou duas palavras adulteradas pelo calão da terra : cavação e fita. Ha uma grande prova de progresso ?

— Oh ! Oh ! o que elles comeram ! Que « cavação » !

Ha um grande acto em que é impossivel ver dinheiro ?

— Não vês ? é uma « fita » de primeira ordem...

Quando vejo o sr. Patriota — eu, como toda gente — tenho um arrepio de pavor. O sr. Patriota com o fato sujo, as botas por engraxar e os olhos duplicando a lanterna de Diogenes, causa-me medo. Se não me vê, fujo. Mas se desconfio que deu commigo, approximo, faço-lhe zumbaias, encho-o de lisonjas, tentando evitar que o sr. Patriota tambem me estraçalhe moralmente. E é com timidez, quasi humilde, que concordo, sou da sua opinião.



Hontem, dei de cara com o sr. Patriota. Abri os braços.

— Oh ! meu caro amigo...

— Como vae você?...

— Mais ou menos.

— Tenho-o visto pelos jornaes.

— Ora eu... E o meu amigo?

— Como vê — mal. Neste paiz só estão por cima os ladravazes. E' uma indecencia, um fim de raça. Nunca vi assim, nunca imaginei. Os homens dignos no ostracismo. Os « fitas » e os « comedores » na primeira fila. Já não temos homens. Temos alarves por traz de cinematographos.

— V. exc. sr. patriota, sempre com a sua veia...

— Com o meu patriotismo, diga antes. Sou republicano historico. Posso dizer da Republica que infelizmente ajudei-a a fazer na jornada de 15 de novembro.

— Infelizmente nada difficil.

— Como nada difficil?

— Por que não houve resistencia.

— Sim, realmente. E' que os patifes sabiam serem os unicos a aproveitar. Quaes são os republicanos verdadeiros que tem governado? Tambem, meu amigo, isto estar a liquidar.

— Isto o que?

— O Brasil.

— V. exc. acha?

— Claro. Somos a risota do estrangeiro e viramos centro dos cavadores sem escrupulos. Ah ! per-



demos o sentimento sagrado da Patria !... O paiz está nas mãos de mercenarios, de vis ganhadores, e o futuro se apresenta negro de problemas insolúveis.

— Mas com as estradas de ferro, o augmento das rendas, a affluencia de capitaes estrangeiros, tantos emprehndimentos, a paz sul-americana garantida?

— Fitas, meu amigo, fitas...

— Mas a opinião?

— A opinião dos jornaes pagos.

— Até o « Diario Official »?

— São coisas que não saem do papel, de decretos, de palhaçada para enganar os tolos.

— Ah !

— Quando não é apenas o esbanjamento dos dinheiros publicos, a crise megalomanica dos estadistas de occasião espalhando o suor do povo amoadado.

— Na verdade.

— Não é possivel que a nossa Patria estremecida caminhe muito tempo á beira desse precipicio criado pela inepecia filauciosa e a arrogancia dos historicos de ultima hora... E' a baixeza, a liquefação dos caracteres — aqui, nos estados sob o dominio ganancioso e amordaçado das olygarchias, em todo esse Brasil, do Amazonas ao Prata...

— Do Rio Grande ao Pará.

— O sr. brinca?

— Oh ! nunca ! Continuei apenas uma frase poetica.



O sr. Patriota ficou serio e gravemente :

— Mesmo porque recebo com o desprezo os que não sabem amar o seu paiz. Fique certo, entretanto de uma coisa.

— Qual?

— E' que eu, que ainda nunca tive empregos nem gordas propinas, sei, apêsar de tudo, amar a minha patria e que estou sempre na estacada para defendel-a.

Era á porta de um botequim. Na rua cheia passava gente nervosa e apressada a trabalhar; onde os olhos poisavam viam movimento, vida, labor, agitação de homens movendo-se para a conquista do conforto. Eram, no dizer do Patriota os inimigosda patria. Elle, parado á porta de um botequim, estava convencido de ser o mais util cavalheiro, o unico util neste paiz perdido. E eu senti que estava ainda mais furioso porque, apesar dos seus accesos de insultos, sentia-se cada vez mais seduzido na onda de vida nova que tudo avassalava.

Então, alliviado, estendi-lhe a mão :

— Póde contar commigo a seu lado.

O sr. Patriota olhou-me, e num impeto :

— Serio?

— Lealmente.

— Pois então ajuda-me. Vê se me arranjas um emprego modesto em que não se trabalhe muito. Ha varios : Ha verdadeiros escandalos! E' uma vergonheira. E só nomeiam imbecis e patifes. Que diabo! Eu sou republicano historico, eu sou brasi-



leiro, eu amo a minha patria. Uma pensão da verba secreta da policia, hein? Os governos precisam ser justos. Quando posso saber da resposta?

E com as duas mãos apertando a minha :

— Mostre que neste paiz ainda ha homens! Serei dedicadissimo...

Estou ainda commovido com o encontro. E com medo redobrado. O sr. Patriota é caipora. Não arranjo o emprego que tão patrioticamente desejo, o governo continu'a ser uma miseria, mas eu? eu se não o arranjar, serei para sempre o maior dos imbecis velhacos que infelicitam a desgraçada patria do sr. Patriota. E afinal é desagradavel ser isso, quando seria tão facil ser o contrario.

---







Um grande Estadista







## UM GRANDE ESTADISTA

Na nevrose dos ultimos momentos de governo, o Palacio Presidencial tem uma extraordinaria agitação de gente que quer ser recebida, de gente que fala baixo e fala alto — mil pretensões, mil enganos, mil illusões. Com um tacto muito delicado, ha quasi meio mez o presidente que se vae não habita o Palacio. Com uma distincção que o eleva, ha quinze dias não resolve graves problemas mas apenas os communica ao que virá... E' noite. Os funcionarios tem um ar de fadiga, impossivel de esconder após quatorze horas de trabalho consecutivo sob a luz fixa das lampadas electricas. Muita gente ainda. Ha no salão de espera, ha nos corredores, ha na secretaria, ha nas salas contiguas á sala dos despachos, ha mesmo nesse vasto quadrilatero onde se resolvem os destinos da Nação.

Mas o presidente entra. Acompanha-o o chefe da casa militar. Entra a sorrir, com uma palavra amavel para cada um. Não está cansado. Nunca esteve



cançado. E' a mesma impressão de saude e de juventude. Deixa o Governo como se para elle entrasse. Senta-se. Ha na mesa rumas de papeis a assignar. O trabalho é rapido, emquanto continua a conversar e a attender os que chegam. Foi assim no primeiro dia de Cattete. E' assim nos ultimos.

« Placez une energie exaltée devant un champ d'activité immense : elle brûlera d'entreprendre. L'initiative est un des traits constitutifs du caractère américain ».

Temos deante de nós o Presidente americano, o Presidente-administrador, o joven estadista, o despertador das energias do paiz. Cada vez que foi elevado as poder revela esse impeto de emprehendimento e iniciativa. Como supremo magistrado da Nação fez um dos mais intensos periodos de progresso da vida nacional. Ao deixar o poder, ha em torno delle uma plethora de esperanza e de seiva. Nem um desanimo. Vê-se que deante daquella energia exaltada não se fechará o campo immenso da actividade. Elle tem a intelligencia, a segurança, o entusiasmo e a experiencia immediata da vida « capaz de resolver os problemas que mais desconcertam a intelligencia pura. » Elle vê num relance e por inteiro o que os outros nunca veem de todo em varios dias. E a sua fisionomia, transpirando a satisfação de ter cumprido o seu dever, incute a confiança, uma confiança que se deposita nelle para o vago bem commum, insopitavel e immediata, antes que o cerebro reflecta.



Esse governo que assim termina com tal elegancia moral e crescerá na memoria do paiz á proporção que fôr passando o tempo surgiu de um facto imprevisto.

Foi um acaso a repentina elevação á presidencia da Republica do vice-presidente.

Muitos mostraram admiração pelo modo por que o seu governo no dia immediato agia com a certeza e segurança de quem se preparára para a chefia do paiz.

Era apenas um homem culto e joven, um temperamento de estadista e de verdadeiro patriota conhecedor das necessidades da Nação. Os que o acompanham desde o primeiro momento, quando a noticia da morte de Affonso Penna foi sabida no Senado, tiveram a justa medida do seu valor e da comprehensão que esse homem tinha do poder: não a empafia louca dos conselheiros, não a vaidade da gloriola social, mas o sentimento integral da immensa responsabilidade que lhe caia sobre os hombros alliada á esperanza de cumprir o seu dever. Era o governo de um paiz novo cuidando do seu progresso moral, mental e pratico. Deixava de ter os odios communs para ser o primeiro magistrado da Nação. A sua primeira vontade foi para manter a constituição no ponto relativo á separação da Igreja e do Estado, ponto que os presidentes conselheiros, indo á missa ao domingo e permittindo a invasão dos frades estrangeiros, a pouco e pouco pareciam esquecer. O seu primeiro movimento politico foi de congraçamento.



Nunca tivemos uma época politica mais agitada e mais perigosa. A primeira reunião do ministerio foi um acto de coragem em pleno palacio invadido pelos politicos e os interessados de toda especie e de ambos os partidos. Acto de coragem calma e tranquilla. A sua situação na politica não podia ser outra. A principio procurou esquivar-se ás lutas partidarias, neutro. A politica exigia que elle tomasse um partido ou que escolhesse outro candidato. Foram mesmo offerecer-lhe a presidencia para o novo quatrienio. S. Ex. respondeu :

— Não me afasto uma linha do meu dever.

E não se afastou. Ataques, violencias, insultos, discursos opposicionistas não o demoveram. A multidão — a mesma que em delirio seguia Ruy Barbosa para applaudir Hermes da Fonseca á sua chegada da Europa — gritou de baixo das janellas de palacio. Elle que não se tinha envolvido na escolha de candidatos, deixou que o pleito se realisasse entre os dois candidatos. Mas não se lhe notára jamais uma violencia contra o povo, contra a liberdade nesse governo de vigor, de energia e de brilho. Os jornaes de opposição disseram-lhe horrores. Continuaram a dizer com inteira liberdade. Os deputados na Camara procuravam todos os meios de ataque. Poderam continuar. A agitação das ruas foi durante mezes formidável. Os politiqueros de vinganças, com exemplos no bolso desde Floriano ao Sr. Rodrigues Alves, iam propôr-lhe o estado de sitio. Não houve uma só violencia da



politica, apesar da agitação, contra a agitação, o espirito do estadista irradiou em todos os departamentos da administração.

Elle foi o administrador. A sua obra no Estado do Rio era de resto annunciadora do que poderia fazer com o Brasil inteiro. Em seis mezes de administração, o Sr. Nilo salvára o Estado de uma formidável crise financeira. Na sua segunda mensagem ao Congresso, S. Ex. dizia : — « Depois de onze annos de « deficits » successivos pôde a administração declarar que encerrou o balanço do anno findo com um saldo approximado de mil e quinhentos contos de réis. Todas as verbas de receita do orçamento tiveram augmento ». E isso era conseguido incentivando a producção particular, protegendo a industria, accordando as forças vivas do Estado.

Foi o Sr. Nilo Peçanha, depois das reformas realisadas com uma coragem de ferro, tendo modificado inteiramente o organismo politico do estado e dando conta desse prodigio de cirurgia economica, o primeiro politico brasileiro capaz de dizer esta frase que resume na sua ironia o mais nobre dos programas politicos :

— « De politica, como se entende geralmente, nada vos disse porque della não cogitei e a ella não servi ».

Serviu ao seu Estado, porém. E veio servir depois ao Brasil. A sua acção fecundissima, — o brilho enthusiastico junto á ponderação, o impeto juvenil querendo fazer e fazendo em mezes o que outros não



tinham conseguido em quadriennios successivos — são o desdobramento das idéas do presidente do Estado do Rio ha seis annos, são a crystalisação das idéas do deputado a constituinte, condensam o mesmo sopro de generosidade e de esforço pelo bem publico.

A sua unica mensagem ao Congresso diz :

« O quadriennio que está para findar realisa em relação á viação ferrea as aspirações que surgiram na juventude da nossa nacionalidade e que, honrando a visão clara dos antepassados, testemunha os espirito de fidelidade e de perseverança que tem presidido á formação do progresso do paiz ».

A extensão total da viação ferrea da Republica já inaugurada era de 1.227.135 kilometros. S. Ex. inaugurou até os ultimos dias mais de 900.000 kilometros. O seu desejo de trazer os estados do interior ao mar, elle os realisou com as vias-ferreas que veem até ao porto. E ligou o Sul da Republica, ligou o Rio a Montevideo pelo caminho de ferro e a cada estado deu essa força de progresso que é a locomotiva.

A sua unica mensagem diz : « Praticando uma politica de rigorosa restricção das despesas publicas, poudo o Governo nos mezes ultimamente decorridos, iniciar as remessas para a Europa de fundos que attingiram a importancia superior a 9.000.000 esterlinos ».

E fez o resgate do emprestimo de 1879 e fez o pagamento antecipado da nossa divida externa e fez o



pagamento da nova esquadra e do novo material do Exercito e realisou a conversão dos juros de 5 por cento para 4 por cento.

Só essa obra seria a de um quatriennio que se imporia á gratidão publica. Quando a Caixa de Conversão, abarrotada de ouro, chegava ao limite maximo, prevendo uma situação financeira irregular, o Sr. presidente em mensagen ao congresso pediu urgencia para se votar a nova taxa.

O Congresso fazia politiquinhas e sacrificou o paiz á teimosia de uma obstrucção lamentavel. Nem por isso o trabalho do presidente ficou diminuido. E esse labor é de resto immenso e multiplo :

— A obra financeira, chamando as correntes do capital estrangeiro.

— A politica dos caminhos de ferro como a base da sua acção no paiz pela penetração, a reducção de fretes e as linhas trazidas até aos portos de mar, ligando o Brasil á civilisação.

— A conquista da terra com a resolução do problema da secca nos estados do Norte e o saneamento da baixada, do Estado do Rio, obras já iniciadas.

— A obra urbana com a illuminação electrica, o remodelamento dos suburbios e dos seus meios de transporte; o desenvolvimento dos bairros pelas reduções do preço das passagens e das cargas, a reconstituição do mais bello parque do mundo.

— A obra dos estados.

— A execução do ministerio da Agricultura,



Industria e Commercio, que foi o grande incentivo e é o despertar agricola e industrial do paiz, a absorpção do estrangeiro na sua actividade, o verdadeiro patriotismo.

Nesse anno febril de affirmação o Sr. Nilo Peçanha não desejava só ser o administrador incomparavel, mas tambem mostrar a sua comprehensão da attitudo internacional do Brasil e comprehensão das relações entre o governo federal e os estados.

Nas relações com os estados, nenhum presidente mostrou uma tal energia em assegurar a união dos estados pelo respeito aos principios cardeaes da Constituição e ás leis da Republica. A reposição em Sergipe, a reposição no Amazonas são actos que marcam um homem e a sua attitudo transformado em guarda do Sr. Backer no seu proprio Estado só mais augmenta o brilho do estadista que sabe pôr a Constituição acima de interesses pessoaes.

Os actos mostram mais que os discursos. As insolencias dos discursos de opposição levou-as o vento. Tudo quanto se lhe pode attribuir morre deante dos factos inilludiveis : — o Sr. Doria está em Sergipe; o Sr. Bittencourt está em Manáos; e o Sr. Backer continua a infelicitar o Estado do Rio.

E, se assim nas relações internas o Sr. Nilo Peçanha deixa um sulco de respeito indelevel, na politica interamericana teve a sorte de apagar com a visita de Sanz Pena um longo periodo de pretenciosos resentimentos de parte a parte, entre o Brasil e a Argentina, periodo em que certas individuali-



dades ligaram a vaidade pessoal aos destinos das respectivas patrias, confundindo lamentavelmente as duas coisas.

Mas a característica desse governo já denominado : o Governo das iniciativas, a característica desses mezes de febre de progresso e de nobres idéas é que foi pela primeira vez — Oh ! sim ! como uma porção de casos mais ! — um Governo democrata, um governo em que o presidente presidia pelo povo.

Os seus principios democratas longe de se pedestalisarem com o alto posto, como sóe acontecer com os homens guindados apenas pela sorte, tornaram-se a sua unica satisfação propria. Elle só tinha uma preocupação : o povo. Os seus actos, o seu formidavel trabalho, aquella actividade febril que fará o novopresidente ter no seu quatriennio quatro a cinco inaugurações por mez, eram o desejo de servir ao paiz e por consequencia de agradar ao povo. O fallecido Penna teve uma frase pretenciosa : « quem manda sou eu ». O Sr. Rodrigues Alves cujo governo foi o de um admiravel prefeito, disse num momento critico : « o meu logar é aqui ». A frase do estadista Sr. Nilo Peçanha é sempre uma pergunta :

— « E o povo? »

Assim, o Sr. Nilo Peçanha fez da presidencia da Republica um verdadeiro posto de sacrificio e um lugar de ensinamento da lei, do direito, da justiça e do desinteressado amor á patria. Como na Suissa, nos Estados Unidos, o presidente deixou de ser um



bicho raramente visível para ser o cidadão que recebe e attende todo mundo. O Sr. Nilo Peçanha vinha para a sala de despachos ás 9 horas da manhã e attendia aos politicos, aos ministros como a simples particulares até ás 6 horas da tarde. A's vezes ainda descia após o jantar e só das o em diante recolhia aos seus aposentos para estudar as questões graves. No dia seguinte ás 6 da manhã viam-no a galopar no parque, já tendo feito os exercicios de hygiene que lhe davam aquelle inquebravel vigor, e de novo ás 9, com o seu sorriso e a sua frase ponderada e bondosa, lá estava na sala de despacho.

Um intimo do Cattete diza certa vez :

— Nunca vi aqui tanta linha, posso mesmo dizer que nunca o Cattete me pareceu assim o palacio da Presidencia; mas tambem posso affirmar que nunca elle foi tanto do povo. Entra quem quer; fala quem quer com o presidente. Se desejassem attentar contra a sua vida era facilimo.

E com effeito. Contam dessa liberdade varias anedotas. De uma feita, á tarde, o presidente foi tomar um pouco de ar ao parque e sem surpresa viu dois estrangeiros que tranquillamente photographavam aspectos da linda paysagem. Os estrangeiros nem lhe prestaram attenção. Continuaram. Afinal, um armado de um guia começou a discutir com o outro e vendo aquelle grave senhor de chapéu de Chile, escarpins acompanhado de um cachorro, foram a elle.



— Não é aqui o Jardim Botânico? indagaram em inglez.

— Não, senhor.

— Mas tem a aléa das palmeiras! interrompeu o outro.

— Ah! sim, fez o presidente sorrindo, tem, mas o do Jardim Botânico é muito maior. Não deixem de ir vêr.

— Então, isto aqui?

— E' o parque reservado do Palacio da Presidencia.

— Como?

O do guia folheava nervosamente o pequeno volume, e de repente vendo um retrato e encarando o presidente :

— Mas, perdão, é V. Ex. o proprio presidente!

— E' o proprio presidente! exclamou o outro confuso.

O Sr. Nilo Peçanha sorria bondosamente.

— E tenho muito gosto que continuem a ver o parque.

O inglez que se desfazia em cumprimentos não se conteve porém.

— Então, no Brasil é assim?

Doutra feita, uma senhora a cujo marido ia um ministro fazer uma injustiça resolveu em dia de despacho falar ao presidente. Foi com a filha, ambas em cabello. Era difficil naquelle dia aproximar-se alguém. A pobre senhora esperou no corredor, junto á porta, de uma ás seis. Os continuos



diziam ser impossível. Num impeto, afinal, ella poz a mão na porta e entrou. O presidente lia, cercado de papeis. Levantou-se immediatamente e com a maior cordura :

— Que deseja, minha senhora?

Nunca essa senhora imaginára ser recebida assim. A commoção fazia-a tremer. O presidente ouvia-a. Quando ella acabou, disse :

— Póde ir tranquilla, minha senhora. E para o official de gabinete : Mande chamar o ministro. Iamos commetter um acto menos justo.

Contam que no Estado do Rio a sua chegada annunciada a qualquer cidade era motivo de jubilo popular.

— O Nilo vem !

Como presidente da Republica, onde foi, a população logo o envolveu em amor e logo, incansavelmente, elle attendeu, dispondo do poder para o bem, a mil coisas. Foi assim na Tijuca, querendo e fazendo, foi assim em Petropolis. A somma de melhoramentos impostos pela sua vontade estão ahi. Petropolis já se transformou num arrabalde do Rio. A Tijuca teve as passagens reduzidas, as estradas cuidadas, os pequenos proprietarios ruraes com meios de transporte barato e rapido para as suas mercadorias.

Póde-se dizer, apenas escudado nos factos, que com esse labor formidavel o Sr. Nilo Peçanha cuidava tambem da vida social. As suas recepções ficaram como exemplos de finura, de elegancia e



de entrelaçamento das classes representativas do paiz. Elle conseguiu juntar a essas festas o proprio elemento mundano, arredado de festas officiaes desde a monarchia. E pela primeira vez, num paiz democratico, o povo teve espectaculos gratuitos em todas as casas de espectaculo, o povo teve festas para seu prazer.

Mesmo sem ter nos olhos o daltonismo da sympathy, esse estadista mostra uma figura de tão largo destaque e de uma projecção moral tão intensa que se não lhe póde ser indifferente. O Brasil tem uma estrella occasional. O Sr. Nilo Peçanha culto, fino, patriota, tem tambem essa estrella. Mas não basta ter estrella. E' preciso ajudal-a. E esse homem, elevado com uma rapidez pasmosa á mais alta posição do paiz por um curto prazo de tempo, conseguiu imprimir a sua individualidade á direcção, desfez a rotina e teve no Brasil novo, no Brasil de depois da Aveinda Central, um governo realmente extraordinario.

Póde-se dizer que, investido do alto cargo, do cargo dado aos generaes e a dois conselheiros antes d'elle, — o professor de diplomacia, o ardente deputado e o presidente excepcional do Estado do Rio condensou todas as energias para a obra colossal e não descansou mais um minuto.

Realmente, não descansou. O publico viu-o trabalhar. Era de manhã á noite e era em cada departamento da administração esse mesmo trabalho suggerido pela sua vontade. Não houve periodo de



politica mais agitado, desde 1893 na Republica. E na ameaça das revoltas, na continuidade das arruaças, na agitação primeira dos partidos em crises epilepticas previsoras do adhesismo lastimavel, como politico firmou com um vigor inquebravel mesmo á solicitação de amigos os principios do respeito á Constituição, curvando-se a ella até contra os justos interesses proprios, e os superiores e altos sentimentos da tolerancia e da liberdade, consentindo sem o sitio nos maiores excessos de uma opposição que o atacava por elle não ter intervindo na eleição presidencial apenas, emquanto na Argentina Alcorta eternisava o sitio e em varias republicas sul-americanas os chefes das nações á menor insegurança empregavam a suppressão de garantias.

E — phenomeno que todos sentirão eloquentissimo á proporção que o tempo fôr passando — nesse periodo de arruaça, de rolo, de animos exaltados, com uma coragem enorme, porque não ha coragem maior do que defender a liberdade do inimigo, pondo acima das divergencias occasionaes da politica a sua patria, sustentando, com sacrificio da propria pessoa, a tranquillidade e a segurança do paiz, intervindo nos estados com uma rectidão e uma consciencia que nenhum presidente republicano teve antes (porque todos teem no seu activo varios governadores engulidos), esse presidente do periodo mais agitado da Republica, fez desse periodo o inicio da vida intensa, o fim da rotina, a transformação dos velhos moldes admi-



nistrativos, foi o creador de um Brasil que se reconhecia, foi o Administrador.

E o Administrador possuidor do mysterioso talisman da vontade, ao aceno do qual todas as coisas obedeciam e todas as energias acordavam. Só uma das suas obras valeria um quatriennio. Numa duzia e meia de mezes não descansou porém um dia.

O segredo da sua politica unionista e forte, da sua politica muito diversa da politiquice comezaina dos partidinhos, era a consolidação interna do paiz, o seu fortalecimento pelo despertar das suas vivas energias naturaes, ligando-o á civilisação inteiramente pelas estradas de ferro, querendo-o rico pela sua agricultura, auxiliando efficazmente a sua industria e projectando-o assim como o grande paiz de amanhã á barra das nações, sem rivalidades e sem pretensões. E fez. Fez estradas de ferro. Dominou a terra. Poz em execução o ministerio que é o sonho dos paizes novos e que o nosso, dito essencialmente agricola não tinha, praticando agricultura em familia. Consolidou o nosso credito. Chamou a attenção de todos os paizes para o nosso, com as rendas crescendo, a população a augmentar vertiginosamente, um sopro ardente de entusiasmo americano sacudindo a vida nacional, e assim collocou o seu paiz sob o prisma da sympathia, principalmente das republicas sul-americanas — obra sua, exclusivamente sua porque era a applicação de idéas suas em discursos alguns dos quaes proferidos ha mais



de doze annos, obra coroada no seu governo pela visita de Saenz Pena.

Mas, o Sr. Nilo Peçanha, ia entregar o poder ao seu successor constitucional. Mais tres dias apenas. Então, vendo-o assim, alguém perguntou-lhe :

— E que pensa V. Ex. do futuro?

— Não tenhamos as idéas antigas de ver sempre o paiz á beira do abysmo e de ser contra, sempre contra todas as coisas boas ou más. O Brasil não pára mais no caminho novo. E' o grande paiz do futuro. Deixo o poder com uma grande esperança e uma grande fé na civilisação proximamente dominadora deste immenso pedaço de terra, possuidor de todas as riquezas e destinado aos maiores triumphos.

Estava joven, estava como se todo o seu trabalho não o tivesse cançado. Seria impossivel pensar que esse homem forte, depois de uma immensa e forte obra, o presidente democrata e o grande presidente ia apear-se da vida publica. Todos o olhavam nesse ultimo suspiro de governo, que elle fez agitado, febril, apothetico como um começo de quatriennio. E ninguem duvidava do futuro, daquelle futuro em que elle sorridentemente confia com o seu labor, o seu espirito e o seu consciente patriotismo. Não se mostrava uma melancholia. Em cada labio havia o sorriso da esperança certa. E elle proprio, tal a sua juventude, vibrando no calmo gesto do estadista, era a insopitavel e confiante esperança da patria nova.

---



# O Fim de um Symbolo







## O FIM DE UM SYMBOLO

No ultimo *garden-party* de uma associação de caridade, eu percorria com a directora da festa, dama de excessivas virtudes philantropicas, os diversos divertimentos, quando, em afastado recanto, uma barraquinha afestoadada de metim vermelho chamou a nossa attenção.

— E' o Guignol, um authentico mandado vir de Paris. Mais não imagina, meu caro amigo, como tudo custa nesta horrivel cidade. Não havia ninguem para mover as *marionnettes*. E' crível?

Levantei as mãos para o céu, com o gesto de quem achava a falta clamorante e inacreditavel. A senhora directora animou-se :

— E' o que lhe digo. Só a muito custo é que conseguimos um velho typographo, que fala varias linguas, julga ser um prodigio de graça e começou por não trabalhar com os bonecos vindos de Paris. E' o jacobino das *marionnettes*. Chama-se Baptista. Dizem que foi o creador do *João Minhoca*.

— Que diz, minha senhora? O João Minhoca



por traz d'aquelles pannos vermelhos e nós aqui sem ir admirar o alegre agitador da nossa meninice?

V. Ex. ha de permittir mas eu entro.

— Ha lá dentro creanças e bonecos.

— As duas unicas creações de Deus que se póde amar sem receio.

Depois desta phrase evidentemente amarga, mergulhei no metim. Era um canto do parque com grandes arvores verdes e bancos pintados. Ao fundo o theatrinho, na platéa um sonóro bando de creanças, meninas loiras com grandes chapéus e mitaines alvas, petizes enfardelados em roupas á marinheira, amas solemnes de touca. Um riso jovial alegrava o ar.

— Que estão a representar? perguntei a uma pequenita que trepara no banco para melhor ver.

— E' o pretinho, respondeu ella, é o *Minhoca*...

— Mlle, corrigiu ao lado a *nounou*, Mlle, diga direito. Estão a representar o *Guarany*.

Mas não era preciso a informação. Por traz de uma arvore, vestido de indio, eu via a cara malandra e preta de *João Minhoca*, que espiava e fugia para tornar a espiar. E não sei porque, no riso das creanças, tão claro riso que mais parecia o trinado dos passaros, comecei a rir como não ria ha dez annos. Estava em scena um boneco branco. O boneco era o *Aventureiro*, e cantava a celebre canção com um burlesco tal, uma ironia tão disparatada, tão infantil que a pequenada toda gargalhava da obra do veneravel Alencar e do veneravel Carlos Gomes.



A canção era simplesmente inacreditavel. Uma só voz roufenha, uma voz de ventriloquo grasnava casquinava as palavras com um fogo impetuoso.

*Oh! que graça!  
Fazer nada,  
Estar na cama  
Descançar!*

A pequenada desfechava em palmas e o fantoche, duro, impassivel, malandro, parecia ser o proprio a dizer todas as barbaridades do disparate

*De pastinhas, embonecado  
Pela rua de Sabão  
Principiando nosso azeite  
Bebendo vinho « bão »*

E continuaria na impetuosidade da musica se de repente *João Minhoca*, de um pulo, não lhe caisse em cima : — Hespanhol de uma figa vaes ver o china-secco ! Cecy não é para o teu beijo !

Havia rolo, havia apitos, havia gritos, as creanças enchiam o ar dos timbres argentinos do seu riso. Em *João Minhoca* sorriam apenas esboçados, todos os instinctos dos espectadores, e eu tive vontade de ir ao bastidor ver de perto esse symbolo irreverente.

*João Minhoca* foi absolutamente nacional nesta cidade de colonias e imitações. A arte de animar bonecos existiu sempre desde os mais remotos tem-



pos. O homem devia ter reproduzido as proprias fórmãs e os proprios gestos para ousar depois imaginar a dos deuses. Já nos hypogeus do Egypto appareciam uns fantoches acompanhando a morte e, no vale do Nilo, sob a dynastia dos Tutmés os mecanicos que moviam os bonecos chamavam-se solemnemente nevrospathas. Em Athenas nos theatros de Bacchus a arte subtil de fazer viver as angustias da vida por pequenos actores de madeira de tal modo agradava que até disso se fez um monopolio usufruido por Pothinos. Em Roma o *segil-lionus* e o *imaguneula* intrepertavam nos bairros escuros scenas livres capazes de atordoar Plauto, e desde a idade média, em que o fantoche desce dos altares para representar os mysterios, cada povo, cada paiz tem o seu boneco, symbolo dos seus costumes. Todas as provincias da Italia arvoram esse fantoche com um nome diverso nas feiras dos *puppi* e dos *bonifrates*. *Punch* ridicularisa os inglezes depois de ser um dos *puppets* que representavam para a rainha Elisabeth as tragedias de Shakspeare, e a Allemanha mostra ás creanças o *Hanswurt* como a India o *Ranguin*, a França *Poli-chinelle* e a Turquia *Karagueuz*, o depravado pae do theatro islamico. Nós tivemos *João Minhoca* que foi a nossa vida no que ella tinha de pessoal — com as suas rasteiras, os negrinhos malandros, o calão, a ironia despreoccupada, e, quando já nos habituavamos a perdê-lo tambem como temos perdido todas as tradicções poeticamente inuteis, eu ia encon-



trar a face experta do mariola, fazendo rir as creanças de hoje como fizera rir as de hontem !

Uma grande commoção prendia-me ao banco entre a alacre e christalina jocundidade das creanças, mas, de subito, duas bombas estoiraram enchendo o palco minuscuro de fumo e quando o fumo se dissipou, ao clarão vermelho dos fogos de bengala eu vi *João Minhoca* de joelhos conduzindo Maricota para o infinito, entre as palmas verdes da palmeira. Tinha terminado o *Guarany* e o demonio preto de novo se perdia.

Fiquei na platéa deserta agora. Começava a chover. Vagarosamente o panno do theatro subiu e nessa quasi escuridão appareceu a cara bonancheirona de um velho de oculos.

— E' o senhor o inventor do *João Minhoca*?

— Sim meu senhor, sim sou eu, ou antes fui. Olhe que se molha. A festa acaba com chuva. Antes assim. Não me aborreço mais. E' a ultima vez que trabalho. Entre.

Accedi ao convite. Convidava-me um artista que na sua ascendencia tinha os nomes de Basoche e Pagotin, e nessa caixa de theatro eu iria de certo encontrær menos vaidade e menos pintura que nos theatros considerados serios. Havia uma quasi penumbra no pequeno espaço. Uma arca aberta deixava ver uma infinidade multicolor de fatos de bonecos. Numa prateleira, arrumados e graves, o Aventureiro, D. Diogo, Maricota e João Minhoca olhavam sem ver a treva que crescia.



— São estes os bonecos?

— Tenho doze : João Minhoca, Maricota, um galã, um velho, uma velha, a donzella, a sogra, sata naz e a caveira.

— A caveira?

— Como é possível a vida sem a morte? Todos elles foram feitos em 1880 por um entalhador habil. As cabelleiras fazia-as o Baptista a cinco mil réis. as roupas uma costureira dos theatros. São os restos do Theatro de João Minhoca, bahiano da freguezia de Santo Antonio, além do Carmo. Vou dar tudo isso.

Sorriu com melancolia, atirou dentro da area o Satanaz.

— Já não se póde representar!

Eu me sentei no unico banco vago.

— Escreveu o seu repertorio, sr. Baptista?

— O meu repertorio? Tolices, invenções para fazer rir as creanças, troças ás peças em moda... para que? Tenho umas vinte peças : *Os Milhões do Diabo*, *O Guarany*, *As proezas do João Minhoca*, *Aida*, *A defunta viva*, *Drama no alto mar*, *Os Huguenottes*, *O marquez de Pombal*, *Os Piratas*, *Barbeiro de Sevilha*, *A Romã Encantada*, *D. Joanita de Molho Pardo*, *Boccacio*, *A Cabana de Belém*, *Os Moedeiros Falsos*. Talvez hoje não possa reproduzir as pilherias do outro tempo. Fazia magicas, comedias, operas, representava revistas — só Dizem que ha volumes de Theatro para creança. Nunca os li. *O João Minhoca* nasceu de um accaso. O Recreio cha-



mava-se, em 1880, *Brasilian-Garden*. Para o *Brasilian-Garden* chegára uma companhia de fantoches do senhor Lupi. Lupi tinha bonecos, mas não tinha vózes. Podia haver nesse tempo a senhora Pepa prompta a vestir todos os papeis de uma revista inteira mas o Fregoli era desconhecido. Um amigo do empresario inculcou-me : — Ha na typographia do *Jornal* um rapaz chamado Baptista que imita todas as vozes, assobios e sons de instrumentos. Aproveita-o. — Lupi mandou chamar-me, offerecendo dois mil réis por noite. — Nessa não caio, disse eu, ganho cinco no *Jornal*. Olhe, experimentemos uma noite. Se agradar paga-me o mesmo que o *Jornal*. Como eu ia nervoso e que successo ! O Theatro ficava repleto todas as noites e eu, ganhando apenas cinco mil réis, sentia na garganta a sensação de estar sendo explorado.

— Das sensações más é sempre a peor.

— Quando Lupi partiu levando os fantoches e a bolsa cheia, eu comecei a pensar. Fazer um theatro com bonequinhos brasileiros, arranjar uns typos bons. Mas quem seria capaz de adiantar capitaes para uma grande companhia de fantoches? Reduzi as proporções do desejo, reduzi-as a uma duzia de bonecos de dois palmos. Quem moveria os bonecos? Eu. Quem escreveria as peças? Eu. Quem fallaria? Eu. Um mez depois eu inventava João Minhoca, bahiano da freguezia de Santo Antonio...

Não se pergunta ao genio como chegou a conceber o prodigio. Deante do genio, que modesta-



mente falava, não lhe perguntei a concepção de João Minhoca. Disse-lhe apenas umas palavras simples.

— Eu aprecio muito os seus bonecos.

— Toda a gente os apreciou! fez o velho. Eu entrei na Guarda-Velha. O Machado, dono da *braserie* em que se tomava cerveja a sete vintens o copo mais os tremoços cedeu-me gratis um canto do jardim. Eu annunciei os *Milhões do Diabo*, e ás 6 horas da tarde a Guarda-Velha apanhava uma enchente formidavel. O Machado estava contente. Eu alugara um homem para pedir nickeis aos consumidores. O publico rio a morrer, applaudiu e depositou no prato tremoços e pontas de cigarros. Isso assim não serve, resmunguei cá commigo. No outro dia a mesma coisa. Então combinei com o Machado fazer uma separação pagando-se duzentos réis a entrada. Contractara a orchestra e annunciei. *As proezas do João Minhoca* em que o negrinho dançava pela primeira vez no Rio uma dança depois famosa — o fandaguassu. Fiz nessa tarde sessenta e sete mil réis! E depois foi sempre assim. O dinheiro entrava-me pelas algibeiras. Dei para gastal-o a rodo. Jogava, era roubado pelos cobradores, e, no fim para envergonhar os outros serios, foi o *João Minhoca* o primeiro theatro que fardou os seus porteiros.

— Exemplo digno, que até hoje é mal seguido...

— O meu theatro tinha cartazes com desenhos e gente notavel o foi ver. Uma vez, que João Minhoca



cantava a *Aida* appareceram na platéa Castelmaly, Robeso, Rossi, a Durand. Rossi saiu por ultimo e quando o negrinho cantava a parodia da aria do ultimo acto da opera.

*Adeus bananas e cajús*

gritava na platéa, a rir : — *Per dio! buffone questo Joon Minhoco...* Oh ! meu senhor, que vida de gloria ! As imitações appareceram logo, o *Theatro Infantil*, o *Philomena Borges* ; mas caíram todos. Os jornaes falavam 'de mim, os emperezarios celebres descompunham-me ! Foi por essa occasião que deixei a Guarda-Velha e parti para Petropolis a dar espectaculos no salão do Hotel Bragança. O successo seguiu-me, o salão estava sempre cheio apesar de se cobrar caro porque a Camara, a Collectoria e outras repartições esfolavam-me com os impostos. Um dia vieram-me dizer : Você deve convidar S. Magestade. — O imperador? para ver os meus pobres bonecos? Está maluco? Não vou. — Nessa mesma tarde appareceu o altissimo Paiva : — Porque não vaes convidar S. Magestade? — Deus me livre ! — Vae, é a praxe. S. Magestade tem desejo de assistir ao espectaculo... Que fazer? Senti um aperto no coração não sei si de satisfação si de medo mas no outro dia fui ao palacio. Entrei pelo jardim, fui dar nos fundos do edificio e ahi encontrei uma velha de olhar bondoso. Por onde se fala com S. Magestade? — Vae por ali, meu filho... — Em



meio do caminho encontrei um mordomo. — S. Magestade? — E' por ali, disse elle. — Mas a velha que está no fundo do jardim diz que é por aqui. O mordomo abriu numa gargalhada. — A velha é S. Magestade a Imperatriz...

— Baptista, a sua historia é maravilhosa. Deve começal-a sempre como nas lendas encantadas. — Era num paiz em que a soberana chamava nos jardins os humildes de filhos...

— Eu conto a verdade. Quando o mordomo disse isto embarafustei pela primeira porta meio apateado. Dei numa sala em que todos estavam de casaca e me mediam de alto a baixo. Eu estava envergonhadissimo. Apareceu o Paiva, passou a mão pelo meu hombro e eu ouvi, emquanto todos se perfilavam, uma voz que bradava : — S. Magestade ! Na escada foi apparecendo o imperador. Eu tremia e recuava. Afinal murmurei collado á parede : — Tenho a subida honra de convidar V. Magestade a assistir ao meu espectaculo de bonesos. — Sim, sim ; terei prazer, fez o monarcha com uma vozsinha fina, passando adiante...

Desappareci e annunciei o espectaculo honrado com a augusta presença de SS. MM. e AA. II. Todo o corpo diplomatico appareceu, depois de ter lido o annuncio.

— E' a funcção desse corpo, Baptista.

Que noite ! O throno tinha sido armado em caixões cobertos de velludo, a orchestra era composta dos tres irmãos Alberti. Eu imaginava um monologo



de João Minhoca : *Viagem a volta do mundo no balão Julio Cesar*. A Imperatriz quando falei de Napoles começou a rir. O Imperador, a principio conteve-se mas depois sorriu. Que lhe dizer mais? Estaria recompensado do valor que me apregoavam apenas com a sua presença.

Anoitecera de todo, o Baptista accendera uma véla. Fóra a chuva tamborinava nas plantas.

— E depois? indaguei.

— Depois vim para o Polytheama no verão de 1883, estreando com o *Drama no alto mar* e comecei as *tournées*. Em quatro annos, fóra todas as ladroeiras de que era victima, tive de lucro cento e cincoenta contos. Comecei as viagens pela Barra do Pirahy, percorri Minas, S. Paulo, Rio de Janeiro. Em Santos, no Rink, os camarotes de seis mil réis, eram vendidos por cem, em Juiz de Fóra as cadeiras custavam dois mil réis, em Vassouras João Minhoca foi tomado por abolicionista. Os barões de Cananéa, Amparo e Massambará julgaram que o negrinho pregava o desrespeito ao branco e mandaram os escravos impedir o espectáculo. Com o dinheiro de João Minhoca montei um estabelecimento commercial e arruinei-me. Quando quiz recommençar, na Republica, os bonecos pagavam tantos impostos como os theatros serios e a invasão estrangeira, o *guignol* apparecera. Mas eu contei a minha historia! E' como um testamento. João Minhoca deu hoje o seu ultimo espectáculo. Já não tenho vóz, já não tenho graça...



Agarrou Maricota, o Aventureiro, D. Diogo, atirou-os com furia á arca. Só João Minhoca, reluzente como um deus africano, ficára, João Minhoca que resumira a vida de uma cidade, na rasteira, no namoro, na politica, no theatro, na chalaça, João Minhoca capoeira, fidalgo, inventor de balões, abolicionista! Baptista pegou-o com raiva.

— E tu tambem!

Atirou-o sobre os outros. O boneco parecia rir. Fechou a arca. Sentou-se como querendo esmagar com o proprio pezo o seu theatro e o imperecivel riso de João.

— Duas phrases eu as guardo até hoje desse periodo de gloria. A primeira escreveu-a Luiz de Castro, o urso branco, no *Jornal*: — O João Minhoca é a salsaparrilha do nosso theatro!

— Hoje seria preciso um depurativo mais forte.

— A outra disse-me o Imperador, á beira do Piabanha: — O seu theatro, Baptista, é muito interessante. Volto a vê-lo hoje.

— Esses dois homens guardavam a clara intelligencia dos hellenos, meu pobre amigo. Só os espiritos grandemente raros comprehendem a subtilidade dos symbolos populares.

Mas a minha phrase não foi ouvida. Um cavalheiro elegante, de guarda-chuva a pingar, irrompera:

— Oh! homem, ainda aqui? Precisamos fechar o jardim. Os seus bonecos custam a despir-se. Safa! Depois, dando commigo:

— Aposto que esteve a falar do imperador e a



atacar o Guignol. Esse Baptista ! Meu caro despache os seus bonecos. No Rio já não temos nem rasteiras nem moleques. Despache os bonecos e vá dormir.

Baptista sorria, endireitando os olhos. Eu saíra para a escuridão da noite. E sempre me pareceu sob a chuva, que o céu chorava, na indiferença obtusa d'aquella festa elegante, a morte irreparavel do boneco symbolo da nossa vida e da alegria das creanças de hontem...







O Homem que queria ser rico







## O HOMEM QUE QUERIA SER RICO

O homem que queria ser rico foi um dia á Fortuna.

— Fortuna, disse elle, eu tinha vontade de ter dinheiro, porque o dinheiro é até agora o melhor elemento de felicidade. Não digas que eu tenho ambição desmedida. Tenho ambição igual á de toda gente, nem mais nem menos. E talvez a causa dessa vontade seja a resultante do pavor, do terror de ver-me um dia impossibilitado de trabalhar, a morrer de fome. Os ignorantes chamam-te de cega. E's ironica, apenas. Dás aos idiotas o dinheiro. E dás aos intelligentes também. Dás ao maior numero. O mundo parece-me uma grande negociata, donde só eu não me arranjo! Fortuna, não rias! Faze-me ganhar dinheiro, faze-me!

O homem que queria ser rico estava de joelhos. A fortuna cessou de rir.

— Meu caro, o teres dinheiro é uma questão da vontade do Destino. A minha roda, como todas as rodas, mesmo as mais mecanicamente certas,



roda para onde elle quer. Póde haver bandalheira, mas é por sua vontade.

— Então eu... Fortuna, soluçou o pobre homem.

— Tu propriamente não és infeliz, senão porque queres ser rico. Tenta-o pois. A's vezes o Destino deixa se enternecer...

— Como?

— Fazendo o que os outros fazem...

O homem que queria ser rico amava o luxo e era honesto. Despresou o luxo e começou a encarar a honestidade como um escrupulo pernicioso. Tinha amigos talvez, si é possivel que neste mundo vindo de Caim e Abel haja amizades. Tinha sympathias. Resolveu ver no homem apenas um bicho a explorar. De manhã, ao acordar, andando pelas ruas durante o dia, ao almoço, ao jantar, ao dormir, a preocupação de arranjar dinheiro verrumava-lhe o cerebro. Era preciso uma grande somma, uma somma para o banco! E, curvado sobre o trabalho ou á caça d'elle, a idéa apunhalava-o : — dinheiro!

O dinheiro vinha, mas vinha pouco, á custa do seu suor. O homem juntava as pequenas notas até fazer uma grande e nesse dia delirava.

— Não a tróco nem que esteja para morrer! Na semana que vem talvez arranje outra!

E' alguma coisa : um conto! Quando tiver dez ponho-os no banco!

Mas na semana seguinte havia atrazos de pagamentos, regeitavam-lhe serviço, havia o imprevisto



e elle tinha de trocar a unica nota — porque tanto falava em contos de réis que os fornecedores não lhe deixavam a porta. Verdade é que o contratempo vinha com esperança. Um sujeito approximava-se.

— Quer você fazer um negocio?

Era sempre uma questão de influencia, de jogos de dinheiro, de deshonestidade. O homem que queria ser rico compromettia-se logo sem a menor vergonha.

— Qual! O trabalho honrado não dá fortuna a ninguem! Trabalha-se para não morrer de fome e enriquecer os outros. O negocio é tudo!

E vinham-lhe á mente historias fabulosas de cavalheiros a que a advocacia administrativa dera fortuna, ladrões do estado millionarios, propostas acceitas com gordas commissões.

— Ora, se não acceito! Acceito! Amanhã mesmo...

E mentalmente ia calculando os negocios: d'aqui um conto, d'alli tres, d'acolá vinte. Talvez uma vez podesse fazer quarenta contos. Quantos companheiros do seu tempo de menino, quasi analphabetos, estavam ricos, com automoveis, predios. Ter dinheiro, poder não fazer nada com a existencia garantida, agir conforme a fantasia propria!

Porque a amante o roubasse um pouco á idéa fixa, abandonou-a, e, muita vez, nos grupos ficava como esquecido, impotente para conter a onda tumultuosa de pensamentos, de plano, de idéas para arranjar o dinheiro — que o desvairava quasi.



Mas os negocios não se realisavam. Uns depois da proposta passavam adeante sem satisfação; outros eram tomados mais gordamente pelos de fóra. E essa gente que o lubidriava e figurava no grande baile dos panamás de toda ordem — sorria apertava-lhe a mão como si não tivesse preocupações graves.

Que differença!

No seu cerebro as circumvoluções entumeciam-se; o desespero, a vergonha, a ambição giravam-lhe em vertigem dentro do craneo. O pobre homem que queria ser rico voltava ao labor sério.

— Que se ha de fazer? Não nasci para as trapalhices. Ao menos o trabalho dá para se viver!

Então, como um furo de grampo atravessava-lhe o cerebro a idéa : e se não pudesse mais trabalhar? E teria de toda a vida fazer o mesmo, sem cansar, quando tudo cansa, quando o proprio aço quebra de cansado? Ah! era preciso ser rico, era preciso arranjar dinheiro, massos de notas a render. E elle teria, elle havia de ter, porque querer e força de vontade são as duas alavancas do mundo.

Extenuava-se de novo no trabalho. A's pessoas que apparentavam riqueza ou que tinham mostrava sempre a jactancia de igual em sorte. Os sujeitos que tiravam a grande na loteria, os roleteiros e bolsistas felizes, os meninos com dote, os empreiteiros milionarios, os typos amigos intimos das altas posições causavam-lhe ironias e desprezo.

— Tambem eu hei de ter!



E os annos iam passando. O homem que queria ser rico não notava que perdera o cabello, que já corcovava e que de facto não tinha vivido na vida normal. Não se divertira nos bailes, não dansára, não pulára, não cantára, não assobiára. Nem assobiára quando o assobio é o mais libertario transporte permittido pela educação. As mulheres, os prazeres, os carinhos da amizade não os tivera. De manhã á noite só a grande vontade de ser rico, de ter dinheiro, não muito, qualquer coisa, o bastante para ter tempo de entrar na vida. E suando, arfando, batendo a enxada no terreno safaro, os seus olhos viam sem ver, por deante d'elle passar a torrente da existencia feita de risos, de lagrymas, de furias de ambições, de desesperos, apenas sem aquelle character de excepção.

Um dia, ao sahir de casa, o homem topou uma carteira. Abriu-a. Tinha um cheque ao portador sobre um banco. Encostou-se a uma parede, allucinado. E nem um segundo passára, deante d'elle um cavalheiro correcto, dizia :

— Muito obrigado ! Felizmente o senhor achou-a.

— E' sua?

— Perdi-a ha dez minutos. Estava louco !

Obrigado.

O homem que queria ser rico vio que lhe tomavam a fortuna e sem coragem de reagir quedou-se, desilludido. Era impossivel ! Evidentemente era impossivel ! Quanta gente acha carteiras, quanta gente as rouba mesmo sem as restituir ? A elle, só



a elle que queria ser rico é que acontecia tamanho caiporismo! Teria de ser toda vida um pobretão, indo cada vez mais para a miseria, andando a pé quando sonhava automoveis, morando em bibócas quando imaginava palacios, vestindo pannos grossos quando desejava o contacto de tecidos preciosos. Foi andando tropego pela rua, enveredou por um jardim, sentou-se num banco, muito triste. Que fazer mais? Resignar-se? Não pensar mais em ser rico? A essa idéa rilhou os dentes, torceu os braços de raiva! Oh! não poder fazer o que queria, não conseguir o seu fim!

— Porque entregaste a carteira? perguntou-lhe uma voz.

Voltou-se e vio a Fortuna, que sorria amavelmente, porque o sorriso da Fortuna é como o das meretrizes, sem significação de sympathy.

— Não me fales! Não me fales! Podias ter sido ao menos leal comigo! Vê. Estou velho, magro, corcovado, extenuado, sem cabello, sem viço, sem idéas. Só penso numa coisa: em fazer dinheiro, e cada vez mais raro o dinheiro nas minhas mãos, eu sinto, estás a ouvir? sinto que tudo quanto passa se póde converter em moedas para quem tem sorte! E' o final da molestia. Não posso mais.

— Mas tu tens sido infeliz?

— Ainda o perguntas!

— Vejo-te sempre com algum dinheiro.

— Algum dinheiro que diminue, não cresce, mingua, não augmenta, encurta. Algum dinheiro,



sempre algum dinheiro para dar-me a angustiosa idéa de que se vae sumir de todo para nunca mais voltar. Algum dinheiro !... Era melhor não ter nenhum, era melhor viver sem uma moeda de cobre para não ter a esperança. Esse dinheiro que me dás em troca do suor da minha agonia é o chumbo que me prega ao desespero !

Então a Fortuna sorrio piedosamente.

— Tens razão. Mas que se ha de fazer? Os manuaes de enriquecer são mentiras. Para fazer dinheiro é preciso não pensar apenas em fazer dinheiro. O dinheiro está no fim das coisas ou no começo. Não se deve ser nem muito trabalhador nem muito ladrão. Mas é preciso ser as duas coisas a proposito, vivendo. Tu esqueceste de viver. Sem viver não se aproveita a occasião. Aquella carteira não era da pessoa que t'a tomou. Si soubesses viver, não a terias entregue. Fica sabendo, meu caro, que não basta querer ser rico para o conseguir. E' preciso saber guardar as carteiras e interessar-se pelos que as perderam.

— A Fortuna não deve philosophar.

— E' a unica coisa que não custa.

O homem que queria ser rico, simplesmente rico, sem outra qualidade, curvou a cabeça, ergueu-se, e deixou o banco onde estivera com a Fortuna. Ao sair, olhou para trás e ainda a vio, que lhe dizia adeus.

Nesse mesmo dia, ao passar por umas obras, cahio-lhe um andaime em cima, quebrando-lhe uma



perna. Remettido para o hospital, o homem exigio do dono do andaime uma indemnisação louca. Obteve-a. Estava com dinheiro grosso.

E desde então começou de enriquecer, convencido de que o que tem de ser tem muita força e que não são os que procuram a fortuna os que mais depressa a obtem...

---



Um mendigo original







## UM MENDIGO ORIGINAL

Morreu traz-ante-hontem, ás 7 da tarde, de uma congestão, o meu particular amigo, o mendigo Justino Antonio.

Era um homem consideravel, subtil e sordido, com uma rija organização cerebral que se estabelecia neste principio perfeito : a sociedade tem de dar-me tudo quanto gosa, sem abundancia mas tambem sem o meu trabalho — principio que não era socialista mas era cumprido á risca pela pratica rigorosa.

A primeira vez que vi Justino Antonio num alfarabista da rua de S. José, foi em dia de sabbado. Tinha um frack verde, as botas rotas, o cabello empastado e uma barba de propheta, suja e cheia de lendeas. Entrou, estendeu a mão ao alfarrabista.

— Hoje, não tem.

— Devo notar que ha já dois sabbados nada me dás.

— Não seja importuno. Já disse.

— Bem, não te zangues. Notei apenas porque a



recusa não foi para sempre. Este cidadão, entretanto, vae ceder-me quinhentos réis.

— Eu!

— Está claro. Fica com esta despesinha a mais : quinhentos réis aos sabbados. E' melhor dar a um pobre do que tomar um chopp. Peço, porém, para notares que não sou um mordedor, sou mendigo, esmolo, esmolo ha vinte annos. Tens deante de ti um mendigo authentico.

— E por que não trabalha?

— Porque é inutil.

Dei sorrindo a cedula. Justino não agradeceu, e quando o vimos pelas costas, o alfarrabista indignado prorompeu contra o malandrim que com tamanho descaro arrancava os nickeis á algibeira alheia. Achei original Justino. Como mendigo era uma curiosa figura perdida em plena cidade, capaz de permittir um pouco de fantasia philosophica em torno da sua diogenica dignidade. Mas o mendigo desaparecera, e só um mez depois, ao sahir de casa, encontrei-o á porta.

— Deves-me dois mil réis de quatro sabbados, e venho ver se me arranjas umas botas usadas. Estás estão em petição de miseria.

Fil-o entrar, esperar á porta da saleta, fornecilhe botas e dinheiro.

— E si me désses d'almoço?

Mandei arranjar um prato farto, e com a gula de descrevel-o, fui generoso.

— Vem para a mesa.



— A mesa e o talher são inutilidades. Não peço senão o que necessito no momento. Póde-se comer perfeitamente sem mesa e sem talher,

Sentou-se num degráo da escada e comeu gravemente o pratarraz. Depois pediu agua, limpou as mãos nas calças e desceu.

— Espera ahi, homem. Que diabo! Nem dizes obrigado.

— E' inutil dizer óbrigado. Só déste o que falta não te faria. E déste por vontade. Talvez fosse até por interesse. Déste-me as botas velhas como quem compra um livro novo. Conheço-te.

— Conheces-me?

— Não te enchas, vaidoso. Eu conheço toda a gente. Até para o mez.

— Queres um cópo de vinho?

— Não. Costumo embriagar-me ás quintas; hoje é segunda.

Confesso que o mendigo não me deixou uma impressão agradável. Mais era quanto possivel novo, inedito, com a sua grosseria e as suas attitudes de Socrates de ensinamentos. E diariamente lembrava a sua figura, a sua barba cheia de lendas... Uma vez vi-o na galeria da Camara, na primeira fila, assistindo aos debates, e na mesma noite, entrando num theatro do Rocio, o empresario desolado disse-me :

— Ah! não imaginas a vasante! E' tal que mandei entrar o Justino.

— Que Justino?



— Não conheces? Um mendigo, um typo muito interessante, que gosta de theatro. Chega á bilheteira e diz : « hoje não arranjei dinheiro. Posso entrar? » A primeira vez que me vieram contar a pilheria achei tanta graça que consenti. Agora, quando arranja dez tostões compra a senha sem dizer palavra e entra. Quando não arranja repete a phrase e entra. Um que mal faz?

Fui ver o curioso homem. Estava em pé na geral, prestando uma sinistra attenção ás facecias de certo comico.

— Justino, porque não te sentas?

— E' inutil. Vejo bem de pé.

— Mas o empresario...

— Contento-me com a generosidade do empresario.

— Mas na Camara estavas sentado.

— Lá é a communhão que paga.

Insisti no interrogatorio, a fallar da peça, dos actores, dos prazeres da vida, do socialismo, de uma porção de coisas futeis, a ver si o mendigo fallava. Justino conservou-se mudo. No intervallo convidei-o a tomar uma soda, por não ser quinta-feira.

— Soda é inutil. Estás a aborrecer-me. Vae embora.

Outra qualquer pessoa ficaria indignadissima. Eu curvei resignadamente a cabeça e abalei vexado.

A voz daquelle homem branca, fria, igual, no mesmo tom, era inexoravel.



— E' um typo o teu espectador, disse ao empresario.

— Ah!... ninguem lhe arranca palavra. Sabes que nunca me disse obrigado?

Eu andava precisamente neste tempo a interrogar mendigos para um inquerito á vida da miseria urbana e alguns dos artigos já haviam apparecido. Dias depois, estando a comprar charutos, entra pela tabacaria a dentro, o homem estranho.

— Queres um charuto?

— Inutil. Só fumo ás terças e aos domingos. Os charuteiros fornecem-me. Entrei para receber os meus dois mil réis atrasados e para dizer que não te mettas a escrever a meu respeito.

— Por que?

— Porque abomino a minha pessoa em letra de fórma, apesar de nunca a ter visto assim. Si fizeres a feia acção, sou forçado a brigar contigo, sempre que te encontrar.

A perspectiva de rolar na via publica com um mendigo, não me sorria. Justino faria tudo quanto disséra. Depois era um phenomeno de hypnose. Estava inteiramente dominado, escravizado áquella figura esphingetica da lama urbana, não tinha forças para resistir á sua calma e fria vontade. Oh! ouvir esse homem! Saber-lhe a vida!

Como certa vez entretanto, á 1 h. da noite, atravessasse o equivoco e silencioso jardim do Rocio, vi uma altercação num banco. Era o tempo em que a policia resolvera não deixar os vagabundos dor-



mirem nos bancos. Na noite de luar, dois guardas civis batiam-se contra um vulto esqualido de grandes barbas. Acerquei-me. Era elle.

— Vamos, seu vagabundo.

— E' inutil. Não vou.

— Vae á força!

— E' inutil. Sabem o que é este banco para mim? A minha cama de verão ha doze annos! De uma hora em deante, por direito de habito, respeitam-na todos. Tenho visto passar muito guarda, muito supplente, muito delegado. Elles vão-se, eu fico. Nem tu, nem o supplente, nem o commissario, nem o delegado, nem o chefe serão capazes de me tirar esse direito. Moro neste banco ha uma duzia de annos. Boa noite.

Os civis iam fazer uma violencia. Tive de intervir, convencel-os, mostrar autoridade, emquanto Justino, recostado e impassivel, dizia :

— Deixa. Elles levam-me eu volto.

Afinal os guardas accederam, e Justino deitou-se completamente.

— Foi inutil. Não precisava. Mas eu sou teu amigo.

— Meu amigo?

— Certo. Nunca te pedi nada que te pudesse fazer falta e nunca te menti. Fica certo. Sou o teu melhor amigo, sou o melhor amigo de toda a gente.

— E não gostas de ninguem.

— Não é preciso gostar para ser amigo. Amigo é o que não sacrifica.



E desde então comecei a sacrificar-me voluntariamente por elle, a correr á policia quando o sabia preso, a procural-o quando o não via e desesperado porque não acceitava mais de dois mil réis da minha bolsa, e dizia, inexoravel, a cada prova da minha sympathia.

— E' inutil, inteiramente inutil!

Durante tres annos dei-me com elle sem saber quantos annos tinha ou onde nascera. Nem isso. Apenas ao cabo de seis mezes consegui saber que fumava aos domingos e ás terças, embebedava-se ás quintas, ia ao theatro ás sextas e ás segundas, e todo dia á Camara. Nas noites de chuva dormia no chão! numa hospedaria; em noites seccas no seu banco. Nunca tomava banho, pedia pouco, e ao menor alarde de generosidade, limitava o alarde com o seu desolador: é inutil. Teria tido vida melhor? Fôra rico, sabio? Amára? Odiára? Soffrera? Ninguém sabia! Um dia disse-lhe:

— A tua vida é exemplar. E's o Budha contemporaneo da Avenida.

Elle respondeu:

— E' um erro servir d'exemplo. Vivo assim porque entendo viver assim. Condensei apenas os baixos instinctos da cobiça, exploração, depravação, egoismo em que se debatem os homens se na consciencia de uma vontade que se restringe e por isso é forte. Numa sociedade em que os parasitas tripudiam — é inutil trabalhar. O trabalho é de resto inutil. Resolvi conduzir-me sem idéas, sem



interesse, no meio do desencadear de interesses confessados e inconfessáveis. Sou uma especie de imposto minimo, e por isso nem sou malandro, nem mendigo, nem um homem como qualquer — porque não quero mais do que isso.

— E não amas?

— Nem a mim mesmo porque é inutil. Desses interesses encadeiados resolvi, em logar de explorar a caridade ou outro genero de commercio, tirar a percentagem minima, e dahi o ter vivido sem esforço com todos os prazeres da sociedade, sem invejas e sem excessos, despercebido como o invis vel. Que fazes tu? Escreves? Tempo perdido com pretensões a tempo ganho. Que gosas tu? Theatros, jantares, festas em exceso nos melhores logares. Eu goso tambem quando tenho vontade, no dia de porcentagem no logar, que quero — o menor, o insignificante — os theatros e tudo quanto a cidade póde dar de interessante aos olhos. Apenas sem ser apontado e sem ter odios.

— Que intelligencia a tua!

— A verdadeira intelligencia é a que se limita para evitar dissabores. Tu podes ter contrariedades Eu nunca as tive. Nem as terei. Com o meu systema, dispenso-me de sentir e de fingir, não preciso de ti nem de ninguem, retirando dos defeitos e das organizações más dos homens o subsidio da minha calma vida.

— E' prodigioso.

— E' um systema, que serias incapaz de prati-



car, porque tu és como todos os outros, ambicioso e sensual.

Quando soube da sua morte corri ao necroterio a fazer-lhe o enterro. Não era possível. Justino tinha deixado um bilhete no bolso pedindo que o enterrassem na valla commum « a entrada geral do espectáculo dos vermes ».

Sahi desolado porque essa creatura fôro a unica que não me dera nem me tirára, e não chorára, e não soffrera e não gritára, amigo ideal de uma cidade inteira fazendo o que queria sem ir contra pessoa alguma, livre de nós como nós livres d'elle, a dez mil leguas de nós, posto que ao nosso lado.

E tambem com certa raiva — porque não dizel-o? — porque o meu interesse fôra apenas o desejo teimoso de descobrir um segredo que talvez não tivesse.

Emfim, morreu. Ninguem sabia da sua vida, ninguem falou da sua morte. Um bem? Um mal?

Nem uma nem outra coisa, porque, afinal na vida tudo é inteiramente inutil...

---







○ Ultimo Burro







## O ULTIMO BURRO

Era o ultimo bonde de burros, um bondinho subitamente envelhecido. O cocheiro lerdo descansava as redeas, o recebedor tinha um ar de final de peça e o fiscal, com intimidade, conversava.

— Então paramos?

— E' a ultima viagem.

Estavamos numa rua triste e deserta. Vieramos do movimento allucinante de centenas de trabalhadores que em outra, á luz de grandes fócios, plantavam as calhas da tracção electrica e viamos com uma furia satanica ao cabo da rua silenciosa, outras centenas de trabalhadores batendo os trilhos.

Saltei, um pouco entristecido. Olhei o burro com evidente melancholia e pareceu-me a mim que esse burro, que finalisava o ultimo cyclo da tracção muar, estava tambem triste e melancholico.

O burro é de todos os animaes domesticos o que mais ingratidões soffre do homem. Bem se póde dizer que nós o fizemos o pária dos bichos. Como



elle tivesse a complacencia de ser humilde e de servir, os poetas jamais o cantaram, os fabulistas referem-se a elle com desprezo transparente, e cada um resolveu nelle encontrar a comparação de uma qualidade má.

— E' teimoso como um burro ! dizem, e de um sujeito estúpido : — que burro ! Cada bicho é um symbolo e o burro ficou sendo o symbolo da falta de intelligencia. Mas ninguem quiz ver que no burro o que parece insufficiencia de pensar é candura d'alma, e ninguem tem a coragem de notar a innocencia da sua dedicação.

Eu tenho uma certa sympathya por esse estranho soffredor. Ha homens infinitamente mais estúpidos que o burro e que entretanto até chegam a ser ricos e a ter camarote no Lyrico. Ha bichos muito menos dotados de intelligencia e que entretanto ganharam fama. A raposa é espertissima, quando no fundo é uma furia irreflectida, o boi é philosophico, o cavallo só falta fallar, quando de facto regulam com o burro, e a infinita serie de inutilidades do lar desde os gatos e fraldiqueiros aos passaros de gaiola tem a admiração pateta dos homens, quando essa admiração devia pender para o caso simples e doloroso do burro.

O burro é bom, é tão bom que a lenda o pôz no estabulo onde se pretende tenha nascido um grande sonhador a que chamam Jesus. O burro é resignado. Elle vem através da historia prestando serviços sem descansar e apanhando relhadas como



se fosse obrigação. Não é um, são todos. Eu conheço os burros de carroça, com o couro em sangue, suando, a puxar pesos violentos, e conheço os burros de tropa na roça, e os burros de bonds, magros e esfomeados. São fatalmente fiéis e resignados. Não lhes perguntam se comeram, se dormiram, se estão bem. Elles trabalham até rebentar, e até a sua morte é motivo de pouco caso. Para demonstrar nos conflictos, que não houve nada, sujeitos em furia dizem para os curiosos :

— Que olham? Morreu um burro!

O burro é carinhoso e familiar. Ide vêl-os nas limitadas horas de descanso. Deitam-se e rebolam na poeira como na grama, e beijam-se, beijam-se castamente, sem outro motivo, chegando até por vezes a brincar.

O burro é triste. O seu zurro é o mais confrangente grito de dor dos seres vivos; o ornejar de um gargolejar de soluços. O burro é intelligente. Examinae os burros das carroças de limpeza publica ás horas mortas, nas ruas desertas. Vae o varredor com a pá e a vassoura. E' burro de resignação. Vae o burro a puxar a carroça. E' o varredor pela intelligencia. São bem dois amigos, conhecem-se, conversam, e quando o primeiro diz ao segundo :

— Chó, pára!

Logo o burro pára, solidarios na humilde obra, comem os dous coitados.

Esse exemplo é diario. A historia cita o burro do sabio Ammonius em Alexandria, que assistindo



as aulas preferia ouvir um poema a comer um molho de capim.

O burro é pacífico. Si só houvesse burros jámais teria havido guerras. E para mostrar o cumulo da paciencia desse doce animal, é preciso accentuar que quasi todos gostam de ouvir musica. Um abade anonymo do seculo VII tratando do homem e dos animaes num livro em que se provava terem os animaes alma, diz que foram os animaes a ensinar ao homem tudo quanto elle desenvolveu depois. O burro ensinou o labor continuo e resignado, o labor dos pobres, dos desgraçados. Todo os bichos podem trabalhar, mas trabalham ufanos e fogosos como os cavallos ou com a gloria abacial dos bois. O burro está na poeira, lá em baixo, penando e soffrendo. Por isso quando se quer dar a medida immensa dos esforços de um coitado, diz-se :

— Trabalha como um burro !

Pobre quadrupede doloroso ! Não tem amores, não tem instinctos revoltados, não tem ninguem que o ame ! Quando cáe exaustão, para o levantar batem-lhe ; quando não póde puxar é a murros no queixos que o convencem. De facto, o homem domesticou uma série de animaes para ser delles servo. Esses animaes são na sua maioria uns refinados parasitas, com a alma ambigua de todo parasita, tenha pello ou tenha pelle ou tenha pennas. Os grandemente uteis dão muito trabalho. Só o burro não dá. E ninguem pensa nelle !

Aqui, entre nós, desde o Brasil colonia, foi elle o



incomparavel auxiliador da formação da cidade e depois o seu animador. O burro lembra o Rio de antes do Paraguay, o Rio do segundo imperio, o Rio do começo da Republica. Historicamente, approximou os pontos urbanos, conduzindo as primeiras viaturas publicas. Atrelaram-no á gondola, prenderam-no ao bonde. E elle foi a alma do bonde durante mais de cincoenta annos, multiplicando-se estranhamente em todas as linhas, formando familias, porque eram conhecidos os burros da jardim Botânico, os lerdos burros da S. Christovão, os magros e esfomeados burros da Carris.

O progresso veio e tirou-os fóra da primeira. Mas era um progresso prudente, nó tempo em que nós eramos prudentes. Vieram os allemães, vieram os assaltantes americanos, e na nuvem de poeira de tantas ruas abertas e estirpadas, carros electricos zuniram matando gente aos magotes, matando a influencia fundamental do burro. Eu via o ultimo burro que puxara o ultimo bond na velha disposição da viação urbana. E era para mim muito mais cheia de idéas, de recordações, de imagens do que estar na Camara a ouvir a rethorica balofa dos deputados.

Approximei-me então do animal amigo.

Certo, o burro é desses destinados ao olvido immediato. Entre a força electrica e a força das quatro patas não ha que escolher. Ninguem sentirá saudades das patas, com o desejo de chegar de pressa. O burro do bond não terá nem missa de



setimo dia após uma longa vida exaustiva de sacrificios incomparaveis. Que fará elle? Dáva-me vontade de perguntar-lhe, [no fim daquella viagem, que era a ultima :

— Que farás tu?

Resta-lhe o recurso dos varaes das carroças. Burro de bond além de especializado numa profissão formava a casta superior dos burros. Sahir do bond para o varal é decadencia. Tambem as carroças são substituidas por automoveis rapidos que supportam muito mais pezo. E ninguem falla dos monoplanos. Dentro de alguns annos monoplane e automovel tornarão lendarias as tropas com a poesia das madrinhas... Como as especies desapparecem quando lhes falha o meio e não as cuidam os homens, talvez o burro desappareça do mundo nas condições dos grandes saurios. Em breve não haverá nas cidades um nem para amostra.

As creanças conhecel-o-hão de estampas. Em tres ou quatros seculos ver um burro vivo será mais difficil do que ir a Marte.

Oh ! a tremenda, a colossal ingratição do egoismo humano ! Nós outros só damos importancia ao que alardeia o serviço que nos presta e aos parasitas. O burro na civilisação é como um desses escravos velhos e roidos, que não cessou um segundo de trabalhar sem queixumes. Vem o apparelho novo. Empurram-no.

— Sahe-te, toleirão !

E ninguem mais lembra os serviços passados.



Eu mesmo seria incapaz de pensar num burro tendo um electrico, apesar de considerar o doce e resignado animal o maior symbolo de uma paciente agglomeração existente em toda parte e a que chamam povo. — povo batido de cocheiros, explorado por moços de cavallariça, a conduzir malandros e idiotas, carregado de cargas e de impostos. Naquelle momento desejava saber o que pensava o burro. Mas de certo elle talvez não soubesse que era o ultimo burro que pela ultima vez puxava o ultimo bondinho do Rio, finalizando alli a acção geral do burro na viação e na civilisação urbanas. Tudo quanto pensára era de facto literatura morbida, porque nem os burros por ella se interessariam nem os homens teriam a gratidão de pensar no animal amigo, mandando fazer-lhe um monumento ao menos. O homem nem sabia, pois o caso não fôra annunciado. Aquelle burro representativo talvez pensasse apenas na baia — que é o ideal na vida para os burros e para todas as outras especies vivas.

Assim, sentindo por elle a angustiosa, a torturante, a despedaçante sensação da grande utilidade que se faz irrevogavelmente inutil, eu estava como a vêl-o boiar na maré cheia da velocidade, como os detricos que vão ter á praia, como os deputados que deixam de agradar ás olygarchias, como os amigos dos governos que caem, como os sujeitos desempregados. Quanta coisa esse burro exprimia!

Então peguei-lhe a queixada, quiz guardar-lhe



a phisionomia, posto que elle teimasse em não m'a deixar ver bem. Mas como, na outra rua, retinisse o annuncio de um electrico estuguei o passo, larguei o burro sem saudade — eu tambem ! sem indagar ao menos para onde levariam esse animal encarregado de acto tão concludente das prerogativas da sua especie, sem mesmo lembrar que eu vira o ultimo burro do ultimo bondinho na sua ultima viagem urbana...

E assim é tudo na vida apresada.

---



O Dia de um homem em 1920







## O DIA DE UM HOMEM EM 1920

Dentro de tres mezes as grandes capitaes terão um serviço regular de bonds aereos denominados « aerobus ». O ultimo invento de Marconi é a machina de stenographar. As occupações são cada vez maiores, as distancias menores e o tempo cada vez chega menos. Deante desses successivos inventos e da nevrose de pressa hodierna, é facil imaginar o que será o dia de um homem superior dentro de dez annos, com este vertiginoso progresso que tudo arrasta...

O Homem superior deitou-se ás tres da manhã. Absolutamente enervado por ter de aturar uma ceia com champagne e algumas cocottes millionarias, falsas da cabeça aos pés porque é falsa a sua côr, são falsas as olheiras e sobrancelhas, são falsas as perolas e falsa a tinta do cabelo nessa occasião, por causa da moda, em todas as bellezas profissionaes « beije foncé ». Accorda ás seis, ainda meio escuro por um movimento convulsivo dos colchões e um jacto de luz sobre os olhos produzido pelo despertador electrico ultimo modelo de um trust pavoroso.



— Caramba ! Já seis !

Aperta um botão e o creado mudo abre-se em fôrma de mesa apresentando uma taça de café minúscula e um calix tambem minúsculo do elixir nevrosthénico. Dois goles; ingere tudo. Salta da cama, toca noutro botão, e vae para deante do espelho applicar á face a navalha maravilhosa que em trinta segundos lhe raspa a cara. Caminha para o quarto de banho, todo branco, com uma porção de aparelhos de metal. Ahi o espera um homem que parece ser o creado.

— Gymnastica sueca, ducha escosseza, jornaes.

Entrega-se á gymnastica olhando o relógio. De um canto, ouve-se uma voz phonographica de leilão.

— Ultimas noticias : hoje, á 1 da manhã incendio quarteirão léste, 40 predios, 700 feridos, virtude máo funcionamento Corpo de Bombeiros. Seguro predios 10 mil contos. Acções Corpo baixaram. Hoje 2 12 um *aerobus* rebentou no ar perto do Leme. As 12 e 45 presidente recebeu telegramma encommenda prompta Allemanha, 500 aeronaves de guerra. O cinematographo Pão de Assucar em sessão continua estabeleceu em suportes de ferro mais cinco salas. Annuncia se o crack da Companhia da Exploração Geral das Zonas Aereas do Estreito de Magalhães. Em excavações para o Palacio da Companhia do Motu Continuo foi encontrado o esqueleto de um animal domestico nas civilisações primitivas : o burro.



Installou-se neste momento por quinhões, a Sociedade Anonyma das Cosinhas Aereas no Turkestan. O movimento hontem nos trens subterraneos foi de tres milhões de passageiros. As acções baixam. O movimento de aerobus de oito milhões havendo apenas vinte desastres. O record da velocidade : chega-nos da Republica do Congo com tres dias de viagem apenas no seu aeroplano de *course* o notavel embaixador Zambeze. Foi lançada na Cafraria a moda das toilettes pyrilampe feitas de tussór luminoso. Fundaram-se hontem trezentas companhias, quebraram quinhentas, morreram cinco mil pessoas. Com a avançada idade de 38 annos, o marechal Ferrabraz deu hontem o seu primeiro tiro acertando por engano na cara do seu maior amigo o venerando coronel Saavedra. Impossivel a cura, applicou-se a elotrocução...

Dez minutos. O Homem superior está vestido. O jornal pára de fallar. O Homem bate o pé e desce por um ascensor ao 17 : andar onde estão a trabalhar quarenta secretarios.

Ha em cada estante uma machina de contar, e uma machina de escrever o que se falla. O Homem superior é presidente de cincoenta companhias, director de tres estabelecimentos de negociações licitas, intendente geral da Compra de Propinas, chefe do celebre jornal *Electro Rapido* com uma edição diaria de seis milhões de telephonographos a domicilio, fóra os quarenta mil phonographos



informadores das praças, e a rede gigantesca que liga ás principaes capitaes do mundo em agencias colossaes. Não se conversa, O systema de palavras é por abreviatura.

— Desminta S. C. Aereas. Ataque governo senil vinte nove annos. Somme. Escreva.

Os empregados que não sabem escrever, entregam á machina de contar a operação emquanto falam para a machina de escrever.

Depois o homem superior almoça algumas pilulas concentradas de poderosos alimentos, sóbe ao 30 andar num ascensor e lá toma o seu coupé aereo que tem no vidro da frente em reproducção cinematographica os ultimos acontecimentos. São visões instantaneas. Elle tem que fazer passeios de inspecção ás suas multiplas empresas com receio de que o roubem, receio que aliás todos tem um dos outros. O secretario ficou encarregado de fazer oitenta visitas telephonicas e de sensibilisar em placas phonographicas as respostas importantes. Antes de chegar ao « bureau » da sua Companhia do Chá Paulista, com séde em Guaratinguetá, o apparelho Marconi installado no forro do coupé communica:

— « Mandei fazer quinze vestidos tussor luminoso. Tua Bertha. »

— « Ordem Paquin dez vestidos pyrilampos. Condessa Antonia. »

— « Asylo dos velhos de trinta annos fundado embaixatriz da Argelia dia completou 12 anniversario, pede protecção. »



— « Governo espera ordem negocio aeroplanos. »

— « Casa 29 das Creanças Ricas informa fallecimento sua filha Emma. »

— « Guerra cavallaria aerea riograndense cessada fantasma Pinheiro miragem. »

O Homem superior aproveita um minuto de interrupção do transito aereo pelo silvo do velocipaereo do civil de guarda da Inspectoria de Vehiculos no Ar e responde successivamente :

— Sim, sim, sim. Perfeito. Enterro primeira classe communique Mulher Superior, Cortejo Carpideiras Electricas. Occulte noticia cavallaria entrevista fantasma.

E continúa a receber telagrammas e a responder quer ao ir quer ao voltar da companhia onde se produz um kilo de chá por minuto para abafar a producção da republica chinesa, porque todas as senhoras, sem ter nada que fazer (nem mesmo com os maridos), levam a vida a tomar chá — o que segundo o Conselho Medico embelleza a cutis e adoça os nervos. Esse Conselho de certo, o Homem comprou por muitos milhões e foi até aquella data o unico Conselho de que precisou. A sciencia *super omnia...*

Ao chegar de novo ao escriptorio central das suas empresas, tem mais a noticia da gréve dos homens do mar contra os homens do ar. Os empregados das docas revoltam-se contra a insuficiencia dos salarios : 58 \$500 por dia de cinco horas desde que os motoristas aereos estão ganhando talvez o



dobro. O Centro Geral Socialista, de que o Homem superior é superiormente socio benemerito, concorda que os vencimentos devem ser igualados numa cifra maior que a dos homens do ar. Qual a sua opinião? E' preciso pensar! Sempre a questão social! Si houvesse uma machina de pensar? Mas ainda não ha! Elle tem que resolver, tem que dar a sua opinião, opinião de que dependem exercitos humanos. Ao lado da sua ambição, do seu motor interno deve haver uma bussola, e elle se sente, olhando o ar, donde fugiram os passaros, igual a um desses animaes de aço e carne que se debatem no espaço. Não é gente, é um aparelho.

Então, esquecido das coisas frivolas, inclusive do enterro da filha, telephona para o *atelier* do grande chimico a quem sustenta vae para cinco annos na esperança de realisar o sonho de Lavoisier: o homem surgindo da retorta; e volta a trabalhar, parado, mandando os outros, até á tarde.

Depois, sóbe a relogio, ducha-se, veste uma casaca. Deve ter um banquete solemne, um banquete de alimentos breves, inventado pela Sociedade dos Vegetaristas, cuja descoberta principal é a cenoura em confeitos.

O Homem superior apparece, é amavel. A sua casa de jantar é uma das maravilhas da cidade, toda de crystal transparente para que poderosos reflectores electricos possam dar aos convidados por meio de combinações habeis, impressões imprevistas; reproducções de quadros celebres, colorações cam-



biantes, fulgurações de incendio e prateados tons de luar. No *coup du milieu*, um sorvete amargo que ninguém prova, a casa é um *iceberg* tão exacto que as damas tremem de frio; no cognac final, que ninguém toma por causa do arthritismo, o salão inteiro flamba n'um incendio de cratera. Para cada prato vegetal ha uma certa musica ao longe que ninguém ouve por ser muito enervante.

As mulheres tratam negocios de modas desde que não têm mais a preocupação dos filhos. Algumas, as mais velhas dedicam-se a um genero muito usado outr'ora pelos desoccupados : a composição de versos. Os homens degladiam-se pollidamente, a ver quem embrulha o outro. O Homem superior, de alguns, nem sabe o nome. Indica-os por uma letra ou por um numero. Conhece-os desde o collegio. Insensivelmente, acabado o jantar, aquellas figuras sem a menor cerimonia partem em varios aeroplanos.

— Já sabes da morte Emma?

— Communicaram-me, diz a Mulher superior. Tenho de descer á terra?

— Acho prudente, Os convites são feitos, hoje, pelo jornal.

— Pobre creança ! E o governo !?

— Submette-se.

— Ah ! Mande fazer...

— Uns vestidos pyrilampos?

— Já sabes?

— E'a moda.



— Sabes sempre tudo...

O Homem superior sóbe no ascensor para tomar o seu *coupé* aereo. Mas sente uma tremenda pontada nas costas.

Encosta-se ao muro branco e olha-se num espelho. Está calvo, com uma dentadura postiça, e corcova. Os olhos sem brilho, os beiços molles, as sobranceiras grisalhas.

E' o fim da vida. Tem 30 annos. Mais alguns mezes e estalará. E' certo. E' fatal. A sua fortuna avalia-se numa porção de milhões. Sob os seus pés fracos um Hymalaia de carne e sangue arqueja. Si descansasse?... Mas não póde. E' da engrenagem. Dentro do seu peito estrangularam-se todos os sentimentos. A falta de tempo, numa ambição desvairada que o faz querer tudo, a terra, o mar, o ar, o céo, os outros astros para explorar para apanhal-os, para condensal-os na sua algibeira, impelle-o violentamente. O Homem rebenta de querer tudo de uma vez, querer apenas, sem outro fito sinão o de querer, para aproveitar o tempo reduzindo o proximo. Faz-se necessario ir á via terrestre que o seu rivalmillionario arranjou em pontes pensis, com jacarandás em jarras de crystal e canelleiras artificiaes. Nem mesmo vae ver as amantes. Tambem para que?...

De novo toma o *coupé* aereo e parte, para voltar tarde, de certo, emquanto a Mulher superior, em baixo, na terra procura materialmente conservar a especie com um joven conductor de machinas de 12 annos, que ainda tem cabellos.



Vae, de repente com um medo convulsivo de que o coupé abalroe um dos formidaveis aerobus, atulhados de gente, em disparada pelo azul sem fim, aos roncós.

— Para? indaga o motorista com a vertigem das alturas.

— Para frente! Para frente! Tenho pressa, mais pressa. Caramba! Não se inventará um meio mais rapido de locomoção?

E cae, arfando, na almofada, os nervos a latejar, as temporas a bater, na ancia inconsciente de acabar, de acabar, de acabar, emquanto por todos os lados, em disparada convulsiva, de baixo para cima, de cima para baixo, na terra, por baixo da terra, por cima da terra, furiosamente, milhões de homens disparam na mesma ancia de fechar o mundo, de não perder o tempo, de ganhar, lucrar, acabar...

---







## INDICE

---

A era do automovel.....	1
O povo e o momento.....	13
O amigo dos estrangeiros.....	33
O Chá e as visitas.....	45
Os Sentimentos dos estudantes d'Agora.....	55
O Reclamo moderno.....	69
Modern Girls.....	85
A Crise dos creados.....	97
O Muro da vida privada.....	113
Jogatina.....	125
Os Livres acampamentos da miseria.....	141
O Bem das viagens.....	153
Esplendor e miseria do jornalismo.....	169
Cabotinos.....	181
A má lingua.....	197
Feminismo activo.....	207
O Trabalho e os parasitas.....	221
As Impressões do boróro.....	237
O Sr. patriota.....	253
Um grande Estadista.....	265
O fim de um symbolo.....	283
O homem que queria ser rico.....	299
Um mendigo original.....	309
O ultimo burro.....	321
O Dia de um homem em 1920.....	331



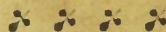








# OBRAS DE JOÃO DO RIO



*Religiões no Rio*, 8ª edição.

*Alma encantadora das ruas*, 3ª edição.

*Momento literario.*

*Jornal de verão.*

*Cinematographo* (chronicas cariocas).

*Frivola City* (chronicas mundanas).

*Os dias passam* (chronicas).

*Fados e Canções de Portugal.*

*Portugal d'agora* (impressões de viagem).

*Psychologia Urbana* (conferencia).

*Dentro da noite* (contos).

*Profissão de Jacques Pedreira* (romance).

*Traducção das obras em prosa de Oscar Wilde:*

Salomé, Retracto de Dorian Gray, Theatro,  
Intenções.































